

Universidade Federal de Pernambuco

Centro de Educação

Programa de Pós-graduação em Educação

LÚCIO ENRICO VIEIRA ATTIA

**DAR-RECEBER-RETRIBUIR: A PEDAGOGIA DA
FESTA NA CASA DE DONA DÁ - FESTA POPULAR E
EDUCAÇÃO INFORMAL NA PERSPECTIVA DO
SISTEMA DÁDIVA**

Recife, 2025

Universidade Federal de Pernambuco

Centro de Educação

Programa de Pós-graduação em Educação

**DAR-RECEBER-RETRIBUIR: A PEDAGOGIA DA
FESTA NA CASA DE DONA DÁ - FESTA POPULAR E
EDUCAÇÃO INFORMAL NA PERSPECTIVA DO
SISTEMA DÁDIVA**

Tese de Doutorado apresentada ao
Programa de Pós-graduação em
Educação da Universidade Federal
de Pernambuco como requisito para
titulação do grau de Doutor em
Educação, sob a orientação do Prof.
Dr. Alexandre Simão de Freitas.

Recife/2025

.Catalogação de Publicação na Fonte. UFPE - Biblioteca Central

Attia, Lucio Enrico Vieira.

Dar-receber-retribuir: a pedagogia da Festa na Casa de Dona Dá - festa popular e educação informal na perspectiva do sistema dádiva / Lucio Enrico Vieira Attia. - Recife, 2025.

184f.: il.

Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2025.

Orientação: Alexandre Simão de Freitas.

Inclui referências e apêndices.

1. Festas populares; 2. Educação informal; 3. Sistema Dádiva; 4. Pedagogia da festa; 5. Encontro de Bois de Olinda. I. Freitas, Alexandre Simão de. II. Título.

UFPE-Biblioteca Central

LÚCIO ENRICO VIEIRA ATTIA

DAR-RECEBER-RETRIBUIR: A PEDAGOGIA DA FESTA NA CASA DE DONA DÁ. FESTA POPULAR E EDUCAÇÃO INFORMAL, NA PERSPECTIVA DO SISTEMA DÁDIVA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de doutor em Educação.

Aprovado em: 01/04/2025

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Alexandre Simão de Freitas (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco
[Participação por videoconferência]

Prof.^a Dr.^a Ana Lúcia da Silva Enne (Examinadora Externa)
Universidade Federal Fluminense
[Participação por videoconferência]

Prof. Dr. Paulo César Rodrigues Carrano (Examinador Externo)
Universidade Federal Fluminense
[Participação por videoconferência]

Prof.^a Dr.^a Rosângela Tenório de Carvalho (Examinadora Interna)
Universidade Federal de Pernambuco
[Participação por videoconferência]

Prof. Dr. Silas Carlos Rocha da Silva (Examinador Externo)
Universidade Federal Rural de Pernambuco
[Participação por videoconferência]



Emitido em 30/04/2025

APROVACAO DA BANCA Nº 60/2025 - PPGEDU (11.45.07)

(Nº do Protocolo: NÃO PROTOCOLADO)

(Assinado digitalmente em 30/04/2025 14:32)

MONICA VANESSA DE JEZUS BEZERRA

ASSISTENTE EM ADMINISTRACAO

PPGEDU (11.45.07)

Matrícula: ###407#1

Visualize o documento original em <http://sipac.ufpe.br/documentos/> informando seu número: **60**, ano: **2025**, tipo:
APROVACAO DA BANCA, data de emissão: **30/04/2025** e o código de verificação: **cc97023593**

Dedicatória

Dedico este trabalho à minha família.

Meu pai [*in memoriam*] e minha mãe, por plantarem as sementes, e terem sempre me estimulado a seguir adiante;

Minha esposa, Mônica, por escolher, diariamente, trilhar os caminhos da vida junto comigo, mesmo nos momentos mais difíceis [incluindo a escrita da tese];

E muito especialmente aos nossos filhos gêmeos, João Pedro e João Emanuel, “Pedrim” e “Manú”, que com sua alegria e intensidade, nos convocam a viver o tempo presente e fazer o ciclo da Dádiva girar.

Agradecimentos

Italo Calvino, em seu “Cidades Invisíveis” escreve que é preciso “tentar saber reconhecer quem e o que, no meio do inferno, não é inferno, e preservá-lo, e abrir espaço”.

Nesta intenção, expresso meus agradecimentos.

À minha família, em geral, pelo estímulo na concretização deste projeto coletivo de melhorias das condições de vida por meio do estudo e; para além dos agradecimentos à família, devo gratidão eterna, específica e especialmente à Mônica, minha esposa, que muitas vezes cuidou sozinha dos gêmeos - enquanto eu corria contra o tempo para escrever, em meio ao caos que vivíamos juntos, em nossas vidas.

Neste sentido, eu precisaria agradecer a inúmeras pessoas, que me ajudaram ao longo da saga que foi a vida, desde a pandemia, no processo de escrita desta pesquisa; contudo, no meio de tantas situações-limite vivenciadas, devo agradecer especialmente à Anamélia Rocha, Juliene Brasileiro, Kyoma Oliveira, Lenivaldo Oliveira e Ohana Boy por seu apoio constante. Saibam que sem o cuidado e a presença ativa de vocês, ainda que, da maioria, à distância, eu não teria chegado aqui. Como canta Emicida, “quem tem um amigo tem tudo”!

À toda equipe da Rádio Frei Caneca - a rádio pública do Recife, pela programação. Em especial, à Gabriele Alves, “aquecendo” o dia, com o “BR-101.5”, e Janaína Serra, com o “Relicário”, uma ode à beleza, no fim das tardes, que com sua energia, me ajudaram a manter o ritmo da vida.

Preciso agradecer muito especialmente também à Alexandre Simão de Freitas, por ter, desde sempre, me estimulado e acolhido, desde a realização de sua disciplina, quando um de seus “demônios”, como ele mesmo diz, “jogou no meu colo” um texto sobre a Dádiva, para apresentar; passando posteriormente pela orientação; até finalmente, nos últimos meses, se tornar o orientador desta pesquisa, mesmo quando tudo parecia que ia dar errado, confiando no “Espírito da Dádiva”. Mía Couto, escritor moçambicano, em "Um Rio Chamado Tempo, uma Casa Chamada Terra" escreve que “A vida apenas tem encontros; tudo o resto são descoincidências”. Alexandre, grato DEMAIS à vida por ter te encontrado!

Devo agradecer também à Universidade Federal de Pernambuco, que me possibilitou a redução de jornada de trabalho, para estudar, assim como concedeu a Licença Capacitação para desenvolver a escrita. Da mesma forma, mais recentemente, preciso agradecer também aos meus companheiros de trabalho do Escritório Estadual do Ministério da Cultura em Pernambuco, quando, mais uma vez, estando eu, no “olho do furacão”, terem aliviado a carga de trabalho nos momentos em que mais precisei.

Por último, porém não menos importantes, agradeço a todas as pessoas interlocutoras da pesquisa que fazem o *Encontro de Bois* acontecer. Sem vocês esta pesquisa não existiria. Saibam que a festa foi fundamental para me ajudar a me reencontrar nos momentos mais difíceis.

Epígrafe

Se coisas são dadas e retribuídas, é porque se dão e se retribuem 'respeitos' - podemos dizer igualmente 'cortésias'. Mas é também porque as pessoas se dão ao dar; e, se as pessoas se dão, é porque se 'devem' - elas e seus bens - aos outros¹.

¹ MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a Dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/1888?show=full> Acesso em 30 set 2015

Resumo

A pesquisa convida a repensar as abordagens tradicionais da educação ao demonstrar o potencial educativo das festas populares, por meio do estudo do *Encontro de Bois de Olinda*, sob a perspectiva do sistema dádiva, proposto por Marcel Mauss. A reflexão partiu da observação de que ao articular os temas da Festa e da Educação, no escopo da Educação, apesar dos processos formativos da *Educação Informal* terem reconhecimento, eles são compreendidos como não intencionais. Além disso, percebeu que há uma carência de estudos que abordem as *festas populares* como espaços educativos em sua própria ambiência, delimitados por esta modalidade educativa. Portanto, a investigação busca preencher essas lacunas, ao investigar como o *Encontro de Bois de Olinda*, um evento festivo que ocorre anualmente na Quarta-feira de Cinzas, no âmbito da *Educação Informal*, reflete uma *pedagogia da festa*, baseada no sistema dádiva, por meio da trílice operação dar-receber-retribuir, tendo em vista que este sistema de reciprocidade visa, intencionalmente, criar laços entre as pessoas participantes. A tese tem como objetivo geral delimitar analiticamente a dimensão educativa das *festas populares* apreendidas como um campo de estudos da *Educação Informal*. Especificamente, busca refletir sobre as *festas populares* como uma dimensão da *Educação Informal*, identificando seus processos pedagógicos; apreender os principais efeitos formativos disseminados pelo *Encontro de Bois* na construção de identidades e memórias da noite de Quarta de Cinzas em Olinda; e também descrever a experiência do *Encontro de Bois*, a fim de realizar a proposição de uma pedagogia da festa. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, de natureza teórico-empírica e de caráter exploratório. Utiliza a metodologia da História Oral, realizando entrevistas com cinquenta participantes do *Encontro de Bois*, incluindo organizadores, brincantes e observadores. Além disso, se vale da observação participante, do diário de campo e da análise de documentos, como fotos, mapas e matérias jornalísticas. A análise do material revela a centralidade da tríade dar-receber-retribuir para a continuidade do *Encontro de Bois* e o quanto que o *espaço de sociabilidade*, criado a partir da dádiva, favorece as relações de ensino-aprendizagem compartilhada. As pessoas participantes destacam a importância do acolhimento e da construção de afetos de reciprocidade e reconhecimento mútuo como elementos que fortalecem os laços comunitários e promovem a construção de identidades únicas na noite de Quarta de Cinzas, em Olinda. A pesquisa argumenta, que a pedagogia da festa, no *Encontro de Bois*, manifesta sua dimensão educativa por meio de rituais, performances e interações sociais; e assim, esta *festa popular* se torna um espaço de celebração de encontros de troca e aprendizado, onde as pessoas participantes exprimem valores, desenvolvem habilidades e constroem um senso de pertencimento.

Palavras-chave: Festas Populares; Educação Informal; Sistema Dádiva; Pedagogia da Festa; Encontro de Bois de Olinda.

Resumen

La investigación invita a repensar los enfoques tradicionales de la educación al demostrar el potencial educativo de las fiestas populares, a través del estudio del Encuentro de Bois de Olinda, desde la perspectiva del sistema del don propuesto por Marcel Mauss. La reflexión partió de la observación de que al articular los temas de la Fiesta y la Educación, en el ámbito de la Educación, a pesar del reconocimiento de la importancia de los procesos formativos de la Educación Informal, se comprende como no intencional. Además, se percibió que existe una carencia de estudios que aborden las fiestas populares como espacios educativos en su propio ambiente, delimitados por esta modalidad educativa. Por lo tanto, la investigación busca llenar estos vacíos al investigar cómo el Encuentro de Bois de Olinda, un evento festivo que ocurre anualmente el Miércoles de Ceniza, en el ámbito de la Educación Informal, refleja una pedagogía de la fiesta, basada en el sistema del don, a través de la triple operación dar-recibir-retribuir, teniendo en cuenta que este sistema de reciprocidad tiene como objetivo, intencionalmente, crear lazos entre las personas participantes. La tesis tiene como objetivo general delimitar analíticamente la dimensión educativa de las fiestas populares aprehendidas como un campo de estudios de la Educación Informal. Específicamente, busca reflexionar sobre las fiestas populares como una dimensión de la Educación Informal, identificando sus procesos pedagógicos; aprehender los principales efectos formativos diseminados por el Encuentro de Bois en la construcción de identidades y memorias de la noche del Miércoles de Ceniza en Olinda; y también describir la experiencia del Encuentro de Bois, con el fin de realizar la proposición de una pedagogía de la fiesta. La investigación adopta un enfoque cualitativo, de naturaleza teórico-empírica y de carácter exploratorio. Utiliza la metodología de la Historia Oral, realizando entrevistas con cincuenta participantes del Encuentro de Bois, incluyendo organizadores, participantes y observadores. Además, se vale de la observación participante, del diario de campo y del análisis de documentos, como fotos, mapas y materiales periodísticos. El análisis del material revela la centralidad de la tríada dar-recibir-retribuir para la continuidad del Encuentro de Bois y cuán favorable es el espacio de sociabilidad creado a partir del don para las relaciones de enseñanza-aprendizaje compartida. Las personas participantes destacan la importancia de la acogida y la construcción de afectos de reciprocidad y reconocimiento mutuo como elementos que fortalecen los lazos comunitarios y promueven la construcción de identidades únicas en la noche del Miércoles de Ceniza en Olinda. La investigación argumenta que la pedagogía de la fiesta en el Encuentro de Bois manifiesta su dimensión educativa a través de rituales, actuaciones e interacciones sociales; y así, esta fiesta popular se convierte en un espacio de celebración de encuentros de intercambio y aprendizaje, donde las personas participantes expresan valores, desarrollan habilidades y construyen un sentido de pertenencia.

Palabras clave: Fiestas populares; educación informal; sistema del don; pedagogía de la fiesta; Encuentro de Bueyes de Olinda.

Abstract

The research invites a rethinking of traditional approaches to education by demonstrating the educational potential of popular festivals, through the study of the Encontro de Bois de Olinda, from the perspective of the gift system proposed by Marcel Mauss. The reflection stemmed from the observation that when articulating the themes of Festival and Education, in the field of Education, despite the recognition of the importance of the formative processes of Informal Education, it is understood as unintentional. In addition, it was noticed that there is a lack of studies that address popular festivals as educational spaces in their own environment, delimited by this educational modality. Therefore, the investigation seeks to fill these gaps by investigating how the Encontro de Bois de Olinda, a festive event that takes place annually on Ash Wednesday, within the scope of Informal Education, reflects a pedagogy of the festival, based on the gift system, through the triple operation of giving-receiving-returning, given that this system of reciprocity intentionally aims to create bonds between the participating people. The thesis aims to analytically delimit the educational dimension of popular festivals apprehended as a field of studies of Informal Education. Specifically, it seeks to reflect on popular festivals as a dimension of Informal Education, identifying their pedagogical processes; apprehend the main formative effects disseminated by the Encontro de Bois in the construction of identities and memories of Ash Wednesday night in Olinda; and also describe the experience of the Encontro de Bois, in order to carry out the proposition of a pedagogy of the festival. The research adopts a qualitative approach, of a theoretical-empirical nature and exploratory character. It uses the methodology of Oral History, conducting interviews with fifty participants of the Encontro de Bois, including organizers, players and observers. In addition, it uses participant observation, field diary and analysis of documents, such as photos, maps and journalistic materials. The analysis of the material reveals the centrality of the giving-receiving-returning triad for the continuity of the Encontro de Bois and how the space of sociability created from the gift favors the relations of shared teaching-learning. The participating people highlight the importance of welcoming and building affections of reciprocity and mutual recognition as elements that strengthen community bonds and promote the construction of unique identities on Ash Wednesday night in Olinda. The research argues that the pedagogy of the festival at the Encontro de Bois expresses its educational dimension through rituals, performances and social interactions; and thus, this popular festival becomes a space for celebrating exchange meetings and learning, where the participating people express values, develop skills and build a sense of belonging.

Keywords: Popular festivals; informal education; gift system; pedagogy of the festival; Olinda Ox Meeting.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

PARTE I - APRESENTANDO O CONTEXTO DE REALIZAÇÃO DA PESQUISA	11
PARTE II - APRESENTANDO A PESQUISA	14
(DÁ)R UMA FESTA E INICIAR O CICLO DA DÁDIVA	35
CRIAR UM BOI E RECEBER UM TROFÉU: EDUCANDO PELA RECIPROCIDADE	57
RETRIBUIR A ALIANÇA ESTABELECIDADA: LAÇOS DE CONFRATERNIDADE.....	85
CONCLUSÃO: A PEDAGOGIA DA FESTA	158
REFERÊNCIAS	166
APÊNDICE A - LISTAGEM DE PESSOAS ENTREVISTADAS.....	173
APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTAS.....	181

INTRODUÇÃO

PARTE I - APRESENTANDO O CONTEXTO DE REALIZAÇÃO DA PESQUISA

Esta Tese que você agora lê, retrata um tempo. Na verdade ela conjuga múltiplas temporalidades em prol deste escrito: o tempo da pesquisa, do trabalho, da vida, dos cuidados com família, e por que não dizer desde já, da vivência dos ciclos da dádiva.

Nos agradecimentos, citei Italo Calvino, utilizando a passagem de seu texto que aciona a imagem do inferno, como sinônimo de todas as dificuldades enfrentadas na vida, para agradecer a todo apoio recebido e que, de fato, me fizeram concluir este trabalho.

Inferno, neste texto, utilizados como sinônimo de caos e dificuldades não são apenas metáforas; imagens em busca de conferir mais dramaticidade à escrita. São designações de uma vivência que atravessou e impactou toda a investigação, a tal ponto de me fazer sentir a necessidade de escrever uma carta à banca de defesa da Tese, explicando, resumidamente, o contexto de realização da pesquisa que, naquele momento, seria por ela avaliada.

Carta esta que decidi incorporar à versão final deste texto. Não como um pedido de desculpas, ou de valorização do esforço de realização do trabalho; mas como um testemunho do período histórico da Covid-19, que impactou toda a humanidade, que, por consequência, incluiu a realização desta investigação.

Para além deste aspecto, historicamente, é muito comum os relatórios de pesquisa omitirem as condições de sua realização; pois ao mesmo tempo em que simulam em sua narrativa uma elaboração quase que abstrata - desconectada da vida da pessoa que faz a pesquisa - ocultando suas condições materiais de realização; as exigências acadêmicas que cada vez mais são impostas às pessoas pesquisadoras, praticamente dão a entender que a pesquisa é A VIDA desta pessoa - independente do que ela estiver passando em seu dia-a-dia - e não somente mais um componente de sua existência. O lugar que ela deve realmente ter.

Esta Tese buscou o equilíbrio. O caminho do meio entre a produção intelectual e o cotidiano atribulado, vivenciado em meio à experiência pandêmica e seus desdobramentos, com reflexos até o dia de hoje, enquanto escrevo este texto. Por essa razão, ela é um trabalho de corpo inteiro, e também por isso, esta escrita é também um ato político-existencial.

Carta à banca de defesa da tese

Prezadas pessoas componentes da banca de avaliação,

Gostaria muito de, desde já, agradecer a participação de vocês na banca de defesa da tese “Dar-receber-retribuir: a Pedagogia da Festa na casa de Dona Dá - festa popular e educação informal na perspectiva do sistema dádiva”.

Inicialmente esta carta que agora endereço à vocês seria um preâmbulo da pesquisa, onde eu faria um relato apresentando todos os percalços vividos durante o percurso da tese, que impactaram diretamente na pesquisa. Eu faria uma articulação com a produção de Débora Diniz, em sua “banquinha acadêmica” e o “carta de uma orientadora”; assim como com a produção de Robson Cruz, o livro “diário de um artigo inacabado”; mas devido ao tempo, não foi possível, e optei por esta carta. O texto se chamaria “Relato de uma tese QUASE inacabada”. E de fato, foi quase isso. Desde a pandemia minha vida se tornou uma sucessão de reviravoltas que me faz constantemente buscar voltar ao equilíbrio.

Eu, que sempre fiz muitas coisas ao mesmo tempo e, sinceramente não me recordo de, em algum momento da vida estar fazendo uma coisa só: estudando, trabalhando, ensaiando, apresentando, escrevendo, pesquisando, fazendo renda extra; de repente me vi [vejo] tendo que lidar com inúmeras frentes que exigiam de mim um nível de atenção e descarga emocional como eu nunca havia vivido antes. Para dar um tom mais leve a este escrito, eu, que costumava dizer “manda mais que tá pouco!” para as inúmeras demandas que chegavam, de repente me vi pensando “calma vida, tá de boa!”. Pois foi isso, nunca mais pedi por mais...

De maneira breve, desde a pandemia, com o falecimento do meu pai e minha tia, meu núcleo familiar do lado materno da família, que já era muito pequeno, teve que se reorganizar, e eu fiquei de Recife responsável pelos cuidados da minha mãe, que escolheu permanecer morando no Rio de Janeiro. Inúmeras questões e desgastes decorreram deste processo - que incluía também dívidas - e que ocorria conjuntamente à pesquisa, até que entrei em um quadro tão grande de stress que comecei a ter crises convulsivas e apagões, inclusive no meio da rua. Um deles, inclusive, em uma terça de Carnaval, que fez com que eu, pela primeira vez, não participasse do *Encontro de Bois*.

Houve um momento em que eu tinha medo de sair sozinho à rua. Foi um longo período de investigação clínica, com diversas especialidades, até que se confirmasse o óbvio: era stress, provocado pela sobrecarga de demandas.

Voltei para todas as terapias que fazia, a fim de voltar ao meu centro.

Contudo, para esta carta não ficar grande, a vida, essa marota, tem insistido em me surpreender, e passo adiante, no relato.

Há um ano, dia 8 de março, nossos filhos gêmeos, por adoção, chegaram à nossa família, com oito meses de idade. Se uma criança já agita a vida, estes dois vieram chacoalhando nossas estruturas. Estavam doentinhos na casa de acolhimento em que viviam e, em duas semanas, fomos três vezes à emergência. Na terceira, a médica mandou internar imediatamente um deles, e assim fizemos. Mônica, minha esposa, ficou com um e eu fiquei com o outro no hospital; como se não bastasse, dessa vez quem “puxou demais a corda” do stress foi ela, e ela teve um AVC comprometendo 25% do seu hemisfério esquerdo. Ela segue até hoje fazendo terapias para se recuperar. Só sobrevivemos à isto graças à uma rede de apoio que constituímos ao longo destes nove anos que moramos em Pernambuco.

Dois meses depois, em maio, consegui finalmente trazer minha mãe para morar conosco, e assim confirmei um diagnóstico que suspeitava desde que meu pai ainda era vivo: ela está com Alzheimer, na fase de transição entre o estágio intermediário para o avançado.

E no meio disso tudo havia uma tese, havia uma tese no meio do caminho...

Fiz este relato somente para pedir a vocês, se possível, a gentileza de reduzirem suas expectativas, porque de fato, foi muito difícil escrever este texto. Não pela pesquisa, mas pelo fato de constantemente, ao longo do tempo do doutorado, a vida ter exigido que eu dedicasse meus esforços, ao exercício das relações cotidianas da dádiva, com muitas, inúmeras interrupções ao longo da escrita. Além disso, foi muito, muito difícil pensar em festa tendo que elaborar tantos lutos simultaneamente, seja de meu pai, de minha mãe - que começa a entrar no processo de perda da memória, de minha sogra e amigos, ou ainda de sujeitos da pesquisa [uma delas também amiga próxima], que partiram também no contexto pandêmico. Ao fim e ao cabo, esta tese é também um tributo a essas pessoas.

O que tentei fazer aqui, na escrita da tese, foi, minimamente, produzir um conteúdo digno, que atendesse às expectativas de um doutoramento. Certamente queria ter avançado, produzido mais e melhor, mas este é o conteúdo que me foi possível neste contexto. Meu exercício final na elaboração deste texto, foi ter que lidar com as expectativas/frustração daquilo que eu achava que ele poderia ser [e que eu achava que deveria ter feito]; com aquilo que a vida me permitiu realizar. E eu que tenho passado os dias cuidando das outras pessoas; busco ser generoso comigo mesmo, cuidando de mim também.

Mais uma vez, muito agradecido pela participação de vocês.

Espero que gostem!

PARTE II - APRESENTANDO A PESQUISA

É urgente viver encantado.

Valter Hugo Mãe²

Desde que me entendo por gente, sempre fui festeiro.

Contínua e sucessivamente, as celebrações tiveram [e têm] um lugar muito especial em minha vida, mobilizando ações e emoções através de suas cores, ritmos, danças e sabores; com aprendizagens e descobertas marcadas pelo tempo da vida, por meio dos ciclos comemorativos.

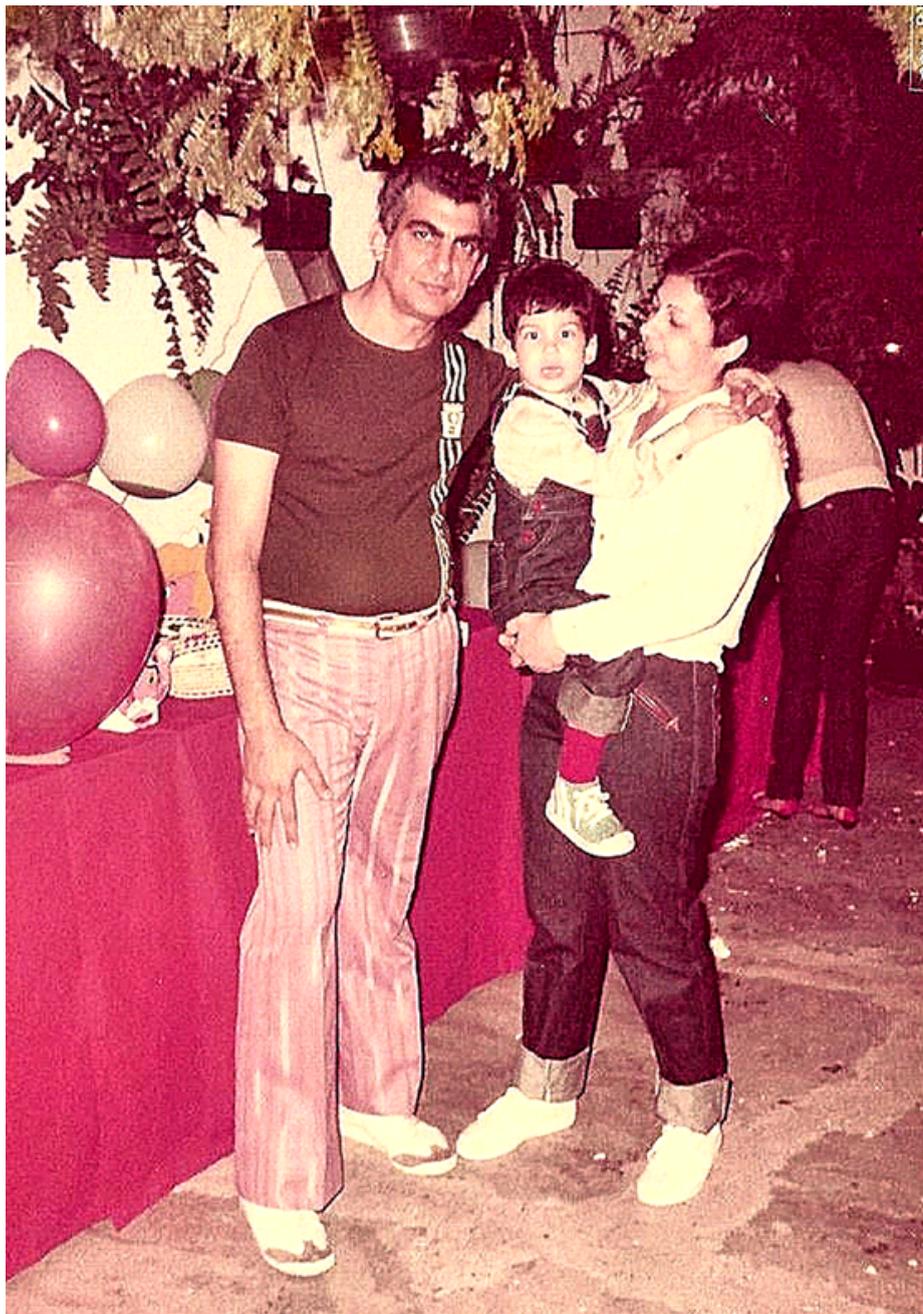
Difícil mesmo, senão impossível, pensar minha trajetória sem as festas e tudo que elas colocam em movimento.

Das memórias de infância, além dos aniversários, tenho lembranças especiais das datas comemorativas dos ciclos festivos: Carnaval, Páscoa, Festas Juninas e Natal, quando reuníamos família e amigos para, ao fim e ao cabo, estarmos juntos: celebrarmos a vida. E felizmente, são muitas as recordações!



Filho único, de pai e mãe professores, nasci carioca, de classe média, em Cascadura, Zona Norte do Rio de Janeiro, local situado ao lado de Madureira e Quintino, bairros que margeiam e exercem grande influência cultural onde cresci.

² MÃE, Valter Hugo. *As mais belas coisas do mundo* [recurso eletrônico]. [Ilustração de Nino Cais]. 1. ed. Rio de Janeiro: Biblioteca Azul, 2019. Disponível em: <https://docero.com.br/doc/xvx51s0> Acesso em: 14 jun. 2021.



Minha mãe, que fez magistério, e só teve uma breve experiência em sala de aula [antes mesmo de se formar professora], não lecionou em escolas. Cuidava da minha educação em casa e, embora ela mesma não seja nada festeira, passou a utilizar as *festas como um espaço de aprendizagem*; encontrando nas comemorações um espaço para me educar no sentido mais pleno da palavra³.

³ Pessoa (2005). No livro “Saberes em Festa: Festa como Espaço de Aprendizagem”, Jandir Pessoa argumenta que as festas são espaços ricos em oportunidades de aprendizado, onde as pessoas desenvolvem habilidades, conhecimentos e valores.

Para além da Educação Formal que eu via na escola [e em casa, ao estudar com ela], ela me proporcionou um leque de experiências e aprendizagens que dialogava com os temas da instituição de ensino, e que também ia para muito além dos conteúdos da sala de aula. No que diz respeito às datas festivas, por exemplo, recordo-me especialmente de um livrinho azul que tinha, o *Calendário Cívico - o livro das datas comemorativas, de acordo com o currículo escolar*, que eu consultava sempre, e de articularmos o conteúdo apresentado por ele com aquele apresentado na *Enciclopédia Barsa*, por exemplo, entre outros.



A abordagem que minha mãe utilizava para ensinar os conteúdos, apresentando diferentes versões do mesmo tema, proporcionava o encontro com a diversidade e a multiplicidade de leituras e conversas, inclusive no âmbito religioso, por exemplo. Assim, se na escola aprendia somente a versão cristã da “história”, visto que a vida inteira fui bolsista no colégio onde meu pai trabalhava, de orientação protestante; em casa, para evitar *o perigo de uma história única*⁴, aprendia que existem outras formas de compreender e lidar com o mundo, pela demonstração das mais diferentes culturas.

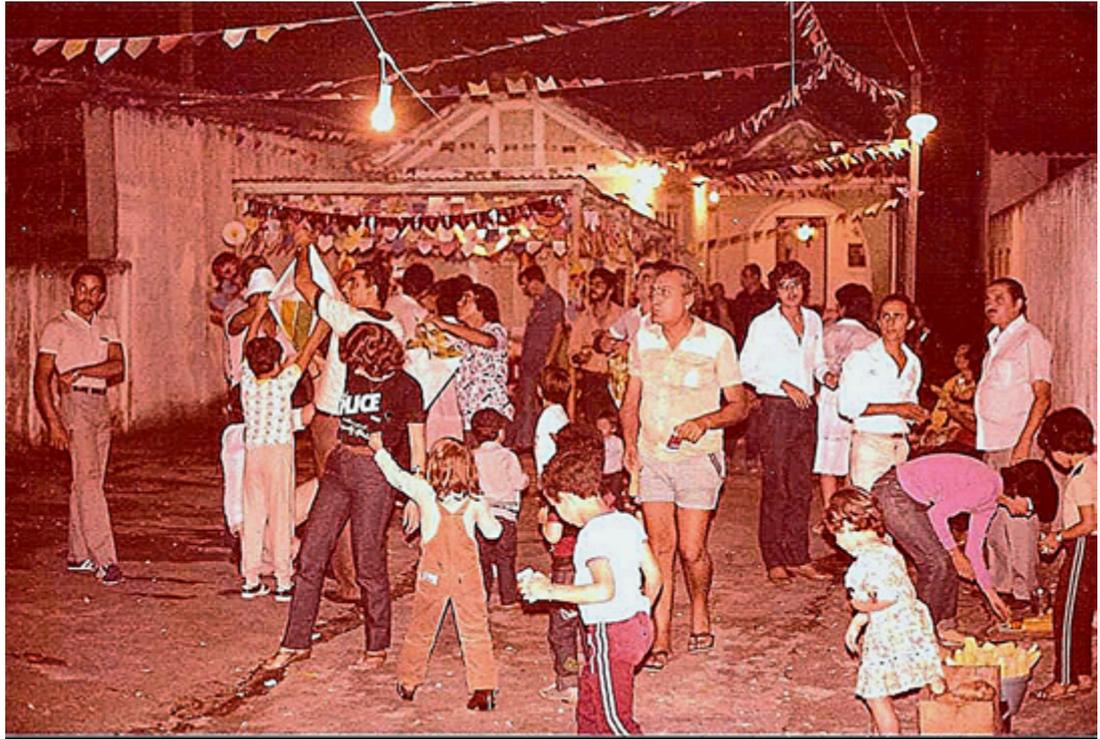
⁴ Adichie (2019). "O Perigo de uma História Única" é uma palestra e um ensaio de Chimamanda Ngozi Adichie, que demonstra, a partir de seus relatos pessoais, como uma única narrativa sobre um povo ou cultura pode levar a mal-entendidos e estereótipos. Adichie destaca a importância de múltiplas perspectivas para compreender a complexidade de pessoas e comunidades.

Essa formação era ainda, perpassada sobretudo, por uma pedagogia do aprender-fazendo. Sendo assim, os elementos das festas, fossem aniversários ou comemorações dos ciclos festivos, eram feitos por nós mesmos: enfeites, máscaras e alimentos em geral eram elaborados pelos membros da família.

Era como se cada ciclo comemorativo animasse a vida e conduzisse novas experiências de aprendizagens. Acredito que foi por meio desse processo, simultaneamente, pedagógico e cultural que se deu a minha entrada no mundo das artes.



Como nasci em 1979, cresci em um período anterior ao advento da *internet*, dos atuais *kit festas*, ou ainda do aluguel de salões climatizados que hoje buscam adaptar os momentos de comemorações ao cotidiano cada vez mais corrido das pessoas. Assim, minha infância teve um caráter artesanal. Com a vida sendo compartilhada no terraço de casa, na rua da vila, ou mesmo no grande quintal dos meus avôs e avós. Nesta família, de ascendência árabe, portuguesa e italiana, aos ciclos festivos brasileiros incorporava-se os elementos destas outras matrizes culturais, diversificando ainda mais as experiências cotidianas, sobretudo nas comidas.



Na escola, por sua vez, eu era reconhecido como “o filho do professor”. No colégio ou em casa, meu pai vivia dizendo uma frase que havia aprendido com meu avô sírio: “Estuda meu filho. Podem te tirar tudo, mas cultura ninguém te tira”, correlacionando em minha vida, mais uma vez, a Educação e a Cultura.



Estudar de tudo, seja o que fosse, era como um princípio do projeto de vida desse conjunto de pessoas que chegou nessas terras em navios, e se enraizou em solo brasileiro trabalhando como mascates, feirantes e padeiros, aprendendo rapidamente a circular em outra cultura através da articulação dos seus saberes com as práticas sociais vigentes no novo território. Em toda a minha vida, nunca, nunca ouvi que não valia a pena estudar qualquer coisa, seja o que fosse. E sempre fui uma pessoa de interesses muito diversos. Por isso, na escola, este espaço tradicional de expansão da sociabilidade, eu experimentava grande alegria ao entrar em contato com outras linguagens, sobretudo artísticas, que eram oferecidas como atividades extracurriculares: teatro, coral, banda marcial... Elas me acessavam de maneira mais direta, envolvendo todo o corpo em sua aprendizagem/realização e, por isso, acredito, me “nutriam” de maneira mais abrangente, e faziam mais sentido do que nas disciplinas obrigatórias. Assim, no âmbito estético, para além das aprendizagens familiares mais vinculadas às artes plásticas [e porque não dizer culinárias?], na escola eu tive a oportunidade de ter acesso às chamadas *artes das cenas*. É justo nestas atividades, opcionais, que residem minhas melhores recordações.

Todas essas vivências aconteceram em Cascadura, onde vivi até a idade adulta. Das festas públicas, recordo especialmente do Carnaval no Coreto de Vaz Lobo [que um tio montava]; do Carnaval de rua de Madureira, com a presença das escolas de samba Império Serrano e Portela; e também das Festas de São Jorge, em Quintino, com sua alvorada. Todos momentos de grande agitação e efervescência comunitária, quando as ruas eram tomadas com manifestações coletivas de alegrias e devoções.



Já adulto e casado, com minha esposa, Mônica, segui realizando festas e encontros, em nossa casa ou em um grande estacionamento vizinho à vila onde nasci e fui criado, e onde agora nós dois morávamos. A metodologia era a mesma da minha infância, quase tudo sendo preparado por nós, familiares e amigos, que se dispunham a auxiliar tanto na fase de preparação como na desmontagem das festas realizadas.



Comumente, a comemoração era realizada aos sábados, começando de dia, e

entrando pelo domingo; desta forma, a culminância dos eventos envolvendo os preparativos e a desmontagem ocorria entre a sexta e o domingo. Eram fins de semanas inteiros de celebrações e ajuntamentos memoráveis. Pois, tendo eu nascido em janeiro, e Mônica em junho, esse nosso encontro na vida possibilitava a realização de eventos comemorativos em pelo menos dois grandes e importantes ciclos festivos: o Carnavalesco e o Junino. Como já circulávamos bastante pelos diferentes territórios da cidade, tínhamos a alegria de receber além da presença da família e dos amigos, pessoas⁵ conhecidas em grupos populares que, de maneira dadivosa, compareciam às festas trazendo um pouco dos seus cantos, ritmos e danças: Jongo, Cacuriá, Cavalo Marinho, Salvas do Divino Espírito Santo, Bumba meu Boi, Cocos, Cirandas - além dos ritmos mais comuns na cidade como o samba, o xote, o baião e as quadrilhas.

E, como fazíamos parte de um grupo que se dedicava a vivenciar e articular estas práticas culturais na cidade, o *Boidaqui*, somado à honra da presença das amizades pertencentes à estes outros grupos, quase tudo era tocado ao vivo, proporcionando inúmeras vivências [tocar/dançar/cantar/improvisar] envolvendo também as pessoas que não tinham vínculos com estas tradições. E além disso, como facilitadores do aprendizado, tínhamos muitos instrumentos e saias para as pessoas brincarem como achassem melhor.

No final das contas, estas festas acabavam por reunir de maneira lúdica e celebrativa pessoas pertencentes aos mais diferentes territórios das cidades, gêneros, classes sociais, fenótipos/marcadores raciais, religiões e faixas etárias. Tínhamos a felicidade de poder criar e compartilhar um ambiente onde eram acolhidos de bebês a pessoas com mais de noventa anos; e, para nossa felicidade acontecia um fenômeno muito interessante: dada a dinâmica cooperativa que era estabelecida, as festas se tornavam também pontos de reencontro. As amizades chamavam outras pessoas amigas em comum, fazendo com que comparecessem vários grupos de diferentes períodos de nossas vidas: do colégio, da universidade, do trabalho “x” do trabalho “y”, dos cursos... Por meio das danças/brincadeiras que eram realizadas, misturados entre si, os círculos de amizades e de dádiva se expandiam e se reencontravam nas festas.

⁵ Uma das 12 técnicas básicas incluídas no “Manual Prático de Linguagem Inclusiva” é não economizar na utilização da palavra “pessoas” como recurso para amenizar marcações de gênero desnecessárias; atuando assim, para a eliminação de privilégios e perpetuação de estereótipos; afinal, pessoas são pessoas. Todas incluídas. Disponível em: https://irp-cdn.multiscreensite.com/87bdaac3/files/uploaded/manualplinguageminclusiva_neo.pdf Acesso em: 08 jan. 2025.



Mas você pode estar se perguntando por que estou contando tudo isso?
Porque com esta narrativa de parte da minha trajetória de vida busco

apresentar o quanto a chamada *Educação informal*, aquela experimentada nos âmbitos familiar e comunitário, realizada sobretudo por meio das artes e da cultura, impactou meu percurso formativo⁶. Isso, talvez, explicita também porque na pesquisa que realizei no curso de Mestrado em Cultura e Territorialidades⁷, no ano de 2015, escrevi um capítulo dedicado a este itinerário, enfatizando minha relação com as chamadas *Culturas Populares* enquanto espaço de convergência artística e política ao qual me vinculo. Um campo de produção e partilha de saberes que contém um universo multifacetado de experiências e possibilidades que ancora e, ao mesmo tempo, amplia muitas das visões de mundo que incorporamos, e, que, no meu caso, foi responsável pelas transformações existenciais que vivenciei. De algum modo, as *Culturas Populares* sustentam certo encantamento do mundo e pelo mundo; encantamento esse que se irradia por meio de múltiplas experiências cotidianas, produzindo e transmitindo saberes e práticas aquém e além das fronteiras demarcadas pela instituição escolar. Não tenho dúvidas que as festas são um dos espaços-tempos privilegiados na difusão dos saberes oriundos das *Culturas Populares*.

Por isso, na dissertação intitulada *Encontro de Bois de Olinda: a festa da quarta de cinzas é na casa de Dona Dá! Ponto de convergência para múltiplas culturas viajantes*, busquei refletir sobre como as práticas culturais participantes se deslocam, e se desdobram, permanecendo em movimento.

O *Encontro de Bois* é uma festa popular, que reúne diferentes práticas de elaboração cultural, com ênfase - mas não exclusivamente - no artefato bovino, que acontece toda noite de Quarta de Cinzas, em frente à casa de Dona Dá [nossa anfitriã], localizada na Rua da Boa Hora, nº 207, no Sítio Histórico de Olinda, Pernambuco.

O *Encontro de Bois* foi pensado como um *espaço de sociabilidade*

⁶ Com o objetivo de evitar a construção da minha história de vida como uma narrativa ficcional, ordenada e coerente, isolada da realidade na qual estou inserido, e fugir do que Pierre Bourdieu (1986) denominou como *ilusão biográfica*, nesta primeira parte da introdução, sigo a sua recomendação de apresentar minha matriz relacional. Minha “superfície social”, em busca de dar nitidez às minhas posições e deslocamentos, o sentido do meu movimento pelo espaço social, ou seja: utilizo como recurso tornar público o conjunto de relações objetivas que me uniram ao conjunto dos outros agentes envolvidos no mesmo campo e que foram/são confrontados com o mesmo espaço dos possíveis. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4888128/mod_resource/content/3/Histo%CC%81ria%20de%20vida_Bourdieu_ilusa%CC%83o%20biogra%CC%81fica.pdf. Acesso em: 20 jul. 2021.

⁷ ATTIA, Lúcio Enrico Vieira. *Encontro de Bois de Olinda “a festa na Quarta de Cinzas é na casa de Dona Dá!” Ponto de convergência para múltiplas “culturas viajantes”*. Dissertação de Mestrado em Cultura e Territorialidades, UFF. Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: https://www.academia.edu/42913913/ENCONTRO_DE_BOIS_DE_OLINDA_A_FESTA_DA_QUARTA_DE_CINZAS_%C3%89_NA_CASA_DA_DONA_D%C3%81_Ponto_de_converg%C3%Aancia_para_m%C3%Baltiplas_culturas_viajantes. Acesso em 19 jun. 2021.

ritual-lúdico-festivo para onde convergem manifestações culturais criadas por meio de um processo de *livre trânsito simbólico*. O argumento proposto foi que o *Encontro de Bois* gerou uma confluência de situações e atores, que ao cruzarem suas trajetórias passaram a *entrecruzar suas histórias de vida*, onde a partir dos deslocamentos físicos e simbólicos das práticas culturais - que foram autodeterminadas pelas experiências/trajetórias de cada liderança/grupo - com as experiências/trajetória de Dona Dá, passaram a interagir e convergir para o mesmo ponto, nutrindo-se mutuamente, especialmente por meio do ritual que acontece toda noite da Quarta de Cinzas.

Apesar de algumas questões deixadas em aberto nessa investigação, na entrada do curso de Doutorado, em 2019, dessa vez em Educação, decidi abordar o itinerário educativo das famílias moradoras do *Arruado do Engenho Velho da Várzea*, uma comunidade nativa de descendentes de antigos trabalhadores do Engenho do Meio, que vive há mais de cem anos no local. Desde que o *campus* Recife da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE começou a ser construído, essa comunidade passou a coabitar o território junto com a instituição que atualmente a cerca; e que, segundo relatos dos moradores à época, vinha dificultando sua permanência na localidade. O desejo de interrogar essa situação se conjugava com minhas atividades laborais, visto que sou servidor da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura - Proexc, da UFPE, e, havia naquele momento um contexto institucional de busca pela resolução do conflito no âmbito desta Pró-Reitoria.

Desse modo, a investigação inicialmente projetada tinha como objetivo apreender as permanências e mudanças nas trajetórias de vida das pessoas que moram no *Arruado* ao longo dos mais de setenta anos da instituição de ensino superior.

O problema buscava compreender o impacto que a convivência direta e permanente entre a produção artístico-científica realizada na Universidade poderia trazer para as famílias que residem no local. Contudo, tanto a pandemia de *Covid-19* quanto o estado de saúde do meu pai, que se encontrava com câncer, se agravaram naquele momento. Tive por um tempo que voltar do Recife, cidade onde resido, para o Rio de Janeiro, e aquele projeto acabou se inviabilizando, seja pelas minhas questões familiares, seja pelo cuidado e proteção necessários às pessoas que vivem no *Arruado*, impossibilitando o prosseguimento desta proposta de estudo.

Ao mesmo tempo, a Linha de pesquisa na qual se inseria o projeto, “Teoria e

História da Educação”, foi desdobrada em novas Linhas do Programa de Pós-graduação em Educação; uma delas denominada “Identidades e Memórias”, para a qual migrei. A partir deste momento esta pesquisa começou a ser desenhada.

Mas, escrever uma Tese nunca é tarefa fácil. Além do rigor acadêmico, da necessidade de foco, é preciso muito fôlego para enfrentar as dificuldades que acontecem ao longo do percurso. Tudo isso complexificado com o contexto pandêmico, com os *imponderáveis da vida real*⁸; os inúmeros acontecimentos-limite não previstos, que atravessaram minha existência⁹.

E o que é escrever uma Tese? Segundo a Associação Brasileira de Normas Técnicas - ABNT, de acordo com sua normatização 14724, de 2011, uma Tese é um documento que apresenta os resultados de um estudo científico, em investigação original, com real contribuição para a área em questão, visando a obtenção do título de doutor¹⁰. A este respeito, antes de avançar, gostaria de destacar o quanto que os encontros pedagógicos, vinculados ao *campo de possibilidades*¹¹, realizados no âmbito do processo educativo do Programa de pós-graduação foram fundamentais no resultado deste processo. Explico: a origem deste texto, que agora você lê, ocorre quando, em meio ao *Seminário Metodologia de Pesquisa II*, no Programa de Pós-graduação em Educação da UFPE, nosso professor perguntou à turma, de maneira direta: “Qual a sua tese?”.

A disciplina nos instigava a pensar nos nossos projetos e metodologias e até aquele momento, eu nunca tinha sido abordado de uma maneira tão explícita por esta pergunta: “Qual a sua tese?”. Imagino que você possa imaginar a reação da turma. Houve um silêncio sepulcral. Todas as pessoas se entreolharam parecendo estar em choque com a questão colocada de maneira contundente. Alguns ensaiaram falar de seus projetos. Mas ele, o professor, insistia: o que estávamos considerando como nossas teses, na verdade, não se tratava bem disso...

Em determinado momento, alguém da turma solicitou que o próprio professor

⁸ Malinowski (1976) mencionava os “imponderáveis da vida real” ao se referir às ações práticas dos nativos que não foram previstas anteriormente. Aqui me aproprio do termo ao me referir às situações práticas e concretas que a pessoa pesquisadora é exposta em seu cotidiano, enfrentando dificuldades que os livros e manuais de pesquisa não previam anteriormente.

⁹ Durante toda a pesquisa fui atravessado por diversos acontecimentos-limite de saúde minha e de minha família.

¹⁰ Associação Brasileira de Normas Técnicas. NBR 14724. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: http://site.ufvjm.edu.br/revistamultidisciplinar/files/2011/09/NBR_14724_atualizada_abr_2011.pdf Acesso em: 08 jan. 2025.

¹¹ Gilberto Velho (2003) define campo de possibilidades como as oportunidades que podem ser alcançadas dentro de um contexto sociocultural. São as alternativas construídas por meio do processo sócio-histórico, articuladas ao potencial interpretativo do mundo simbólico da cultura.

desse o exemplo a partir da sua pesquisa. Quando ele concluiu novamente se fez silêncio. Uma pausa prolongada rondou mais uma vez a sala, como se fosse necessário um tempo de maturação para absorção das ideias apresentadas. A sensação era de que todas as pessoas da turma estavam com a respiração em suspenso. Até que um companheiro de jornada tomou coragem [e fôlego] e disse: - “É... Acho que ainda não tenho uma tese”.

A aula seguiu, após gargalhadas angustiadas.

Relato este momento em especial porque aquela pergunta me atravessou de tal maneira que passou a ter centralidade no meu processo formativo enquanto pesquisador. Continuamente fiquei pensando sobre qual seria a minha contribuição acadêmica ao campo da Educação.

No clássico, *Como se faz uma tese em ciências humanas*, de Umberto Eco, publicado em 1977, o autor apresenta o percurso de elaboração de uma tese na busca da escrita autoral da pessoa pesquisadora. A obra surge no contexto específico da formação docente na Itália, no pós-Guerra, e parte dos conteúdos remetem às possibilidades inerentes a seu tempo. No entanto, o livro permanece quase onipresente como uma espécie de *manual-fantasma* dos protocolos exigidos para uma investigação científica. Basta uma pesquisa rápida na *internet* para comprovar a reverberação de seu impacto ainda nos dias de hoje. Dos pontos que gostaria de destacar deste texto, o primeiro é que o autor sinaliza existir um conflito entre as exigências criadas pelas universidades destinadas às elites e as dificuldades enfrentadas pelas pessoas discentes-pesquisadoras-trabalhadoras. Seu livro recorrentemente nos apresenta as estratégias para realizar um estudo digno e coerente, dentro de nossas possibilidades, tendo inclusive, satisfação intelectual no desenvolvimento da nossa investigação.

O segundo ponto tem uma relação mais direta com a proposta de escrita desta Tese. O autor afirma [em sua gentil e bem-humorada conclusão] que há que se viver a tese como um desafio, e reforça que temos que nos divertir neste processo! Diversão e desafio precisam caminhar juntas na construção do conhecimento científico. A imagem construída por Eco para expressar essa proposição é no mínimo inusitada: “a tese é como um porco, onde nada se desperdiça” (Eco, 1977, p.169).

Foi com essa imagem que passei a revisitar a pesquisa realizada ainda no curso de Mestrado, retomando algumas das questões que me atravessaram, mas que não tinha como acolher naquele contexto. Assim, retornei e recriei minha relação com o

Encontro de Bois, através da experiência da dádiva. Foi por meio das proposições de Marcel Mauss (1924) que pude, enfim, responder ao questionamento que me havia sido endereçado: “Qual é a sua tese?”.

Eu já havia utilizado elementos da reflexão do pensador francês na pesquisa de mestrado para explicitar a importância do ritual realizado na porta da casa de Dona Dá durante o *Encontro de Bois*, momento em que as pessoas brincantes se reconhecem mutuamente e renovam seu compromisso de continuar participando da festa, apostando em sua continuidade. E então, com uma leitura mais atenta ao *Ensaio sobre a Dádiva*, neste novo contexto de pesquisa, passei a defender que a experiência estruturante da dádiva se constitui como uma perspectiva fundamental também para delimitar a dimensão formativa-pedagógica expressa no *Encontro de Bois*, a fim de dar relevo à criação/circulação dos saberes nessa prática cultural. Em outras palavras, aqui defendo que há uma dimensão propriamente educativa nas festas populares.

Como cheguei a esta proposição?

Na pesquisa exploratória realizada no *Catálogo de Teses e Dissertações da Capes*, no *Banco de Teses do PPGEduc* [Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade] e ainda no *Atena* - Repositório Digital da UFPE, a partir de programas específicos de Educação, lancei mão da busca pela palavra-chave “educação” combinada à expressão *booleana* “e” com as palavras “bois”, “encontro de bois”, “festa”, “educação informal”, “dádiva” e “paradigma da dádiva”, a fim de refinar o mapeamento, e buscar pesquisas que contivessem obrigatoriamente a presença das duas palavras em questão. daquelas que possuíam arquivos digitais e divulgação autorizada, os resultados encontrados foram os seguintes.

Com a palavra-chave “boi” foram encontradas duas teses. Uma delas apresentou como problema refletir se o trabalho com o tema da identidade cultural na formação inicial dos docentes possibilita a [re]construção de sua identidade no trabalho com as diferenças culturais nas escolas Parintinenses; já a segunda, também realizada na mesma cidade, refletiu sobre o modo de produção capitalista e o brincar de Boi-Bumbá nos grupos Garantido e Caprichoso.

Com a expressão, entre aspas, “encontro de bois”, pesquisada de maneira geral no catálogo, sem necessariamente estar vinculada a um programa de educação, foram localizadas outras duas dissertações além da minha. A primeira apresentou um debate sobre a dimensão estética dos mascarados em um encontro no Maranhão - esta sem

divulgação autorizada; e a segunda, um trabalho anterior à plataforma Sucupira, que descreveu a política pública de eventos para o *Bumba Meu Boi* no Piauí.

Ao colocar a expressão “festa”, novamente acionando o filtro dos programas de pós-graduação em Educação, daquelas disponíveis, foram encontradas 36 pesquisas. Destas, 3 se aproximam do debate sobre *Educação Informal*. Pelo método de referências cruzadas, Carlos Rodrigues Brandão e Jandir Pessoa foram as principais menções encontradas. As demais tratam de pesquisas sobre a realização de festas em espaços de *Educação Formal e Não-Formal*. A primeira das três localizadas abordou o louvor à São Sebastião na comunidade do Mulungu, Chapada Diamantina/Bahia para refletir sobre as dinâmicas de sociabilidade educativa que possibilitam o fortalecimento de vínculos familiares e comunitários. A segunda lançou mão dos festejos de Nossa Senhora do Rosário, em Minas Gerais, para pensar sobre como se dão os processos educativos de suas práticas simbólicas. A última, *Pedagogia do estar junto: éticas e estéticas no bairro de São Sebastião do Rocio*, localizada no município de Palmas/Paraná, se perguntou de que modo os moradores negros do Bairro de São Sebastião inventaram socialidades.

Ao incluir a expressão "educação informal" na busca, foram acessadas 17 pesquisas oriundas de programas de Educação. Quatro se aproximam do interesse desta investigação devido ao seu enfoque cultural. As demais, tratam da *Educação Informal* realizada por meio da comunicação/mídia/imprensa, do consumo, de um centro de ciências, de tecnologias e por meio de instituições religiosas. Maria da Glória Gohn foi localizada como sendo a principal referência neste campo, e há que se ressaltar que na literatura, as autorias fazem usos diferenciados da tipologia *Educação Não Formal e Educação Informal*.

Educação e Capoeira: figurações emocionais na cidade do Recife-PE, realizada no PPGEdU da UFPE, investigou os processos educativos realizados no universo da capoeira recifense; *Vozes da maré: extensão popular e a população marisqueira de Cabedelo-PB* parte de um projeto de extensão universitária para acessar os diferentes saberes produzidos pela *Educação Informal*, através da tradição oral de culturas familiares ou comunitárias e passadas de geração para geração na comunidade pesqueira; *Jacarecanga: Patrimônio e Memória da Cidade de Fortaleza* realizou uma articulação entre as categorias patrimônio, memória e cidade para refletir sobre uma educação que ultrapassa os espaços formais das escolas e universidades,

ressaltando que o aprendizado ocorre, também, mediante a *Educação Informal* e que o espaço citadino se torna, com efeito, um lugar por excelência para se aprender; e *Angra de tantos reis: práticas educativas e jovens tra[n]çados da cidade*, de Paulo Cesar Rodrigues Carrano, partiu da premissa de que a cidade é um espaço social de práticas educativas. O autor também ampliou o conceito de educação para a dinâmica da vida cultural e incorporou à sua análise os relacionamentos sociais que ocorrem para além das práticas concebidas para gerar aprendizagens. Sua tese indica a necessária invenção de rituais culturais públicos que favoreçam o encontro entre os diferentes grupos da juventude, como forma de ampliação da solidariedade social e fortalecimento da cultura pública democrática.

Para finalizar esta etapa de levantamento de produções entre pares, permanecendo com o filtro em Educação, inseri a expressão “paradigma da dádiva”. Nenhuma pesquisa foi localizada. Já com a palavra “dádiva” foram encontradas 5 entradas; das quais destaco a pesquisa *Dom, Associações e Formação Humana*, que aborda as memórias de um jovem participante de projetos sociais no contexto da *Educação Não Formal*.

A análise do conjunto das pesquisas levantadas indicou que o fenômeno que estou delimitando permanece ainda sendo pouco estudado, mesmo fora do campo acadêmico da Educação. Ao associar a brincadeira de "bois" com a modalidade *Educação Informal* não foi encontrada nenhuma pesquisa. Com relação às “festas”, no campo educacional, as teses localizadas promoveram um debate enfatizando a centralidade da dimensão religiosa destas celebrações; aspecto que não têm interface direta com o *Encontro de Bois*. Carlos Rodrigues Brandão e Jandir Pessoa são as principais referências mobilizadas pelos estudos. Embora o enfoque teórico desses autores não seja aprofundado aqui, seus escritos são importantes para pensar as festas populares no Brasil. No que tange à modalidade¹² de educação que pretendo dimensionar, para além das conceituações que considero pouco precisas, indicadas nas pesquisas de Maria da Glória Gohn acerca da *Educação Informal*, não localizei nas teses encontradas uma dimensão importante a ser tematizada e problematizada pela área. Por fim, no que diz respeito ao marco teórico, são raras as pesquisas no campo da Educação que mobilizam o “paradigma da dádiva”, embora encontremos análises que dimensionam o papel da “dádiva” nos processos de formação humana. Nesse âmbito,

¹² Conforme designado por Maria da Glória Gohn (2004, 2006, 2007, 2009, 2014, 2016).

seguir os “rastros” da pesquisa realizada por Freitas (2005), docente vinculado ao campo educacional. Sua investigação, contudo, foi desenvolvida na Sociologia. Em sua Tese, o autor reflete sobre a formação humana em redes associacionistas presentes em comunidades periféricas do Recife, correlacionando o *Paradigma da Dádiva* com a percepção que jovens de comunidades populares têm da educação experienciada, simultaneamente, nas redes formais de ensino e em projetos socioeducativos de organizações da sociedade civil. Nesse contexto, o pesquisador defende que a educação enquanto processo de formação humana se configura como uma das modalidades de dádiva: uma dádiva intergeracional ancorada em ciclos de reciprocidade assimétricas (Freitas, 2005).

Nessa direção, ao partir do pressuposto de que as festas populares são também espaços educativos que produzem e fazem circular saberes que nos atravessam e constituem, seguindo a argumentação de Freitas (2005), assumo que a chamada *Educação Informal* também opera por meio de ciclos ou gestos de dádiva.

Com isso, delimito as *festas populares* como um possível campo de estudos da *Educação Informal*. A premissa é que as *festas populares* são espaços educativo-pedagógicos que reverberam nos processos de formação humana, ou seja, participar de uma festa popular é também participar de uma experiência educativa. Para sustentar analiticamente esse posicionamento, a pesquisa problematiza *como o Encontro de Bois de Olinda*, dentro da perspectiva da *Educação Informal*, reflete uma *Pedagogia da Festa* a partir do *Sistema Dádiva*?

O pressuposto é que as *festas populares* têm sua centralidade na tríade *dar-receber-retribuir*. Destaco especialmente aquelas onde, entre seus elementos de realização ocorrem visitas entre pessoas e grupos, fazendo emergir por meio desta prática de sociabilidade ações confluentes de reconhecimento recíproco; e que, por sua vez, geram efeitos tanto na construção das identidades como na ativação de memórias carregadas de experiências afetivas. Neste sentido, pode-se afirmar que há uma *Pedagogia da Festa* nas celebrações populares, que elaboram e fazem circular saberes conjugando de maneira indissociável processos educativos e culturais em seu desenvolvimento.

Com isso em vista, a pesquisa tem como objetivo geral: delimitar analiticamente a dimensão educativa das *festas populares* apreendidas como um campo da *Educação Informal*. Mais especificamente: a) refletir sobre as *festas*

populares como uma dimensão da *Educação Informal*, identificando seus processos pedagógicos; b) apreender os principais efeitos formativos disseminados pelo *Encontro de Bois* na construção de *identidades e memórias* da noite de Quarta de Cinzas em Olinda; c) descrever a experiência do *Encontro de Bois* a fim de propor uma *pedagogia da festa*.

Do ponto de vista metodológico, trata-se de estudo exploratório de natureza teórico-empírico e de caráter qualitativo, que focaliza a dimensão pedagógica das *festas populares* situadas no âmbito da *Educação Informal*.

A *artesanía intelectual* (Mills, 2009) se moveu em meio a uma investigação participante durante os *Encontros de Bois*, acionando técnicas de observação direta e práticas de anotações em diário de campo. Foram acessados também outros suportes como: fotos, mapas, matérias jornalísticas, letras de músicas e documentos em geral sobre o assunto. Concomitantemente, para buscar os sentidos educativos contidos nessa prática cultural, foi acionada a História Oral.

A História Oral é uma metodologia utilizada para captar experiências e narrativas pessoais, que frequentemente estão ausentes nos registros escritos tradicionais, e que contribui para o entendimento de contextos culturais variados e valorizando a diversidade das experiências humanas.

Foram realizadas cinquenta entrevistas com pessoas que possuem vivência direta no tema investigado, permitindo a documentação de suas memórias pessoais e coletivas. Isto fez com que fosse possível perceber mais nitidamente a dinâmica de funcionamento do fenômeno destacado, para além das minhas impressões e vivências. As entrevistas realizadas se transformaram em documentos que serviram como fontes históricas e que puderam ser utilizadas de maneira complementar a outras fontes, como textos escritos e imagens. Parte deste acervo foi utilizado na escrita da Tese. Assim, ao compor as narrativas orais com outros tipos de fontes, a História Oral pode oferecer uma perspectiva mais inclusiva para o estudo, que busca refletir a complexidade humana no tempo presente.

Ao integrar-se na pesquisa acadêmica, a metodologia demonstra eficácia, por exemplo, em contextos educacionais, criando narrativas históricas que revelam aspectos de assuntos marginalizados por não terem sido estudados [como é o caso]. Vale ainda destacar que a História Oral não é meramente uma técnica de coleta de dados. É um processo interpretativo que requer rigor e sensibilidade, pois é essencial

que as pessoas pesquisadoras adotem uma abordagem ética, respeitando as vozes das pessoas entrevistadas e assegurem a autenticidade dos relatos coletados. A eficácia do processo depende significativamente da capacidade da pessoa pesquisadora em interpretar e contextualizar as narrativas de forma crítica e reflexiva. E isso implica em ir além dos cuidados preparatórios para as técnicas de coleta de dados, envolvendo uma análise cuidadosa e respeitosa das histórias compartilhadas com a pessoa pesquisadora.

Foram ouvidos o poder público [Governo do Estado de Pernambuco e Prefeitura de Olinda], a Associação de Moradores de Olinda – Sociedade Olindense de Defesa da Cidade Alta, a Federação Cultural dos Bois e Similares do Estado de Pernambuco, lideranças/integrantes dos “bois” de todo o estado que se dirigem à Boa Hora, Dona Dá e seus vizinhos de rua; assim como alguns observadores do *Encontro* que se relacionam direta ou indiretamente com ele - como o dono do bar da esquina, situado próximo à casa da festeira, e também pessoas que brincam regularmente.

Os locais de realização das entrevistas foram os mais diversos, e sugeridos pelas pessoas entrevistadas: casas, cafés, equipamentos públicos, espaços públicos etc. Ao final do relatório está anexado um apêndice que apresenta, de maneira mais detalhada, cada uma das pessoas interlocutoras, a função que desempenha na festa, o tempo de cada entrevista, e seu local de realização.

Vale ressaltar que participo do *Encontro de Bois* há vinte e um anos, e que sete deles foram experimentados como integrante de um dos “bois”, o que, em certa medida, facilitou o contato com as pessoas que realizam a festividade. Por isso, as entrevistas, por diversas vezes, se tornaram diálogos. Procedimentalmente, elas continham três eixos: a história de vida da pessoa entrevistada; a história de seu “boi”; e sua narrativa sobre o *Encontro de Bois*. Com roteiros semiestruturados, as perguntas tinham como objetivo adaptar-se aos diferentes “papeis” desempenhados pelos múltiplos sujeitos envolvidos: tanto aqueles que têm um “boi”, quanto àqueles que não têm, mas, que de alguma forma se relacionam com o *Encontro* como, por exemplo, os moradores da Rua da Boa Hora e participantes do evento, que não se vinculam a nenhum grupo.

A leitura atenta das entrevistas trouxe à tona a importância da tríade *dar-receber-retribuir* para a continuidade da festa. Da mesma forma, o tema da educação aparece na fala de alguns interlocutores ao evidenciar, como as *festas*

populares permanecem em constante processo de criação/renovação em seus ciclos, nos educando acerca do convívio em sociedade e fazendo circular diversos saberes que dizem sobre nossa forma de estar no mundo, de construir nossas identidades e finalmente, as nossas memórias. Os resultados alcançados evidenciam a necessidade de um aprofundamento do papel da *Educação Informal* nos processos de formação docente, ressignificando por esse caminho as relações complexas entre Educação e Cultura. Com isso, considero pertinente abrir uma escuta sensível a experiências como o *Encontro de Bois*, e sua interrogação matricial: o que um *Encontro de Bois* tem para nos dizer sobre os sentidos do que significa educar, ensinar e aprender?

Por meio do enquadramento da *feira popular*, no geral, como experiência educativa, e do estudo do *Encontro de Bois de Olinda*, em específico, busco compreender o que tem sido ensinado/transmitido/construído/partilhado/apreendido nas noites das Quarta de Cinzas. Em uma sentença: uma *pedagogia da festa!*

Para dar-a-ver essa *pedagogia da festa* enquanto processo social e espaço de produção, manutenção e compartilhamento de saberes múltiplos e diversos, aciono o *gesto da dádiva* como o elemento fundante tanto político quanto existencial da festa. Desse modo, como você, pessoa leitora, perceberá, a tríade *dar-receber-retribuir* foi incorporada no próprio processo de feitura e estruturação deste relatório; e assim, a Dádiva, além de marco teórico, é também um método de exposição da pesquisa.

O capítulo **(DÁ)R UMA FESTA: INICIAR O CICLO DA DÁDIVA**, tem como objetivo apresentar o *Encontro de Bois de Olinda*, entendido como uma festa popular, a partir de Dona Dá - a festeira, correlacionando a festa ao Sistema Dádiva, tal qual proposto por Marcel Mauss, em seu *Ensaio sobre a Dádiva*, de 1924. Para alcançar tal fim, enfatizarei o ritual presentificado no *Encontro*, e o lerei como um espaço de comunicação e geração de vínculos. Dito de uma outra maneira, apresentarei o marco teórico da pesquisa, por meio da descrição do ritual que ocorre na noite da Quarta de Cinzas, entrecruzando teoria, pesquisa empírica, vivências em campo e as entrevistas realizadas, a fim de produzir a análise.

No capítulo **CRIAR UM “BOI” E RECEBER UM TROFÉU: EDUCANDO PELA RECIPROCIDADE**, apresento o debate sobre a festa na Educação, tomando como fio condutor as proposições de Maria da Glória Gohn, que, em suas obras, conceitua três modalidades educativas: a *Educação Formal*, a *Educação Não Formal* e a *Educação Informal*. Compreendo o *Encontro de Bois de Olinda* como pertencente

ao modelo preconizado no âmbito desta última, e nesta direção proporei um debate crítico com a produção da autora, no sentido de uma expansão analítica do conceito de *Educação Informal*. O eixo do debate gira em torno da *intencionalidade* como marco distintivo das modalidades de educação. O intuito é, por meio dos relatos dos “bois” que participam do *Encontro*, e das interfaces possíveis entre Mauss e a Educação, reconfigurar o modo hegemônico de abordar a *Educação Informal*.

No capítulo **RETRIBUIR A ALIANÇA ESTABELECE: LAÇOS DE CONFRATERNIDADE**, a festa como um espaço-tempo educativo volta a adquirir centralidade, agora através de um relato acerca do *espaço ritual lúdico-festivo* engendrado pelo *Encontro de Bois* durante a noite de Quarta de Cinzas, nas ruas da cidade de Olinda.

Nesse momento, além da dimensão ritual do *Encontro de Bois*, coração desta Tese, apresento as diferentes práticas culturais contidas na brincadeira, de maneira articulada aos seus múltiplos universos de referência. Trata-se de uma descrição de cunho etnográfico-ficcional, na medida em que uma série de fatos ocorridos em anos diferentes é apresentada de forma integrada, simulando sua ocorrência em um único episódio. Além disso, o texto articulado mescla intencionalmente minhas vivências tanto como sujeito-participante quanto o olhar de um participante-pesquisador-observante, combinando narrativa textual e cartografia imagética para expressar uma tentativa de compreensão da dinâmica da festa mesmo por parte de quem nunca esteve nela.

É nesse momento que evoco as reflexões de Carrano (1999) que pensa a cidade como espaço social atravessado por práticas educativas, bem como sua proposição de que devem ser criados rituais culturais públicos que favoreçam formas de ampliação da solidariedade social e o fortalecimento da cultura pública democrática. No limite, tento sustentar o *Encontro de Bois* como espécie de *Zona Autônoma Temporária* (Bey, 1985).

Concluimos, então, com a proposição seminal desta Tese: a corporificação de uma *Pedagogia da Festa*, operante como uma plataforma educativa que promove um adensamento social [em todos os sentidos e dimensões] e consoma seu processo formativo predominantemente por meio de *espaços-tempo rituais lúdico-festivos*.

(DÁ)R UMA FESTA E INICIAR O CICLO DA DÁDIVA

Como vimos na introdução, considero o ritual realizado na porta da casa de Dona Dá, durante o *Encontro de Bois*, o ápice da festa, na medida em que ele faz com que uma série de práticas culturais se dirijam em direção à casa da moradora. E mais ainda, entendo esta estrutura de reconhecimento recíproco como o dispositivo de comunicação responsável pela reafirmação dos laços entre as pessoas participantes; que tece identidades e memórias únicas, na noite de Quarta de Cinzas em Olinda, todos os anos.

Sendo assim, este capítulo tem como objetivo introduzir você na obra de Marcel Mauss, *Ensaio sobre a Dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas*, marco teórico da pesquisa, por meio da apresentação do *Encontro de Bois*, através de sua estrutura ritual. Apresento também à você Dona Dá - a festeira da noite da Quarta de Cinzas, na Rua da Boa Hora, Sítio Histórico de Olinda, Pernambuco.

Como uma estratégia de aproximação, se você estiver acessando este documento de forma *on-line*, recomendo assistir ao vídeo *Encontro de Bois de Olinda*. Composto pela música "Na casa de Dona Dá", de Maciel Salustiano, e pelas fotografias da artista visual Ana Lira, na nota abaixo.

O vídeo tem como objetivo compor um panorama da noite, articulando sons e imagens, potencializando o alcance deste texto. Ao final da música, ainda é possível ouvir a própria Dona Dá dizendo: "Tá vendo como ele tem história? Tá vendo como o Boi da Boa Hora tem memória?!".

*“Chegou a quarta, eu vou embora brincar o Boi na Rua da Boa Hora.
Samba domingo, segunda e terça, mas não esqueça quando a quarta chegar.
O samba é bom, o terno é quente, vai muita gente pra Casa de Dona Dá.
Boi da Gurita Seca e o Marinho, tá no caminho junto com o Cara de Sapo.
Boi do Cupim e o da Macuca não se assusta com o Bozinho Alinhado.
O samba é bom, o terno é quente, vai muita gente pra Casa de Dona Dá.
Da Igreja do Guadalupe, pra Pitombeira, desço a ladeira que missa vai começar.
Na Bodega do Veio tomo uma bicada, canto uma marcha e volto de novo a sambar”*
Maciel Salú¹³

¹³ SALÚ, Maciel. *Na Casa de Dona Dá. Maciel Salú e o Terno do Terreiro*. 2004. Link do vídeo *Encontro de Bois* disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yKDU21-vZfA>. Acesso em 17 de jan. de 2025.

Conforme cantado por Maciel Salú, toda Quarta-feira de Cinzas, ao cair da noite, as ladeiras do Sítio Histórico de Olinda começam a ser povoadas por uma série de brincantes [pessoas que participam de festas e folguedos] de diversas manifestações populares, para realizar o *Encontro de Bois*, em frente à casa de Dona Dá.

Embora existam diversas versões para o marco inicial da Festa; em seu formato atual e com a moradora recebendo os “bois”¹⁴ da mesma maneira ocorre desde o ano 2000.

Segundo a anfitriã, o *Encontro* teve seu início por acaso.

Desde a década de 80, ela e sua vizinhança, cansados do marasmo da rua durante o Carnaval, decidiram confeccionar troféus para entregar aos blocos que por lá passassem entre o Sábado de Zé Pereira e a Terça-feira Gorda, respectivamente início e fim do Carnaval. Com esta estratégia, conseguiram reinserir a ladeira da Boa Hora, uma das mais íngremes de Olinda, no percurso de desfile dos blocos, trazendo a folia de volta à Rua.

Segundo sua narrativa, em novembro de 1999, via Sistema de Incentivo à Cultura [SIC-PE], a moradora conseguiu aprovação do projeto “Troféu da Boa Hora” na Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco - FUNDARPE, vinculada à Secretaria de Cultura de Pernambuco.

A proposta cadastrada teve como objetivo, além de entregar troféus para os “blocos” do Carnaval, no ano 2000, homenagear 10 personalidades do estado - em outra data que não no período momesco. Assim, no dia 18 de fevereiro, duas semanas antes do Carnaval, o evento “Troféu da Boa Hora” foi realizado.

Antônio Nóbrega, multiartista pernambucano, foi um dos homenageados, e receberia seu troféu no dia do evento; porém, como reside em São Paulo, não pode comparecer no dia marcado. Segundo o relato da moradora, ela recebeu a notícia que, como ele tocaria no Carnaval, ele se comprometeu a passar na sua casa na Quarta de Cinzas.

¹⁴ As brincadeiras de “boi” podem ser encontradas em diversas regiões brasileiras e abrigam nesta categoria uma ampla gama de variantes. Segundo CAVALCANTI (2009, p.93) os folguedos do “boi” exigem intensa atividade corporal como o uso de fantasias, música e dança. Neles os grupos brincantes – cujas dimensões, indumentárias e formação característica diferem muito – reúnem-se para brincar em torno de um boi-artefato bailante. Por “boi” entende-se tanto genericamente o festejo, quanto a representação plástica do animal [podendo ser feito com diferentes materiais] e o grupo de pessoas que se organiza em torno dela. (CARVALHO, L., 2009, p.115) [acréscimo meu]. CARVALHO, Luciana. A matança do santo: riso ritual e *performance* no bumba meu boi. In: CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro e. Tempo e narrativa nos folguedos de boi. In: CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro e. *As festas e os dias: ritos e sociabilidades festivas*. Rio de Janeiro: Contracapa. 2009, 28p. Disponível em: <http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/rpcsoc/article/view/810>. Acesso em 28 ago. 2013.

Na data combinada, no dia 8 de março, diferentemente do seu procedimento usual no Carnaval - onde a moradora unicamente entrega troféus para quem passa pela rua - Dona Dá montou uma mesa com frutas e bebidas para receber o convidado e entregar o seu. E chamou alguns amigos; entre eles, Siba e Hélder Vasconcelos, da banda Mestre Ambrósio. Desde então, como diz a festeira, embora o homenageado nunca tenha aparecido, os “boizinhos” passaram a reunir-se em frente à sua casa na Quarta de Cinzas, alegrando a moradora e a vizinhança. De acordo com esta narrativa, em 2025 o *Encontro de Bois* completou vinte e cinco anos de existência.

Uma característica dos “bois” que vão até a casa de Dona Dá, é que, em geral, os componentes dos grupos possuem outras funções durante a Folia de Momo: são artistas da cena cultural, seja nos palcos com grandes shows, sejam populares que brincam nos terreiros [como são chamados os espaços onde ocorrem as brincadeiras¹⁵; ruas, por exemplo]; ou ainda pessoas criadoras que transitam pelos dois campos.

Embora o encontro acolha também brincadeiras de “boi” familiares e centenárias, como o “Boi Tira Teima”, representante do gênero “boi de carnaval” - no sentido de agremiação carnavalesca, com características mais fixas, e que tem, inclusive representação formal de Pessoa Jurídica e participa de concursos - a ampla maioria dos grupos da noite de Quarta de Cinzas se reúne especificamente para este momento, e é formada por pessoas que fazem releituras de elementos culturais os mais diversos; sejam eles de criação brasileira ou não, e estão sempre se reinventando. É Fauno que dança com “boi”, “boi minotauro”, Cazumbá-Ganesha, o ritmo Nayambing trazendo a “burra”, que é rastafári, “boi” que vem ao som do maracatu, com “coco”, com “Cavalo Marinho”, “boi” que não tem a cara preta e sim vermelha e usa óculos escuros, “boi” que vem sem cauda - por que não tem o rabo preso com ninguém, aqueles que nem “bois” são, e sim bichos diversos, e ainda aqueles que vêm tocando *rock* no sopro dos pífanos, ou aqueles emitem sons indígenas pela própria boca.

Nestes grupos, não há relação econômica. Ninguém é pago para tocar, uma vez que são os próprios componentes dos grupos que participam e fazem a brincadeira acontecer integralmente. Da mesma forma, ninguém obtém retorno financeiro por

¹⁵ Brincadeira é uma categoria muito comum nas expressões populares para expressar atividades que mesclam múltiplas interfaces do cotidiano. Conforme CARVALHO, L. as motivações místicas e religiosas, por exemplo, não se chocam com as dimensões de lazer, jogo, diversão, teatro e festa, com a fartura de comidas e bebidas, e com os excessos de gozos corporais que reforçam o caráter lúdico das encenações populares. [...] [contudo] trata-se, pois, de uma brincadeira levada a sério. [...] Os participantes se autodenominam brincantes. (CARVALHO, L., 2009, p.116) [inserção minha]. Tenderini reforça: “As brincadeiras são algo muito sério. Mas são também divertimento” (TENDERINI, 2003, p. 20).

participar do *Encontro*. Dona Dá arca com as despesas das frutas e bebidas. E os grupos custeiam todos os elementos necessários para as suas brincadeiras.

Esta *prática de sociabilidade*, que tem ocorrido de maneira autônoma, sai de diferentes espaços da Cidade Alta, Sítio Histórico de Olinda. Cada grupo com sua especificidade, tocando e dançando pelas ladeiras. Quando se encontram - o que não é obrigatório, e tendo em vista que seus percursos não são necessariamente fixos, a depender da especificidade das brincadeiras em questão, trocam improvisos verbais e coreográficos entre si.

Na noite da Quarta de Cinzas, a parte de cima da Rua da Boa Hora é completamente tomada pelos brinquedos. A partir deste ponto da cidade - o cruzamento da Rua 13 de Maio, com a Rua da Boa Hora, todos os “bois” fazem o mesmo percurso e seguem em direção à casa de Dona Dá formando uma espécie de cortejo.



Vista que os grupos têm da Rua da Boa Hora, a partir da Rua 13 de Maio, quando formam o cortejo que se dirige à casa de Dona Dá.

Todas as brincadeiras seguem o mesmo ritual: fazem seus trajetos específicos - relacionados à história de cada “bozinho”, até que se organizam em fila, formada por ordem de chegada, para descer a Boa Hora, quando o *Encontro* parece ganhar unidade até atingir seu clímax em frente à casa de Dona Dá.

Nunca se sabe a ordem e qual “boi” vai aparecer - uma vez que não é feito convite prévio, nem confirmação.

Os “bois” descem a Rua da Boa Hora brincando, e quando chegam à casa da moradora a reverenciam.

Durante muitos anos Dona Dá os aguardou na porta, de pé, durante toda a noite - mesmo já tendo passado o Carnaval inteiro, de vigília, dia e noite, recepcionando blocos e entregando troféus. Atualmente, devido ao avanço da idade - e com o aumento do número de pessoas na rua na noite de Quarta de Cinzas, ela os tem recebido de sua janela.

Alguns grupos levam presentes para a moradora.

Um a um, os grupos são acolhidos por ela com grande alegria e admiração.

Eles tecem versos dedicados à dona da casa, a fatos cotidianos e/ou ao tempo que o grupo percorre sua via festiva, e realizam as manobras/evoluções/performances de sua brincadeira.

Quando terminam, as lideranças dos “bois” recebem da família de Dona Dá e de pessoas amigas, ofertas de frutas diversas, vinho, cachaça, água; e da própria Dona Dá, o troféu, que sela o compromisso.

Em seguida, despedem-se e seguem descendo a ladeira, entrando nas ruas próximas, quando optam entre brincar mais um pouco, ou dispersar, enquanto grupo, e algumas pessoas voltam como brincantes “solo”, sem agremiação, para a ladeira; ou ainda se inserem em outras brincadeiras¹⁶.

A visita à Dona Dá, considerada aqui a partir do momento em que os grupos começam a se concentrar na Rua da Boa Hora, tem acontecido entre 18h e 00h, ao longo dos anos. Já o encontro específico de cada “boi” com a moradora, tem tido uma duração média de 20, 25 minutos. Uns demoram um pouco mais, outros, um pouco menos, sem cronometragem. Livre.

Mas o que é preciso ser feito para que este ritual aconteça?

Antes do dia do *Encontro*, Dona Dá, família, pessoas amigas e a vizinhança passam rifas para arrecadar fundos para a confecção dos 100 troféus - que cada ano têm um tema diferente. Em 2025, Dona Dá divulgou uma chave *pix* para receber colaborações financeiras.

¹⁶ Em termos de participação espontânea nos brinquedos, as brincadeiras apresentam formatos diversificados. Há grupos com uma estrutura mais fechada, onde as pessoas externas ao grupo somente acompanham; outros com um formato intermediário, permitem que as pessoas se somem ao núcleo principal, e brinquem junto, seja tocando, seja dançando; e há ainda aqueles completamente abertos, que literalmente se formam na hora da brincadeira sair.

Na Quarta de Cinzas, pela manhã, antes dela ir ao “Bacalhau do Batata” [bloco de Olinda], Dona Dá vai à CEASA - a Central de Abastecimento de Hortifruticultura, e em seguida, sua família a ajuda na preparação dos alimentos.

À noite os “bois” e os blocos comparecem à Rua da Boa Hora.

Os componentes de cada grupo se reúnem nos locais de origem de seus respectivos “bois” ou nos pontos de encontro que são combinados previamente, para realizar o “esquentar” de seu brinquedo.

Há brincadeiras que se preparam previamente, e fazem a manutenção dos materiais/artefatos da brincadeira com antecedência; e há aquelas que se reúnem mais cedo, na própria Quarta de Cinzas, para iniciarem a convivência em grupo e realizarem estes reparos.

Após o “aquecimento”, cada um deles segue seu percurso, que geralmente se articula com a história de vida de sua liderança e/ou “boi”. Cada “boi” ou bloco é composto pela reunião dos interesses das pessoas que levam suas vivências para dentro do “brinquedo”.

Para grande parte dos grupos que convergem para a Rua da Boa Hora, a história do *Encontro de Bois* é também a história de seus “bois”. Da mesma forma, quando a noite de Quarta de Cinzas não se relaciona diretamente com a fundação de seu brinquedo, ela passa a ter relevância significativa em sua trajetória.

Quase todo ano surge um “boi” novo.

Quando estas brincadeiras “individuais” convergem para a Rua da Boa Hora, elas acabam por criar uma nova brincadeira; um *espaço da brincadeira* que é “sustentado” pela realização do ritual, que dá liga e sentido para a festa como um todo.

De acordo com pesquisa anterior, e através das participações e observações ao longo do tempo, posso dizer que a festa caracteriza-se por não ser centralizada, por ser auto regulada pelas pessoas participantes, e por apresentar uma estrutura aberta, incorporando continuamente novos grupos à dinâmica da noite. Os grupos mais recentes - independentemente de quem seja - se integram à brincadeira respeitando a lógica anterior, no que diz respeito tanto à organização da rua, quanto à participação do ritual.

Turistas e brincantes, pessoas das mais diferentes classes sociais - tanto trabalhadoras da cana, quanto universitárias e artistas, jovens e idosas, brancas e negras, de ambos os sexos e dos mais variados gêneros brincam reunidas.

Nesta noite, quando grande parte dos turistas já foi embora, e a quantidade de pessoas na cidade diminui sensivelmente, e mais que isso, com o retorno dos moradores à cidade - quase como que em uma retomada - parece que é configurada uma ativação da percepção de uma vida comunitária, ainda que grande parte das pessoas que brincam nos “bois” não seja especificamente de Olinda.

E quem é Dona Dá?

Creio que as ações muitas vezes explicitam mais do que explicações; então, para que você possa ter uma ideia mais nítida de quem é essa festeira, e de sua forma de estar no mundo, inicio sua apresentação com parte da transcrição do meu diário de campo, quando fiz a primeira entrevista com a moradora. Naquela ocasião eu ainda morava no Rio de Janeiro, e havia vindo para o Recife fazer uma prova, que seria no dia seguinte, e voltaria direto para casa ao término desta.

Todo o contato que tinha com Dona Dá havia ocorrido enquanto eu ainda era uma das pessoas que brincavam em um dos “bois” participantes do *Encontro*, o “Boi Marinho”, de Helder Vasconcelos; ou seja, somente no momento ritual do *Encontro*.

O agendamento foi feito previamente, por telefone.

“[...] Chego à casa de Dona Dá e estranho o agito dentro da casa e as bolas de cor rosa enfeitando o espaço.

Chamo: ‘- *Ô de casa!*’.

Lá de dentro, dos fundos, da cozinha, uma voz grita: ‘- *Vai chegando!*’.

Abro o portão defronte à porta, passo pela sala, pelo corredor da entrada dos quartos e, ao fundo, em outra sala cheia de mulheres, com a TV e som ligados - vejo uma delas ‘fazendo as unhas’. Antes de chegar à cozinha, mais ao fundo da casa, encontro Dona Dá que me acolhe com bastante alegria.

Enquanto converso com ela, vejo mais gente chegando até que uma das visitas dá parabéns a Dona Dá. A mulher que ‘fazia as unhas’, Ceça Pitanga, percebe minha expressão de quem não estava entendendo nada e disse:

‘- *É aniversário dela hoje!!!*’.

Minhas sensações foram ao mesmo tempo de alegria por estar junto à Dona Dá neste momento, e de constrangimento por estar ocupando-a com a pesquisa neste dia. Evidentemente dei os parabéns, e falei com ela que então remarcaríamos; que não queria incomodá-la etc. Ela, contudo, insistiu em fazermos a entrevista, e pediu-me que esperasse somente um momentinho; então sentei-me na sala interna.

Na cozinha era preparado o almoço.

Na TV passavam fotos do *Encontro de Bois*.

Diziam-me: ‘- *Neste CD tem fotos suas.*’

Uma das netas dela, Victória, disse que estavam pegando materiais para mim.

Enquanto as fotos passavam, Ceça Pitanga, autodenominada relações públicas de Dona Dá, ‘me entrevistava’ e perguntava-me o que eu achava do Recife, de Olinda, como cheguei ali etc. Contei um pouco da minha trajetória e aproveitei a presença da Dona Dá para me apresentar ‘oficialmente’ a ela fora do contexto do *Encontro de Bois*. Embora tenha levado impresso o projeto de pesquisa para ela, neste momento evitei explicar claramente o tema da pesquisa para não influenciá-la na entrevista.

Victória, mostrou-me matérias feitas com a avó em páginas da *Internet*¹⁷. No *Youtube*, entrevistas para o *Repórter Brasil*¹⁸ e para a *TV Jornal*¹⁹. Dona Dá trouxe-me *folders* do *Boi Tira Teima*²⁰ - que vem de Caruaru, agreste de Pernambuco, distante a cerca de 2 horas de viagem de Olinda, especialmente para o *Encontro de Bois*.

Antes de começarmos a entrevista, mencionei novamente que, se ela desejasse, poderíamos marcar outro dia. Dona Dá disse-me que faríamos sim, e que era melhor irmos para a sala da frente, e que conversariamos enquanto o almoço estava sendo preparado.

Lúcio Enrico (L.E.) – *Só pra eu ter no registro aqui; hoje é dia 20 e...*

Dona Dá (D.D.). – *25 de maio, não esqueça!!!*

L.E. – *25 de maio, aniversário da Dona Dá, nunca mais vou esquecer! (risos)*”

A entrevista-festiva durou cerca de 3h.

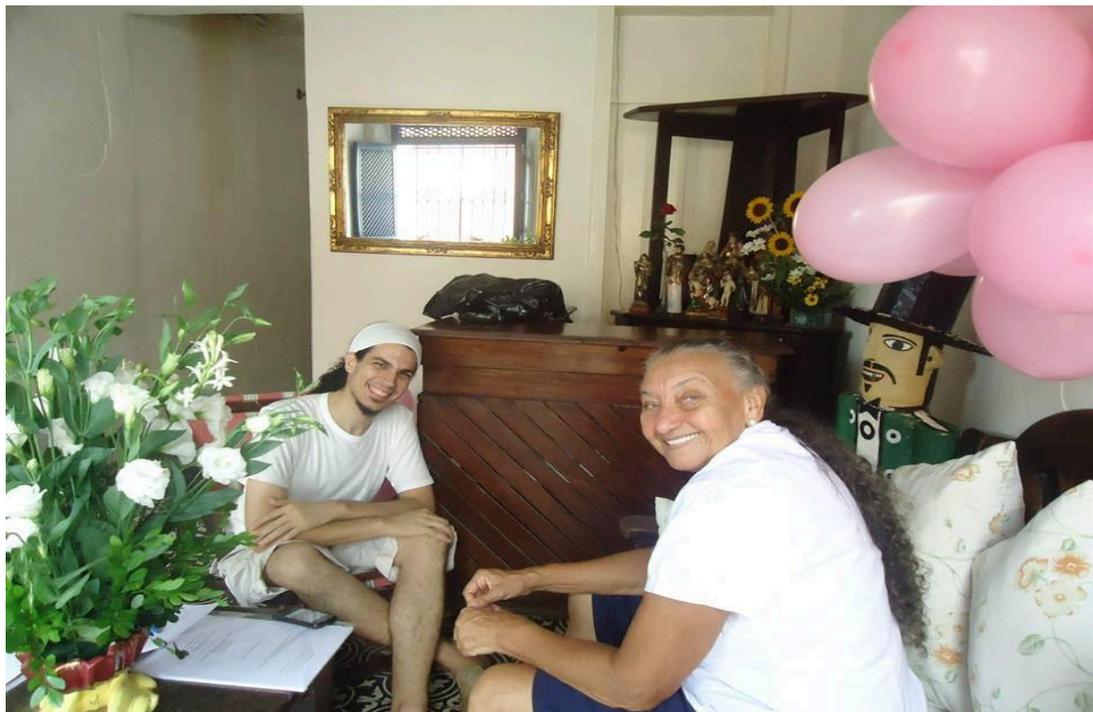
Tenho sentimentos ambíguos com isso até hoje.

¹⁷G1 GLOBO.COM *Dona Dá espanta marasmo em rua de Olinda entregando troféu à blocos*. Disponível em: <http://g1.globo.com/pernambuco/carnaval/2013/noticia/2013/01/dona-da-espanta-marasmo-em-rua-de-olinda-entregando-trofeus-blocos.html> Acesso em: 31 mai. 2013.

¹⁸YOUTUBE *Moradora muda itinerário dos blocos em Olinda - Repórter Brasil (manhã)* Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PPsu4l-utM0> Acesso em: 31 mai. 2013.

¹⁹YOUTUBE *Carnaval TV Jornal Base Dona Dá* Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=f0ThC8RIWCI>. Acesso em: 31 maio 2013

²⁰BOI TIRA TEIMA. Disponível em: <http://boitirateima.blogspot.com.br/> Acesso em: 8 jun. 2013.



Crédito da foto: Ceça Pitanga

Jodecilda Airola da Silva, mais conhecida como Dona Dá, nascida no dia 25 de maio de 1938, está prestes a completar 87 anos em 2025. A abreviação “Dá” se originou quando, em seu nascimento, seu irmão, 3 anos mais velho, ao não conseguir pronunciar seu nome, quando ela nasceu, o adaptou “- Dá. Num é mãe, Dá?”²¹ (informação verbal).

Sua mãe tinha ascendência italiana e seu pai era pernambucano. De profissão, ela, costureira e ele, maquinista de trem. Como ele faleceu cedo, sua mãe foi quem ficou criando ela e seus outros dois irmãos, sendo ela a caçula.

Nascida no Recife, no bairro de Santo Amaro, sua relação com Olinda se deu quando sua mãe mudou-se para o Rio de Janeiro, para trabalhar, morando no bairro de São Cristóvão. Enquanto isso, passou a ser criada pela irmã mais velha, a partir dos 6 anos de idade, na casa de seu tio, irmão de seu pai, que morava em Santa Tereza, em Olinda.

Para se ter a dimensão da importância que o Carnaval tem na vida de Dona Dá, quando perguntada sobre sua vida escolar, ela deu a seguinte resposta:

²¹ Por isso a brincadeira no nome deste capítulo, conectando a adaptação do nome da festeira à expressão (DÁ)R UMA FESTA. Durante a entrevista com Zé da Macuca, liderança de uma dos “bois”, ele fez a mesma analogia com o nome da moradora; como aquela que DÁ a festa.

“L.E. – *E na escola como a senhora era?*

D.D. – *Era o cão vivo! Cão vivo! (risos). Era muito agitada, participava de tudo, agitava tudo! E depois fui pra Pinto Júnior (Escola Normal Pinto Júnior) fazer admissão. No meu tempo você tinha que passar por um exame muito severo pra ir pro ginásio, fazia o ginásio e depois fazia o segundo grau. E nessa admissão minha eu fui reprovada... Por quê? Porque eu matava aula e ia pros programas de televisão que era junto da Pinto Júnior, na Rua Gervásio Pires. Aí fui reprovada. Fiquei caladinha. Esse ano eu não brinquei Carnaval. Durante a minha existência todinha eu só não brinquei Carnaval nesse ano que fiquei reprovada, porque estava de castigo; e durante as minhas gravidez que aí eu “brincava”, mas não era brincava! Eu casei em 58, em 59 eu tive a primeira filha. Aí eu já estava grávida e nesse Carnaval eu não brinquei. Em 60 eu tive a minha segunda filha – também não brinquei, que estava grávida, 61, não tive nenhuma filha, 62, tive a minha terceira filha. Tudo assim de início: uma é de abril, a outra é de maio e a outra é de março. Quer dizer que é tudo de maneira que no carnaval eu estava, hum! (faz sinal de gravidez). Aí não brincava o Carnaval. Ia naquela brincadeira assim... pá pápá, pa pápá, mas foram os tempos que eu não brinquei o Carnaval. Quando foi em 63 que minha menininha caçula já estava com um ano, ficou na casa de minha sogra e eu me juntei com 18 moças casadas e fizemos umas máscaras de palhaças e brincamos Carnaval. As duas [filhas] mais velhas foram pra casa da minha mãe, que já estavam maiorzinhas e a menorzinha, minha sogra ficou com ela. Como eu brinquei nesse Carnaval de 64! Fui às forras do período que não brinquei! Pinteí miséria!!!! Recife e Olinda foi pouco!” (informação verbal).*

Dona Dá concluiu o curso técnico em Contabilidade. Exerceu a profissão em um escritório de uma firma que fazia doces e, quando casou, com 19 anos, o marido não quis mais que ela trabalhasse. Ele era portuário, conferente da Cia. das Docas. Os dois foram casados por 18 anos. Quando ele faleceu, como suas filhas estavam na adolescência - e ela já recebendo sua pensão, embora quisesse trabalhar, optou por cuidar das filhas e da casa.

Dona Dá diz que sempre quis morar em Olinda; desejo que se realizou após aumentar a dificuldade de deslocamento entre Recife e Olinda, quando uma de suas filhas fazia faculdade. Com isso, mudou-se para a Rua Henrique Dias, uma rua

paralela à Boa Hora; e posteriormente para a Rua da Boa Hora, nº 207, onde vive há mais de 40 anos.

Além de entregar os troféus para todas as agremiações que passam pela Rua da Boa Hora durante o Carnaval inteiro e incentivar o *Encontro de Bois* na Quarta de Cinzas, Dona Dá também é diretora do bloco “Mulher na Vara”, que brinca no domingo de Carnaval, sendo a primeira mulher a subir na vara, na saída do grupo. Inicia este dia de madrugada, após o “Homem da Meia Noite” [Bloco de carnaval] abrir oficialmente o Carnaval, e entregar as chaves da cidade para o “Cariri” [outro bloco de carnaval]. Dona Dá e família acordam de madrugada para fazer o “Café da Manhã do Cariri”; à tarde, brinca no “Mulher na Vara”, e ainda, na mesma noite de domingo, aguarda o “Elefante” [mais um bloco de carnaval] “recolher” em sua porta.

Uma agenda de tirar o fôlego.

Reiterando: ela está prestes a completar 87 anos em 2025.

Na descrição de sua bio no *Instagram*²², é apresentada da seguinte maneira: “Carnavalesca de corpo, alma, marca-passo e coração, porque sou feita de CARNAVAL!”

E haveria melhor definição?

Convido agora você a visitar o perfil “Dona Dá Carnavalesca” para poder visualizar melhor sua vitalidade e os vínculos estabelecidos com o Carnaval.

Para além do gosto de Dona Dá pela festa, a moradora é uma liderança conceituada não só na rua onde vive. Sua presença é percebida e valorizada na cidade. É reconhecida como a “madrinha dos bois” e é também uma pessoa-símbolo do Carnaval Olindense.

Foi homenageada no Carnaval de Olinda, sendo a primeira mulher a receber esta deferência, em 2004. A escolha se deu mediante voto popular. Dona Dá atingiu a marca de 3.643 votos com o slogan “Carnaval sem Dona Dá não dá”.

Foi agraciada pelo “Homem da Meia Noite”, o calunga mais famoso da cidade em 2011. Em 2014, foi a vez do “Urso Pédecana” homenageá-la. Já em 2019 quem lhe consagrou foi o “Cariri Olindense”. Em 2023, o “Minhocão”; em 2024, “John Travolta”; e já neste ano de 2025, o “Elefante” prestou tributos, dedicando seu baile à ela.

²² Disponível em: <https://www.instagram.com/donadacarnavalesca/> Acesso em 18 jan. 2025.



Hora do bolo. Na imagem aparecem Victória [tirando a foto] e Ceça Pitanga

Agora que você já conhece a estrutura ritual do *Encontro de Bois de Olinda* e também Dona Dá, passo a desenvolver a análise da festa, em busca de demonstrar os motivos pelos quais considero o *Encontro de Bois de Olinda* como uma prática cultural que reflete o *Sistema Dádiva* nos dias atuais, de acordo com a perspectiva de Marcel Mauss, elaborada em seu *Ensaio sobre a Dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas* [no original *Ensaio sobre o Dom*], de 1924. A obra foi fundadora de um sistema de análise, e atualmente é reconhecida como um paradigma de interpretação de mundo. Como enunciador de discursos²³, o *Ensaio sobre a Dádiva*, permanece atual e influencia até hoje diversas disciplinas na promoção de debates sobre a natureza das interações humanas e suas estruturas sociais.

Visionário, Mauss, no momento em que escrevia seu *Ensaio*, afirma que o sistema de *prestações totais* [que será apresentado na sequência do texto] pelo qual a *Dádiva* se realiza, permanece vivo nos dias atuais e mais ainda, que ele é fundador da humanidade; e que, portanto, permanecerá.

De acordo com as proposições de Mauss, tanto os rituais, quanto as festas são meios privilegiados de expressões da *Dádiva*, acentuando seu potencial de realização.

²³ Discípulos de Mauss, Alain Caillé (2002) continua suas investigações e propõe, a partir destas, que o Sistema Dádiva seja reconhecido como um Paradigma do Dom. Já no tema específico das festas, destacam-se Roger Caillois (1950), com seu “O homem e o sagrado”; e Jean Duvignaud (1983) com o seu “Festas e Civilizações”. Por uma questão estratégica, pelos inúmeros atravessamentos ocorridos em minha vida durante a pesquisa, para não fazer uma leitura superficial e descuidada destes autores, optei por centrar minha análise a partir da construção do próprio Marcel Mauss, uma vez que ele já estava estabelecido como marco teórico da pesquisa. Retomo os autores em futuros trabalhos.

Somado à isso, entendo o *Encontro de Bois* como uma *prática de sociabilidade* [associação de indivíduos onde são realizadas trocas simbólicas] pertencente ao campo das festas, na medida em que seus elementos comuns estão presentes: um momento lúdico de confraternização, com música, dança e compartilhamento de alimentos; onde alguém recebe pessoas e grupos, por meio de visitas, e há realização de rituais (Resende, 2001). E por fim, por ocupar o espaço público, atuando como um ponto de encontro aberto a todas as pessoas, permitindo que diferentes classes sociais, idades, sexos, gêneros e origens compartilhem este momento de convívio e celebração, compreendo o *Encontro de Bois* como uma *feita popular*.

Como vimos anteriormente, considero o *ritual* realizado no âmbito do *Encontro* - quando os “bois” chegam à casa de Dona Dá, a homenageiam e são homenageados por ela - como o ápice da festa. Entendo aqui *ritual* como um sistema cultural de comunicação simbólica constituído de sequências de palavras e atos que são ordenados e padronizados, onde as pessoas participantes experimentam intensamente uma ação performativa utilizando vários meios de comunicação (Peirano, 2003).

Quando descrevi previamente a rotina carnavalesca de Dona Dá, mencionei que ela também entrega troféus no Carnaval; sendo assim, para ser justo, devo dizer que ela também opera essa ritualística no Reinado de Momo. Mas será que haveria uma diferenciação entre o *ritual* realizado durante o Carnaval e aquele que é realizado durante o *Encontro de Bois*? E havendo, será que a dinâmica ritualística da Quarta de Cinzas contribui para a construção desta identidade única nesta noite?

Antecipo que eles me parecem ser rituais de tipo/natureza diferentes.

Nos outros dias - durante o dia mesmo - os grupos passam em sua porta, cada um no seu tempo, isoladamente, e há intervalos na ocupação da rua; desta maneira, não há a intensidade da ambiência festiva proporcionada pelo grande número de pessoas reunidas no mesmo local celebrando algo. Quando lá estão, o estandarte dos blocos saúda Dona Dá, em um gesto carnavalesco muito comum em Pernambuco, como forma de reverência às pessoas [curvando-se em sua direção], ela oferece o troféu, alguém do grupo o recebe, agradece, o grupo fica um tempo tocando e depois vai embora.

Já na Quarta de Cinzas, para além da atividade ser realizada durante a noite, parece que a ambiência festiva é favorecida tanto pela oferta e consumo de alimentos,

quanto pela concentração de visitas dos grupos no mesmo horário; provocando uma *efervescência coletiva* (Durkheim, 2000)²⁴, quando a parte de cima da rua fica lotada, tanto pela presença dos grupos, quanto pelas pessoas que vêm participar do *Encontro*.

Para além disso, diferente dos blocos - onde é muito comum a orquestra e mesmo os componentes da agremiação serem pagos para desfilarem pelas ruas; no caso dos “bois”, a forma de participação é diferente, com todas as pessoas atuando/interagindo diretamente - pois como as pessoas dos grupos são da cena artístico-cultural, elas fazem a festa acontecer, junto com Dona Dá, como um momento único, do aqui-agora. Diferentemente do que ocorre nos outros dias do Carnaval quando as pessoas seguem as Orquestras de Frevo, por exemplo. Neste sentido, o ritual adquire, além do enfoque multilinguagens [que pode ser composto de música, dança, poesia, artes plásticas, circo, teatro, performance etc] um tom de criação, de improviso. Assim, a partir daquele encontro ímpar pode ser feita a menção a algum fato cotidiano - muitas vezes acontecido no mesmo dia; pode ser vocalizado também um “texto” de valorização do tempo em que o grupo se encontra com a moradora; ou ainda serem desenvolvidas performances artísticas específicas para Dona Dá, com entregas de presentes, reverências, músicas e cantos elaborados especificamente para aquele momento do *Encontro*; e muitos, muitos improvisos para homenagear a moradora. Assim, parece-me que além do horário de realização, a concentração de pessoas, e o compartilhamento de alimentos; esta outra camada adicional do ritual - que vou designar aqui como de circulação de afetos - dos quais destaco de reconhecimento e reciprocidade, conferem mais intimidade à noite. E assim, acabam por construir esta identidade singular, criando memórias diferenciadas na noite de Quarta de Cinzas, no Carnaval de Olinda.

O que quero destacar no argumento é que existem diferenças que estabelecem representações sociais distintas. Embora as etapas de comunicação ritual, por parte de Dona Dá, sejam praticamente as mesmas tanto no Carnaval, quanto na Quarta de Cinzas, ninguém diz que lá ocorre um “Encontro de Blocos e Troças” ou ainda um “Encontro de Bonecos Gigantes”, por exemplo. Por todo o exposto, parece que nos outros dias o ritual adquire um tom mais cerimonial - ainda que alegre e informal; já o

²⁴ Durkheim, em “As formas elementares da vida religiosa” (2000), apresenta a efervescência coletiva como um momento que ocorre quando uma comunidade ou sociedade se une e expressa o mesmo pensamento e ação, em prol de um propósito comum, gerando uma energia que excita os indivíduos, e que serve também para unificar o grupo.

segundo é uma celebração de reconhecimento mútuo e recíproco, nos quais festa e rito se fundem em momentos únicos, toda noite de Quarta de Cinzas.

Caminhando junto com Mauss (1924), considero o *Encontro de Bois* como um *fato social total*. Sendo assim, existem inúmeras “portas de entrada” para pensar sobre esse *Encontro/festa/ritual*. Quero destacar que o meu enfoque nesta pesquisa é na relação simbólica, de reconhecimento e reciprocidade, que opera na criação de identidades e memórias na noite de Quarta de Cinzas, geradas e fortalecidas especificamente no momento *ritual* da brincadeira.

Segundo Mauss (*ibid.*), o *fato social total* é um fenômeno social onde tudo se mistura. Ocasões onde são expressas, de uma só vez, as mais diversas *instituições* [crenças e comportamentos]: religiosas, jurídicas e morais - políticas e familiares ao mesmo tempo; econômicas - incluindo formas particulares do fornecimento e da distribuição; os fenômenos estéticos; e também os fenômenos morfológicos [configuração das partes/modo de relação com o meio em que essas *instituições* [formas de ação] manifestam. Para deixar mais nítido o conceito, como a investigação ocorre no contexto do Carnaval, vou citar exemplos deste ciclo festivo²⁵, que tem maior visibilidade do que o *Encontro de Bois*, a fim de me comunicar com mais facilidade. No âmbito das instituições religiosas para começar; embora nem sempre recordemos, o Carnaval é uma prática cultural vinculada à Páscoa, sendo a Quarta de Cinzas a abertura do período da Quaresma. Na dimensão econômica, toda a movimentação financeira que gira em torno desta festividade, tanto no âmbito da economia formal quanto da informal são evidentes: turismo, hotelaria, alimentação, entre outros, geram renda para uma série de produtos e serviços, incluindo suas dimensões artístico-criativas. No campo da dimensão cultural especificamente, percebe-se o quanto que a diversidade cultural se faz presente em nosso país. Passar o Carnaval em Recife/Olinda é completamente diferente do que passar o Carnaval em Salvador ou no Rio de Janeiro, por exemplo, para citar apenas três modelos de festividades com identidades bem consolidadas e divulgadas em âmbito nacional. Na dimensão identitária são ativados sentimentos de conexão, enquanto povo, e de comunidade nos territórios; na dimensão social são evidenciadas questões coletivas e políticas em inúmeras práticas culturais; estando incluídos, ainda, na celebração

²⁵ SANDRONI (2013), aponta que o Carnaval pernambucano, embora possa ser visto como uma única e grande festa, é também composto por diversas festas menores, cada uma com suas próprias características e singularidades; e que se faz necessário a realização de estudos específicos para que suas particularidades sejam compreendidas e apreciadas - como esta Tese, que agora se apresenta.

momesca, todo o aparato jurídico, que permite que a folia seja ponto facultativo; por exemplo, entre outras *instituições* [formas de ação] que poderiam ser citadas.

Tendo compreendido o *fato social total*; o próximo conceito que preciso apresentar é o *sistema de prestações totais*, que se realiza por meio da tripla operação *dar-receber-retribuir*.

Na perspectiva de Mauss (*ibid.*), a *Dádiva* é um ato de comunicação em resposta às necessidades de expansão e reafirmação de vínculos entre pessoas e grupos. Na verdade, ela, a *Dádiva*, deve ser compreendida como um sistema de comunicação e negociação interativa que é fundamental para introduzir a ideia da presença de um elo de solidariedade e reciprocidade que promove a formação de alianças.

A *Dádiva* produz o valor do vínculo, um ciclo aberto e/ou uma aposta na aliança que age entre as dicotomias prazer/interesse e obrigatoriedade/liberdade. Tem por fundamento o princípio da incerteza, criando um endividamento mútuo e positivo; e também manifesta a liberdade de ruptura no momento em que uma das partes avaliar pertinente.

Esta operação não é apenas uma resposta utilitária; ou seja: não é nem escambo, nem mercado, no sentido que a economia atribui às palavras. Contudo, se quisermos ainda permanecer neste campo linguístico da economia, para fazer uma analogia, poderíamos compreender a *Dádiva*, com seus dons e contradons, como uma operação de crédito que vai para além da operação contratual - estrita e puramente racional, na medida em que ela é uma aposta na aliança em busca do vínculo social e não somente de uma relação comercial - sem estabelecimento de vínculos - onde a relação é concluída com a venda do produto ou bem.

No *Sistema Dádiva*, a circulação dos bens ocorre por meio de operações simbólicas a partir dos laços sociais. Este crédito, esta expectativa de reciprocidade [seja ela imediata ou futura] pode ocorrer, inclusive sem ter as mesmas pessoas envolvidas, se materializando a partir de uma corrente de relações de dádivas que são estabelecidas a partir destas prestações. A doação de sangue é um bom exemplo neste aspecto.

De acordo com Mauss (*ibid.*), o que mantém este sistema de *prestação total* em movimento, por meio da tríplice operação *dar-receber-retribuir*, é uma força, que ele denomina *mana*, que faz com que o presente dado seja retribuído. Isto quer dizer

que estas prestações e contraprestações, por meio de presentes e visitas, por exemplo, são realizadas de forma voluntária, e também ao mesmo tempo obrigatória, porque sua finalidade é antes de tudo moral - e existe a obrigação absoluta em retribuir a dádiva recebida, sobre a pena de perder esta energia vital, o *mana* - a força acionadora destas relações, capaz de colocar toda a sociedade em movimento; que como vimos, é uma característica do *fato social total*.

Segundo o autor (*ibid.*), o *mana* apresenta uma dupla valia. É simultaneamente a força mágica e a honra de cada ser/coisa²⁶. É a coisa em si que circula [tesouros, talismãs, brasões, esteiras e ídolos sagrados; e também às vezes tradições, cultos e rituais mágicos] e ao mesmo tempo é também a autoridade que lhe é conferida ao receber esta fonte de riqueza. Assim, ao receber este bem, de natureza material e imaterial, por meio desta forma de relacionamento, o que se gera é um vínculo de almas em que dar alguma coisa a alguém significa também oferecer algo de si. “Se coisas são dadas e retribuídas, é porque se dão e se retribuem ‘respeitos’ - podemos dizer igualmente ‘cortesias’. Mas, é também porque as pessoas se dão ao dar, e, se as pessoas se dão, é porque se ‘devem’ - elas e seus bens - aos outros” (*ibidem, idem*, p.263). Neste sentido, recusar-se a partilhar, não convidar e negar-se a receber significa declarar guerra; recusar à aliança e à comunhão. Eis aqui o sentido do *mana*, a mistura de vínculos espirituais entre coisas e pessoas. Desta forma, de maneira simbólica e coletiva é gerado o interesse ligado às *coisas* trocadas; pois, elas jamais se separam integralmente de *quem* as troca. A comunhão e as alianças estabelecidas são relativamente indissolúveis. E assim, como ninguém é livre para recusar um presente, todos se esforçam para superar a generosidade na devolução da dádiva. É desta forma que o autor explica a permanência da influência nas coisas trocadas, imbricando os grupos uns nos outros; pois sabe-se que devem ser oferecidas a hospitalidade e o presente como se eles jamais devessem ser retribuídos, e de outro lado, sabe-se também que devem ser aceitos os presentes e as visitas porque além de bens, eles são também um meio de fortalecer o vínculo [contrato], do qual fazem parte.

²⁶ De acordo com Mauss, na nota 26, na página 198, a palavra *hau* designa, como o latim *spiritus*, ao mesmo tempo o vento e a alma; ao menos em certos casos, a alma e o poder das coisas inanimadas e vegetais; já a palavra *mana* costuma estar reservada aos seres humanos e aos espíritos (Mauss, 1924). A este respeito, somente a título de observação/associação, aqui no Brasil utilizamos a palavra *axé* integrando ambos os sentidos. O *axé* é força sagrada espiritual e ao mesmo tempo sua materialização. Energia e ânimo para realizar, para agir; a vitalidade para se alcançar o que se deseja.

O problema enunciado por Mauss como objeto de investigação em seu *Ensaio*, trata exatamente de compreender que força é esta que faz com que as *Dádivas* se mantenham em movimento virtuoso. O autor nos mostra, por meio de sua pesquisa, que é a dimensão moral que atua como um dispositivo de ativação desta rede, uma vez que as noções de honra e prestígio são acionadas neste tipo de relação de endividamento mútuo. Como vimos, o presente e o convite dado/feito deve ser aceito, assim como ambos devem ser retribuídos a fim da manutenção deste vínculo - e assim são realizadas as prestações e contraprestações, em busca de serem formadas novas alianças e fortalecidas as antigas.

De maneira sintética, poderia dizer que a principal ideia a ser fixada neste sistema de circulação, é que a materialidade dos objetos se mistura à alma de seus proprietários; e assim dar alguma coisa a alguém é também dar um pouco de si. Esta é a força motriz da dádiva apresentada por Marcel Mauss em seu *Ensaio sobre o dom* em 1924.

Dos extremos entre o sistema de *prestações totais de tipo agonístico*, foco dos estudos de Mauss, a partir do *potlatch* Melanésio, com seu caráter evidenciado pela rivalidade, destruição e combate, até os nossos dias, onde celebramos com brindes, festas de fim de ano, bodas e jantares - para citar alguns exemplos enumerados pelo autor, o que há em comum nestes *mecanismos espirituais (ibid.)* é aquilo que nos obriga a retribuir o presente recebido.

Assim, como resultado, Mauss constata que esta moral e essa economia permanecem vivas e constantes em nossos agrupamentos e afirma ter encontrado uma das “rochas humanas” sobre as quais são construídas todas as sociedades.

Uma parte considerável de nossa moral e de nossa própria vida permanece estacionada nessa mesma atmosfera em que dádiva, obrigação e liberdade se misturam. Felizmente, nem tudo ainda é classificado exclusivamente em termos de compra e venda. As coisas possuem ainda um valor sentimental, além de seu valor venal [de mercado], se é que há valores que sejam apenas desse gênero. Restam ainda pessoas e classes que mantêm ainda os costumes de outrora e quase todos nos curvamos a eles, ao menos em certas épocas do ano ou em certas ocasiões (*ibid.*, p. 294) [inserção minha].

Pensando especificamente no *Encontro de Bois*, a partir desta teoria, para além dos exemplos já apresentados, outros elementos que convergem para exemplificar o *fato social total*, movimentando toda esta comunidade, são os relatos presentes em diversas entrevistas ao afirmarem que, na Quarta de Cinzas, quando vai

anoitecendo, “do nada” - conforme expressão muito recorrente - já começa um burburinho na cidade e principiam a aparecer vários “bois” brincando pelas ladeiras.

Os “bois” vão ocupando diferentes espaços da cidade, em deslocamento, até que a *efervescência coletiva* se potencializa quando ocorre o acúmulo de pessoas na Rua da Boa Hora formando um cortejo-brincante muito diverso e impactante, tanto em seus movimentos estéticos [em todos os sentidos: visuais, sonoros, coreográficos, entre outros] quanto na capacidade de congregar pessoas tão diferentes em prol do mesmo objetivo.

Os dois lados, em sua forma de participação total, expressam a alegria de doar em público: Dona Dá realiza a acolhida, com generosidade, por meio de sua hospitalidade; e os grupos vivenciam o prazer do dispêndio artístico generoso. Desta maneira, ambos compõem a festa, na medida em que dispõem voluntariamente se seus recursos financeiros, estéticos, espirituais etc para a realização do *Encontro*.

Como vimos, o princípio básico da *Dádiva* é a aposta na construção da aliança; sendo assim, para fazer um contraste com a reflexão que desenvolverei em breve, da análise do movimento virtuoso da *Dádiva*, retomo aqui a descrição da origem da festa, por parte de Dona Dá. Relembro o momento de sua narrativa quando ela nos conta que Antônio Nóbrega não compareceu ao evento em sua homenagem - naquela primeira Quarta de Cinzas, que segundo o relato, lembremos, foi pensado especificamente para ele. Ao não comparecer, Nóbrega não acessa o ciclo da tríplice operação *dar-receber-retribuir*, e assim, vínculo não se estabelece.

Ainda pensando na dimensão da aposta na construção da aliança - agora no âmbito dos grupos, que acessaram as prestações e contraprestações da *Dádiva* - quando Dona Dá relata que não tem contato direto com os grupos fora do momento do ritual; e portanto não tem informações sobre eles, mas se prepara para receber à todos, está atuando no princípio da incerteza. Pois ao mesmo tempo em que a própria moradora afirma “Não sei de onde vem; só sei que passa” (informação verbal); ela não sabe de antemão aqueles que irão comparecer ao *Encontro*, ficando na expectativa de reencontrá-los. Da mesma forma, obviamente, existem grupos que ao longo destes 25 anos deixaram de participar do *Encontro* - exemplificando outro aspecto que Mauss menciona que é a da liberdade de ruptura de relação no momento em que uma das partes avaliar pertinente.

Contudo, o fato é que a Quarta de Cinzas, neste um quarto de século, permanece reiterando o seu ciclo virtuoso, nesta expectativa de reciprocidade [seja ela imediata ou futura], por meio desta operação de crédito baseada na incerteza.

A festa se realiza, inclusive, como aponta o autor (*ibid.*), sem ter necessariamente as mesmas pessoas/grupos envolvidos, mas com o *Encontro* se materializando a partir de uma corrente de relações de *Dádivas* que são estabelecidas a partir destas prestações. Aqui posso dar meu testemunho e afirmar que ao longo destas duas décadas que participo desta noite, a ampla maioria dos grupos retorna para sua visita à Dona Dá.

Passemos agora a um enfoque mais detalhado à circulação de afetos de reconhecimento e reciprocidade, que atuam de maneira contínua ao longo do tempo, fortalecendo esta aliança. Acredito que são estes vínculos constantemente reiterados que constroem esta identidade sem igual, e criam memórias diferenciadas na noite de Quarta de Cinzas do Carnaval de Olinda.

Os grupos, ao aceitarem receber o troféu, aceitam o “espírito do presente”, entrando no círculo virtuoso da *Dádiva*, por meio da operação *dar-receber-retribuir*; sendo assim, eles são movidos pelo *mana*, esta força que impele a conjugação de forças: graça recebida-graça retribuída, ativando noções de honra e prestígio neste tipo de relação de endividamento mútuo. Estas prestações e contraprestações, por meio de presentes e visitas, são realizadas de forma voluntária e também ao mesmo tempo obrigatória, porque sua finalidade é antes de tudo moral, e seu objeto é produzir um sentimento de amizade entre as pessoas envolvidas.

Outro ponto importante na teoria maussiana (*ibid.*) é a associação entre o objeto recebido e a alma de quem o oferece. Neste sentido, os “bois” ao irem visitar Dona Dá não vão somente para receber o troféu, que como vimos, de acordo com a leitura que estou propondo, “sela” o compromisso de retorno no próximo ano, fortalecendo os laços entre as pessoas participantes. O troféu é dado e recebido? Sim, com certeza; mas na verdade o que parece circular entre as pessoas - estes afetos - são os sentimentos de reconhecimento e reciprocidade. Desta forma, em frente à sua casa é realizado o ritual de dupla homenagem que, por meio de um ato comunicativo, expressa simbolicamente a função da *Dádiva* celebrada em dons e contradons de ambas as partes.

Anualmente, na noite de Quarta de Cinzas, tanto a moradora-símbolo do Carnaval de Olinda reafirma-se como madrinha dos “bois”, quanto estes brinquedos criados a partir de práticas de manuseio de múltiplos elementos culturais, reconhecem-se entre si neste local, mantendo a vitalidade do *Encontro de Bois*. E assim, por meio de trocas e prestações obrigatórias e voluntárias, interessadas e desinteressadas, são acumuladas e distribuídas riquezas de outra ordem que trazem satisfação e prestígio para quem as organiza.

Neste sentido, considero que o *Encontro de Bois* acontece devido à manutenção de esforços realizados pelos moradores da Rua da Boa Hora, especialmente por Dona Dá e família, em conjunção com os “bois” que participam do *Encontro*. Ambos deslocam suas práticas anteriores para a Quarta de Cinzas e alimentam-se mutuamente. Dona Dá, por um lado, passa a entregar troféus na noite de Quarta de Cinzas, expandindo seu ritual de entrega de troféus para uma festa, iniciando a oferta de alimentos; e por outro lado, aqueles “bois” que já existiam antes do *Encontro* possuir este formato, e ocorriam como brincadeiras isoladas, passaram a compor coletivamente a noite.

O que quero deixar nítido aqui é que um não existiria sem o outro: o *Encontro* em si, só existe a partir da aposta realizada por Dona Dá, ao acreditar que ao receber seus troféus, os “bois” voltariam; ao mesmo tempo em que esta identidade de madrinha dos “bois” começou a ser desenhada no momento em que os estes brinquedos entram no círculo virtuoso da Dádiva, reconhecendo também seus esforços, pois aqueles grupos que já existiam anteriormente à entrega dos troféus, poderiam continuar realizando sua brincadeira de maneira apartada. É desta forma que entendo ter sido criada esta ambiência festiva - que na dissertação denominei como *espaço*²⁷ *de sociabilidade ritual lúdico-festiva* - de características peculiares, que possibilitou [e possibilita] a convergência dos mais diversos grupos para o que atualmente chamamos de *Encontro de Bois de Olinda*.

²⁷ Segundo Certeau, **o espaço é um lugar praticado**, um cruzamento de móveis animado pelo conjunto de movimentos que ali se desdobram. Espaço é o efeito produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidade polivalente de programas conflituais ou de proximidades contratuais. (2000, p. 201-202) [grifo meu]. CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes. 2000. p. 352. Neste sentido, a frente da casa de Dona Dá na Quarta de Cinzas, em sua cotidianidade, é ressignificado; torna-se um espaço ritual de festa dedicado ao que em minha leitura, é o ápice da brincadeira bovina ao ser o ponto de convergência de diferentes práticas culturais que percorrem as ladeiras da cidade e dirigem-se para sua porta.

Sendo assim, poderia dizer que os troféus, as frutas e as bebidas são presentes de Dona Dá, representando a Rua da Boa Hora [e por que não o Carnaval de Olinda?] aos “bois” que comparecem na noite de Quarta - expressando uma *Dádiva* - marcada pela abundância. Este é seu dom. Ao mesmo tempo esta *Dádiva* retorna como contra-dom à Rua e à moradora, na medida em que cada vez mais grupos convergem para a Boa Hora e participam do ritual realizado em frente à sua porta, como reconhecimento pela sua relação festiva com o Carnaval.

Em uma de suas conclusões de ordem moral, ou de civismo ou de civilidade, como ele também denomina, Mauss (*ibid.*) nos recomenda voltar ao arcaico, ao elementar, ao mais básico da vida humana, a fim de redescobrirmos motivações de vida e ação existentes em numerosos grupos sociais: a alegria de doar em público; o prazer do dispêndio artístico generoso; a acolhida da hospitalidade, o conagraçamento da festa privada e pública.

E não seria EXATAMENTE isto, o *Encontro de Bois*?

Este capítulo desenvolveu o primeiro movimento da tese, que é o de demonstrar como o *Sistema Dádiva* pode ser utilizado para compreender o *Encontro de Bois de Olinda*, entendido como uma *feira popular* que tece identidades e memórias únicas, anualmente, na noite de Quarta de Cinzas em Olinda.

Por meio da análise, com enfoque no ritual, e entendendo este como um ato de comunicação simbólica - de construção e reafirmação de laços, mostrei como sua realização parte de uma intencionalidade, baseada na aposta da construção da aliança, que é efetivada através das tríplice obrigação *dar-receber-retribuir*.

Lembremos que esta pesquisa parte da premissa de que as *festas populares* são espaços educativo-pedagógicos que constituem a formação humana; neste sentido, entendo que participar de uma *feira popular* é também participar de uma experiência educativa. Desta forma, acredito que as *festas populares*, ao serem lidas sob o *Sistema Dádiva*, em sua dimensão de intencionalidade comunicativa, revelam-se como importantes espaços-tempo de educação, na medida em que estes festejos, ao ocuparem as ruas, servem como espaços privilegiados para o intercâmbio cultural, aprendizado social e fortalecimento de laços comunitários. Afinal, as pessoas, ao aprenderem umas com as outras, em um ambiente que valoriza a reciprocidade e a partilha, fazem com que a força motriz do *Espírito da Dádiva* permaneça em movimento.

CRIAR UM BOI E **RECEBER** UM TROFÉU: EDUCANDO PELA RECIPROCIDADE.

Neste capítulo apresentarei onde se localiza o debate sobre a festa no campo da Educação. Abordarei as proposições de Maria da Glória Gohn, que conceitua três modalidades educativas: a *Educação Formal*, a *Educação Não Formal* e a *Educação Informal*, e proporei um diálogo crítico com sua produção, em busca de uma expansão do conceito de *Educação Informal*. Para um melhor entendimento de seu argumento, demonstrarei as etapas de desenvolvimento deste conceito, por parte da autora, para provocar um debate acerca da intencionalidade da *Educação Informal*; nosso principal ponto de divergência.

Ao focar as *festas populares* no âmbito da *Educação Informal*, compreendo o *Encontro de Bois de Olinda* como pertencente à este modelo preconizado pela autora e, sendo assim, proponho uma expansão da delimitação proposta, a partir da demonstração de que, ao pensar a *festa popular*, sobre a ótica do *Sistema Dádiva*, é possível vislumbrar sua intencionalidade.

Complementando o capítulo, e articulando o debate com proposições elaboradas a partir de estudos das obras de Marcel Mauss, trarei as reflexões de Gilmar Rocha (2011), que dirige o debate das teorias maussianas para a educação, constatando que, segundo o autor francês, a Educação ocorre em todos os momentos da vida, por meio de ações intencionais de transmissão cultural; e também de Alexandre Simão Freitas (2005) que defende que a Educação é uma Dádiva.

Embora há muito já se saiba que a prática educacional não ocorre exclusivamente em instituições educativas (Brandão, 1981); como demonstrado no levantamento preliminar da pesquisa, refletir sobre a Educação é praticamente sinônimo de produzir conteúdos que abordam processos de ensino-aprendizagem realizados em instituições educativas. Somado à isso, se enfocamos o tema das *festas populares*, no âmbito da Educação, percebemos o quanto a produção acadêmica sobre estas *práticas de sociabilidade* parece provocar uma delimitação específica das manifestações culturais, que acabam por produzir efeitos pedagogizantes, transformando-as em recursos didáticos, que são utilizados de maneira instrumentalizada, em detrimento de valorizar o seu próprio potencial educativo enquanto prática cultural.

Apresentando de maneira mais estruturada os resultados encontrados a este respeito percebe-se que: 1) tratar de Educação no Brasil, ainda nos dias de hoje, para a produção do conhecimento acadêmico, é praticamente sinônimo de abordar processos pedagógicos realizados dentro do espaço escolar. Percebe-se que a centralidade das pesquisas infelizmente permanece vinculada, quase que exclusivamente, à *Educação Formal*, representação dominante no campo. E se no âmbito da *Educação Não-Formal*, existem poucas produções, como nos informa Maria da Glória Gohn em seus diferentes textos, conforme argumento que será desenvolvido nos próximos parágrafos, parece-me, também que 2) de acordo com o levantamento realizado, a universidade, praticamente não tem centrado esforços no aprofundamento do debate sobre os processos educativos da *Educação Informal*. E mais ainda: 3) se dentro desta Modalidade de Educação, afunilarmos a busca, e lançarmos nosso olhar para a dimensão das *festas populares*, percebe-se que o assunto historicamente tem sido posto à margem das produções científicas. O mapeamento realizado sinaliza igualmente que, 4) quando as *festas populares* são abordadas pela Educação, o enquadramento discursivo do campo acaba por considerá-las somente dentro das instituições de ensino [reiterando a primeira constatação], e assim, acaba por produzir efeitos pedagógicos, transformando as celebrações em recursos didáticos, que, utilizados de maneira instrumentalizada, desconsideram seu potencial educativo próprio, enquanto prática cultural, inserida na dinâmica social da vida, em sua dimensão adaptativa e criativa.

Tendo localizado onde está a *festa* na Educação, busco, a partir de agora, construir uma reflexão sobre de que maneira o enquadramento das *festas*, a partir de suas diferentes modalidades educativas, tende a invisibilizar, no âmbito acadêmico, seus processos formativos, sobretudo no que diz respeito à *Educação Informal*.

Na reflexão aqui proposta, a fim de articular a Cultura com a Educação, em seu sentido mais amplo, interessa-me refletir como é delineada a produção do conhecimento sobre a *Educação Informal*, tendo como base as produções de Maria da Glória Gohn. E, a partir de suas categorias de análise, iniciar o debate sobre a *representação* construída acerca das diferentes modalidades de educação para refletir sobre os desdobramentos que este enquadramento pode produzir especificamente no que diz respeito às *festas populares*. Pois, o que está em jogo, por meio do enunciamento de discursos, é como se constitui a realidade (Ianni, 2011).

O que desejo aqui é participar da construção do objeto, criando sua realidade, por meio do diálogo entre pares, a fim de preencher lacunas, junto à comunidade acadêmica.

Conforme os levantamentos realizados, a autora tem sido, ao longo do tempo, no Brasil, a principal pesquisadora a desenvolver estudos sobre as Modalidades de Educação, dispondo-a em três categorias: *Educação Formal*, *Educação-Não Formal* e *Educação Informal*. Referência na área, Maria da Glória Gohn²⁸ é citada em todas as pesquisas coletadas na revisão bibliográfica realizada, em busca de encontrar produções, no nível de doutoramento, específicas de programas de pós-graduação em Educação, acerca do tema Modalidades de Educação.

Neste sentido, na proposta que agora passo a desenvolver, por meio de revisão bibliográfica não exaustiva da produção da pesquisadora, acerca das modalidades da educação, busco ponderar se os elementos constitutivos da categorização elaborada pela autora seriam adequados para sistematizar o conhecimento produzindo pelas celebrações brasileiras, a partir da *Educação Informal*.

De maneira breve, como uma primeira aproximação de sua argumentação, pode-se dizer que, na concepção da autora, a *Educação Formal* é aquela realizada em instituições de ensino [escolas, universidades]; que a *Educação Não-Formal* ocorre em espaços educativos onde há intencionalidade pedagógica [sendo este o foco de suas reflexões], como ONGs e Associações Comunitárias, ações do Sistema S [SESC, SENAI, SENAC], por exemplo; e que a *Educação Informal* seria aquela apreendida sem intencionalidade, dizendo respeito ao local de nascimento da pessoa, às experiências familiares, territoriais, religiosas, de classe social etc.

No artigo *A Educação Não-formal e a relação escola-comunidade*, de 2004, Maria da Glória Gohn aborda os efeitos da interação da educação com a sociedade destacando dois aspectos: 1) a importância das escolas interagirem com a comunidade

²⁸ Maria da Glória Gohn graduou-se em Sociologia, pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, em 1970. Realizou mestrado também em Sociologia, pela Universidade de São Paulo - USP, no ano de 1979. Obteve o título de doutora em Ciência Política, também pela USP, em 1983, e realizou o pós-doutorado pela *New School University*, em Nova Iorque em 1997. Atualmente é professora titular aposentada da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, e Professora Visitante Sênior, da Universidade Federal do ABC - UFABC. A autora tem experiência na área de Sociologia, Educação e Políticas Sociais, e atuação voltada para os seguintes temas: movimentos sociais, participação social, *Educação Não-formal*, associativismo e cidadania. De acordo com seu currículo lattes, publicou 22 livros; destes, 19 são de autoria individual, e outros 3 organizados em coletâneas. Desde a década de 1990 coordena o GEMDEC - Grupo de Estudos, Movimentos Sociais, Demandas Educativas e Cidadania, onde atualmente desenvolve o projeto de pesquisa: *A Educação Não-Formal e as ONGs em São Paulo*.

organizada de seu entorno e 2) que as ações realizadas pelas organizações, associações, ONGs, movimentos sociais - entendidas como pertencentes ao campo da *Educação Não-Formal* - se relacionam com a comunidade educativa, sendo esta compreendida de maneira ampliada. A hipótese da autora neste texto é de que a articulação entre os campos destas duas modalidades [*Educação Formal* e *Educação Não-Formal*], por meio da participação ativa de pessoas exercendo seu direito de cidadania, seria um dos principais caminhos para gerar um novo modelo civilizatório centrado na pessoa humana e não no Mercado. A pesquisadora afirma que, ao ocupar ambos espaços formativos, a pessoa discente gera aprendizado político experimentando formas de participação social que se desdobrarão em uma nova cultura política.

Embora a autora não se detenha na escrita deste primeiro texto analisado sobre a *Educação Informal* especificamente, naquilo que cabe aos objetivos deste relatório, interessa aqui especialmente refletir sobre sua primeira parte, onde ela faz uma delimitação teórico-conceitual, e destaca seus conceitos-chave.

Um primeiro conceito, que acredito, colabora com a tese, é o de *comunidade educativa* que é utilizado como elemento discursivo para designar todo o grupo de pessoas que participa do processo educacional - seja ele realizado dentro ou fora das unidades escolares (Gohn, 2004).

Na concepção da autora, que concordo, é importante perceber a importância das diversas experiências realizadas junto aos diferentes atores no processo formativo da pessoa educanda. Nesta perspectiva, com este conceito ampliado de educação, de maneira prática, passa-se a valorizar as situações vividas no cotidiano, para além dos muros da escola; ou seja: compreende-se que a educação não se restringe exclusivamente aos processos de ensino-aprendizagem realizados no interior de unidades escolares formais²⁹. Desta forma, esta mudança de perspectiva amplia tanto o local de realização da atividade pedagógica [escola], como também as pessoas responsáveis pelo processo educativo [professores] - informação que será desenvolvida posteriormente, ainda neste capítulo.

A argumentação global deste primeiro texto [e ênfase da trajetória da autora, como vimos], caminha no sentido de promover a valorização das aprendizagens

²⁹ Tendo em vista esta perspectiva, e no desejo de dialogar mais diretamente com o campo da Educação, incorporei à escrita categorias externas ao campo de pesquisa, como *relações de ensino-aprendizagem* e *pedagogia*, tão caras à este campo do conhecimento; mesmo sabendo que elas não explicam o uso social para além do espaço escolar. Neste sentido, tal qual sugerido por Paulo Carrano, um dos membros da banca, a quem agradeço imensamente a contribuição, o título da Tese poderia ser “Educação pela Festa”, sem nenhum prejuízo.

realizadas em contextos de *Educação Não-Formal*, como associações, grupos comunitários, movimentos sociais, ONGs e instituições não estatais, em geral. Destaco que neste artigo a pesquisadora registra que esta proposição vai de encontro à interpretações dominantes no campo da Educação Brasileira que consideram a Educação como atividade restrita às atribuições das pessoas vinculadas à comunidade escolar. Chama-me atenção o fato de que em 2004 [2004!] ainda fosse preciso destacar isso no espaço acadêmico. O eixo central da argumentação da autora visa valorizar o trabalho pedagógico realizado pelas diferentes associações movimentos sociais - campo de atuação da *Educação Não-Formal*, de maneira relacional à *Educação Formal*, entendida a interação entre ambas, no âmbito da *comunidade educativa*.

Me surpreende sido deixada de fora a *Educação Informal* deste processo mantendo o debate ainda restrito ao âmbito da institucionalidade; sendo assim, um primeiro movimento que proponho, é deslocar ainda mais a centralidade do processo formativo do espaço escolar, para a dinâmica da vida, a partir das relações de ensino aprendizagem realizadas por meio da *Educação Informal*, e mais especificamente das *festas populares* como elementos importantes e constitutivos da pessoa humana.

A aproximação que busca-se operar aqui ao trazer o campo da Educação para dialogar com a Cultura é: se toda prática social é uma prática simbólica, na medida em que os signos não têm significados pré-existentes, e dependem do contexto vivido, isso significa dizer que ela é apreendida e que, portanto, é mediada por um processo de ensino-aprendizagem. Para citar um exemplo concreto, deixando o argumento mais evidente: a partir deste nosso encontro, o próprio idioma em que escrevo, e que você agora me lê, diz respeito ao processo de ensino-aprendizagem destes símbolos em que ambos fomos socializados. Ou seja: dependendo do local de origem da pessoa que acessa o texto, ou das experiências vividas em seu *campo de possibilidades*³⁰, esse emaranhado de códigos/sinais gráficos/convenções podem fazer sentido ou não. Os signos são vazios de significados e são preenchidos pela cultura, mediados por meio de um processo educativo³¹. E da mesma forma, por extensão, pode-se dizer que participar de uma *feira popular* é também participar de uma experiência educativa por meio da qual são mantidos, criados, recriados e transmitidos símbolos que contém diferentes sentidos e significados daquela coletividade na qual a pessoa nasceu ou teve

³⁰ Gilberto Velho (2003) define campo de possibilidades como as oportunidades que podem ser alcançadas dentro de um contexto sociocultural. São as alternativas construídas por meio do processo sócio-histórico, articuladas ao potencial interpretativo do mundo simbólico da cultura.

³¹ Neste sentido, em toda prática cultural, em toda a Cultura, na verdade, há um processo educativo.

acesso/experiências. Em uma sentença: pode-se dizer que as festas são espaços pedagógico-educativos que constituem a formação humana.

Como vimos, caminhando junto com Mauss, na elaboração desta proposição, parti do entendimento de que as *festas populares*, são um *Fato Social Total*; e sendo assim, elas podem ser compreendidas como *instituições* onde tudo se mistura e ocorre de maneira simultânea. Assim, com este marco teórico, me proponho a pensar que, para além da educação realizada em espaços formais [escolas, universidades] e não-formais de educação [associações comunitárias, ONGs, entre outros] as *festas populares*, em seu local próprio de realização, são também espaços pedagógicos que produzem e fazem circular saberes que nos atravessam e constituem coletivamente. Elas nos educam de maneira permanente e recorrente acerca do convívio em sociedade - sobretudo aquelas celebrações vinculadas aos *ciclos comemorativos*³² como o Carnaval, a Páscoa, Pentecostes, as Festas Juninas, e o Natal. Não custa lembrar, neste momento, que as *festas populares* além de acionarem elementos comumente vinculados à tradição, permanecem em constante processo de criação/renovação e assim, atualizam-se constantemente. Quando participamos destas *práticas de sociabilidade* - e tudo que elas colocam em movimento - estamos o tempo todo ensinando e aprendendo de maneira partilhada umas com as outras pessoas e fazendo circular diversos saberes, que no final de tudo, dizem sobre nossa forma de estar no mundo, e de construir nossa identidade e a nossa memória.

Ainda no texto de 2004, Gohn, ao analisar a participação da sociedade civil no processo educativo, discorre sobre os conceitos de *sentido* e *significado*. Estas definições da pesquisadora vão ao encontro do meu argumento anterior das relações de ensino e aprendizagem realizadas por meio das *festas populares*; pois ela define *sentido* como tudo aquilo que oferece uma orientação, um rumo para as ações e seus desdobramentos. Já o *significado*, é definido como um processo subjetivo no qual os atores sociais acessam o conceito de algo em meio à coletividade. Nas palavras da autora:

Os significados são aprendidos e apreendidos, socializados, identificados, confirmados e testemunhados por aqueles que se defrontam com o outro. Para que um indivíduo ou um grupo possa dar sentido a uma ação social,

³² De acordo com Barbero, “O tempo cíclico é um tempo cujo eixo está na festa. As festas com sua repetição, ou melhor, com seu retorno balizam a temporalidade social [...] Cada estação, cada ano possui a organização de um ciclo em torno do tempo denso das festas, denso enquanto carregado pelo máximo de participação, de vida coletiva”. (MARTÍN-BARBERO, 2003, p. 136).

precisam decodificar o significado do que está em tela em termos do conteúdo das mensagens implícitas, determinar quem é o emissor e o receptor, que universos simbólicos contêm e que valores defendem ou rejeitam. De posse desse acervo de informações, eles o confrontam com seu universo referencial. Essas operações mentais são instantâneas e se buscam na cultura política acumulada por esses personagens na sua trajetória de vida; resgatam-se no perfil de valores herdados, ou transmitidos, pelo meio ambiente em que viveram e vivem, nas instituições de que participaram ou nas quais se articulam. (*Idem, ibidem, p.78*).

A única perspectiva diferente aqui, entre o olhar da autora, e a proposta que estou desenvolvendo, é que ela, ao partir do debate sob o ponto de vista da *Educação Não-Formal*, na medida em que está se referindo a relação entre escola e comunidade, utiliza a palavra instituição no sentido físico [lembramos: associações, grupos comunitários, movimentos sociais, ONGs e instituições não estatais]. Já para o debate do campo simbólico, Gohn utiliza o conceito de *cultura política*:

Cultura política diz respeito aos valores que os indivíduos e grupos desenvolvem em relação à pólis e à área pública de uma forma geral; está presente nas estruturas mentais e nos comportamentos dos indivíduos e grupos sociais a expressar as representações e o imaginário simbólico-cultural incorporado pelos indivíduos ao longo da trajetória de suas experiências individuais e coletivas (GOHN, 2001b *apud* GOHN, 2004).

Já no meu caso, como opero com a “lente” proposta por Durkheim-Mauss, aciono o conceito de *instituição* como tudo aquilo que ordena as crenças e comportamentos. Todas as formas de agir da sociedade, estando elas, institucionalizadas ou não - como as *festas*, por exemplo. Dentro desta perspectiva [neste sentido específico que estou desenvolvendo neste momento] não faz tanta diferença, se ao abordar o São João, estamos tratando “do maior São João do Mundo” patrocinado pela prefeitura, ou da pequena festa familiar que você realiza com sua família e amigos no seu quintal. Ambas comemorações dizem respeito às formas de pensar e agir brasileiras, fazendo circular códigos de valores que são ensinados-aprendidos na realização da celebração, criando e reforçando laços de pertencimento e identidade sociocultural e política. Desta maneira, seja operando como *estruturas mentais*, na concepção de Gohn, ou como *instituições*, no sentido atribuído por Durkheim, as definições se coadunam como marcos conceituais que refletem sobre a forma de organização social, sendo apenas entradas de acesso diferentes ao objeto de investigação.

No artigo *A Educação Não-Formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas*, de 2006, a autora realiza um estudo sobre a *Educação Não-Formal* e reflete sobre seu papel no processo educativo, por meio da participação dos movimentos sociais atuantes na área da educação nos conselhos escolares; tratando também neste texto, do aprendizado resultante deste processo, entre os atores participantes.

A autora afirma neste artigo, que naquele período, a área da *Educação Não-Formal* ainda encontrava-se em desenvolvimento. Seu argumento reforça a constatação do mapeamento realizado nesta pesquisa de que o termo *não-formal* é também utilizado em algumas investigações como sinônimo de *informal*; e, para auxiliar na construção/elucidação dos conceitos, realiza na primeira parte deste texto um estudo comparativo entre a *Educação Formal*, *Educação Não-Formal* e a *Educação Informal*, que será objeto da reflexão a partir daqui.

Como não poderia deixar de ser, devido seu enfoque, Gohn (*ibid*), inicia sua argumentação a partir da *Educação Não-Formal*, e a apresenta como um processo formativo multidimensional que pode ser realizado por meio de aprendizagens relacionadas à temas referentes à cidadania; à capacitação para o trabalho; à mobilização comunitária em prol de resolução de problemas coletivos; à formação de leitura crítica do mundo, e à educação midiática.

Em seguida, a autora começa a expor seu raciocínio, desenvolvendo contrastes entre as três modalidades educativas, que apresento, de maneira esquemática, a partir do quadro abaixo:

Pergunta	<i>Educação Formal</i>	<i>Educação Não-Formal</i>	<i>Educação Informal</i>
Qual o campo de desenvolvimento?	Escolas, com conteúdos previamente demarcados.	“Mundo da vida”, via compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivas cotidianas.	Processo de socialização - família, bairro, clube, amigos etc; carregada de valores e culturas próprias, de pertencimento e sentimentos herdados.

Quem é o educador?	Professor.	O “outro”, aquele com quem interagimos/nos integramos.	Pais, família em geral, amigos, vizinhos, colegas de escola, o templo religioso, meios de comunicação de massa etc.
Onde se educa?	No espaço das escolas, instituições regulamentadas por lei, certificadoras, e organizadas de acordo com diretrizes nacionais.	Territórios que acompanham as trajetórias de vida dos grupos e indivíduos, fora das escolas, em locais informais, locais onde há processos interativos intencionais	Espaços educativos demarcados por referências de nacionalidade, localidade, idade, sexo, religião, etnia etc.
Como se educa?	Com regras e padrões comportamentais definidos previamente, em ambientes normatizados.	Em ambientes e situações interativas de aprendizagem e de transmissão ou troca de saberes, construídos coletivamente, segundo as diretrizes dos grupos. Usualmente a participação dos indivíduos é optativa.	Em ambientes espontâneos, onde as relações sociais se desenvolvem segundo gostos, preferências, ou pertencimentos herdados.
Quais são os objetivos?	Ensino e aprendizagem de conteúdos historicamente sistematizados, normatizados por leis, dentre os quais destacam-se o de formar o indivíduo como um cidadão ativo; desenvolver habilidades e competências várias.	Seus objetivos se constroem no processo interativo, gerando um processo educativo. De uma maneira geral, visa capacitar os indivíduos a se tornarem cidadãos do mundo, no mundo, abrindo janelas de conhecimento sobre o mundo circundante.	Socializar os indivíduos, desenvolver hábitos, atitudes, comportamentos, modos de pensar e de se expressar no uso da linguagem, segundo valores e crenças dos grupos que se frequenta/que pertence por herança, desde o nascimento.

<p>Quais são os principais atributos?</p>	<p>Requer tempo, local específico, pessoal especializado, organização de vários tipos (inclusive a curricular), sistematização sequencial das atividades, disciplinamento, regulamentos e leis, órgãos superiores etc. Ela tem caráter metódico e, usualmente, divide-se por idade/classe de conhecimento.</p>	<p>Não é organizada por série/idade/conteúdos. Atua sobre aspectos subjetivos do grupo, formando sua cultura política. Ajuda na construção da identidade coletiva do grupo, por meio do desenvolvimento de laços de pertencimento que proporcionam a cidadania coletiva e pública do grupo.</p>	<p>É um processo permanente e não organizado, os conhecimentos não são sistematizados e são repassados a partir das práticas e experiências anteriores. Usualmente é o passado orientando o presente. Atua no campo das emoções e sentimentos.</p>
<p>Quais são os resultados esperados?</p>	<p>Aprendizagem efetiva, com certificação e titulação autorizam os indivíduos a seguir para graus mais avançados.</p>	<p>Poderá desenvolver, o sentimento de valorização de si próprio; desenvolvimento de identidade comunitária; construção e reconstrução das concepções de leitura do mundo; forma o indivíduo para a vida e suas adversidades, para além da capacitação para o mercado de trabalho.</p>	<p>Os resultados não são esperados, eles simplesmente acontecem a partir do desenvolvimento do senso comum nos indivíduos, que orienta suas formas de pensar e agir espontaneamente.</p>
<p>Quais são as metodologias utilizadas?</p>	<p>Planificadas de maneira prévia, seguindo conteúdos prescritos por leis.</p>	<p>Problematização da vida cotidiana. Os conteúdos surgem das necessidades, carências, desafios, obstáculos ou ações empreendedoras a serem realizadas. É dinâmica e não se subordina às estruturas burocráticas. Há metodologias, ainda que com alto grau de provisoriedade.</p>	<p>A vivência e a reprodução do conhecido, da experiência segundo os modos e as formas como foram apreendidas e codificadas.</p>

Fonte: Gohn (2006); Elaborado pelo autor.

Em que pese a argumentação da pesquisadora afirmando que a *Educação Não-Formal* é uma área de conhecimento ainda em construção, me parece que, de uma forma geral, esta tripla caracterização proposta, ocasiona um movimento que parte da ideia implícita de que a *Educação Formal* seria a correta, mais completa, mais elaborada e sofisticada. Em uma palavra, o referencial de educação. Isto faz com que tanto a *Educação Não-Formal*, quanto a *Educação Informal* sejam definidas por suas vias negativas em quase todos os itens de análise, ou seja: passam a ser compreendidas por tudo aquilo, que a partir deste enquadramento, diz-se que elas não têm. Penso que, caso a autora desejasse manter esta estrutura comparativa [até porque seu enfoque é o da *Educação Não-Formal*], me pareceria mais coerente se perguntar o que é que ela, a *Educação Não-Formal*, tem, que as outras duas não têm, e qual contribuição esta modalidade educativa pode ofertar/complementar às demais. A inversão da pergunta, poderia ocasionar, talvez, outras questões a serem desenvolvidas. Assim, ao invés delas serem consideradas em suas ausências; ao perguntar: “o que é que elas têm?” poderiam ser localizadas as potencialidades das outras duas modalidades. Me parece que seria mais justo com as demais, que pertencem a campos de construção do conhecimento distintos, e operam sobre suas próprias programáticas. Neste sentido, mesmo que não tenha sido intencional, uma vez que ainda hoje somos [de]formados imersos neste paradigma científico, a construção do argumento da pesquisadora me pareceu um tanto quanto eurocentrada e muito semelhante à um debate ocorrido no campo da Cultura que categoriza as práticas entre *Cultura Erudita*, *Cultura de Massa* e *Cultura Popular*, que, seguindo o mesmo esquema de raciocínio hierarquizou, nesta ordem de distribuição, da mais elaborada à menos reflexiva, sendo a última, a popular/tradicional quase que desenvolvida de maneira “natural”, “orgânica” [Não por acaso, se denominam também as *culturas populares* como culturas de raiz]. Este é um longo debate e não aprofundarei este raciocínio; contudo, deixo aqui como “pistas” para futuras escritas como o processo colonial ainda em nossos tempos hierarquiza e subjuga os outros saberes que, na verdade, são formas diferenciadas de construir e partilhar o conhecimento.

Prosseguindo com as reflexões a partir da categorização proposta pela autora, parece-me que, no intuito de construir o seu arcabouço argumentativo, além da questão apontada anteriormente, da percepção, como pano de fundo da *Educação Formal* ser considerada a mais correta/completa, parece-me que ao elaborar seu

modelo, a pesquisadora acaba por acentuar demais o contraste entre as três modalidades, “achatando” seus pontos de contato; elementos que passo a desenvolver a partir deste momento, com enfoque na valorização da *Educação Informal*.

Um primeiro ponto que me chama atenção ao responder à pergunta “Qual o campo de desenvolvimento?”, é a utilização da expressão “no mundo da vida”, situada no âmbito da *Educação Não-Formal*, sendo atribuído o compartilhamento de experiências em espaços de ações coletivos cotidianos como exclusividade desta modalidade educativa. Sobre esta questão, fiquei me perguntando se não seriam as *festas Populares* também o “mundo da vida”. Me parece que sim, pois, como dito anteriormente, são espaços onde se expressam/criam/recriam/ensinam/aprendem diferentes concepções de leitura do mundo. E destaco que tal campo de desenvolvimento, de compartilhamento de experiências e de ações coletivas, se expressa independente de serem *festas populares* consideradas tradicionais ou mais recentes, com poucos anos de existência; ou ainda terem sido criadas por pessoas que não tinham vínculos familiares, de bairro etc com as tradições que foram elementos inspiradores para a festa em questão [elementos atribuídos pela autora como característicos da *Educação Informal*], como no caso aqui do *Encontro de Bois de Olinda*; objeto desta pesquisa.

Na pergunta “Quem é o educador?”, destaca-se novamente a dimensão de enraizamento atribuída à *Educação Informal*, enquanto a pesquisadora atribui a interação/integração com o “outro” totalmente à *Educação Não-Formal*; destinando à ela, todo o aspecto de deslocamento da vida da pessoa. Contudo, conforme já percebemos até aqui, na maneira pela qual a autora trabalha, o processo de *Educação Não-Formal* basicamente passa pela institucionalidade e neste sentido, pode-se dizer que o percurso de vida das pessoas não necessariamente é destinado ao percurso organizacional e que, portanto, é também impactado por meio de seus deslocamentos por espaços de *Educação Informal*, como as *festas populares*, por exemplo. Outro ponto que destaca-se neste item - que será abordado mais à frente - é a atribuição de não intencionalidade à *Educação Informal*; contudo tanto nesta pergunta quanto em outra subsequente, a pesquisadora inclui no âmbito da *Educação Informal* tanto templos e igrejas quanto meios de comunicação de massa. Considero bem difícil sustentar a participação destes dois últimos na perspectiva de não terem intencionalidade; afinal, se há um processo educativo-formativo, que pode-se dizer

que tem um projeto/intencionalidade há séculos é o religioso, independente de sua matriz cultural. Da mesma forma, mais do que nunca, acredito, que atualmente não seja mais possível defender a posição de que não há intencionalidade em meios de comunicação de massa em tempos de *fake news*, para dizer o mínimo. Mais adiante retomarei o debate sobre a intencionalidade.

Na terceira questão, “Onde se educa?”, aparentemente as três modalidades se misturam, pois ao responder esta pergunta a autora elenca a normatização dos espaços educativos; contudo, mesmo os espaços de *Educação Não-Formal*, em geral, são regulamentados por Lei, como por exemplo ONGs [atualmente designadas OSCs³³], o Sistema “S” [SESC, SENAI, SENAC] etc. Neste item ainda, a autora utiliza a expressão informal para designar os locais onde é realizado o processo educativo da *Educação Não-Formal*, da mesma maneira que reforça a intencionalidade deste processo interativo a fim de operar um contraste com a *Educação Informal*, que será desenvolvido no próximo item.

Na pergunta 4 “Como se educa?”, fica à cargo da *Educação Formal* os aspectos de maior formatação/rigidez; ao passo que a maleabilidade, por meio da interação coletiva, fica atribuída à *Educação Não-Formal*, e o processo educativo não intencional/espontâneo/herdado, destinado à *Educação Informal*. Novamente, na *Educação Informal*, no que diz respeito às *festas populares*, parece-me que este enquadramento não se aplica à manifestações da cultura deste tipo, pois nem toda festa é herdada; de maneira alguma é completamente espontânea - no sentido de que, como se diz no popular, “fazer festa dá trabalho”; e como vimos, a partir da convergência entre as reflexões da autora e de Mauss, as práticas culturais têm também um sentido e um significado. Um ponto interessante para se pensar a partir daqui, no futuro, em outras pesquisas, pode ser uma possível gradação entre a centralização do papel/função educativa, e de sua institucionalidade e intenção pedagógica para a aprendizagem realizada de maneira difusa, por meio de outros marcos civilizatórios.

Na quinta questão, “Qual a finalidade ou objetivos de cada um dos campos educativos assinalados?”, me parece incoerente a defesa da pesquisadora, depois de tantas regras e rigidez atribuídas à *Educação Formal* [que sabemos que realmente têm] ainda constar neste item “formar o indivíduo como um cidadão ativo”; ao passo de que na *Educação Não-Formal*, consta “capacitar os indivíduos para se tornarem

³³ Que, inclusive, tiveram sua designação alterada de Organização Não Governamental, para Organizações da Sociedade Civil, justamente para serem identificadas pelo que elas são; e não pelo que não tem.

cidadãos do mundo”; e na *Educação Informal*, não há previsão da formação cidadã em sua constituição. Acredito não ser preciso desenvolver a ideia da contradição entre a rigidez e diretividade da *Educação Formal*, em oposição à formação crítico-cidadã; mas não posso me furtar aqui ao debate da cidadania na *Educação Informal*. Ora, a cidadania não deveria ser apreendida/vivenciada/exercitada em nossas ações mais cotidianas? Nem concordo com a leitura da *Educação Informal* como vinculada exclusivamente ao “saber local”, mas para acessar mais rapidamente ao argumento; partindo desta lógica da autora, não é em casa que se aprende a respeitar o diverso? A não mentir; a participar, e distribuir tarefas domésticas; sobre direitos e deveres; a respeitar as mulheres, por exemplo? Não seria isso também cidadania?

Sobre “os principais atributos de cada uma das modalidades educativas”, a pesquisadora atribui à *Educação Não-Formal* a responsabilidade por formar a cultura política de um grupo, desenvolvendo laços de pertencimento e identidade coletiva; já à *Educação Informal* é atribuída a falta de organização e sistematização. Apresenta ainda, esta última, como característica recorrente a dinâmica do passado orientando o presente, a partir de experiências anteriores e atuação no campo das emoções e sentimentos, como um processo permanente e não organizado. Apesar dessa leitura essencialista e do espaço da ausência, por parte da elaboração do raciocínio, acerca da *Educação Informal*, da qual, como vimos, discordo; não seria esta a descrição da própria vida cotidiana? E os sentimentos e vinculações de pertencimento e identidade não seriam desenvolvidos em nossa vida ordinária na circulação pelo mundo? Realmente não creio que haja necessidade de participação em vida institucional para desenvolver estes aspectos.

Acerca dos resultados esperados em cada campo assinalado na tabela, destacaria que a pesquisadora afirma que os processos de *Educação Não-Formal* podem desenvolver consciência sobre o agir coletivo e a identificação com comunidades; já no que diz respeito à *Educação Informal* a pesquisadora declara que não há expectativa de resultados, ocorrendo a partir do cotidiano dos indivíduos, por meio do seu senso comum, espontaneamente. Novamente aqui fiquei me perguntando se a *Educação Informal*, como elemento de aprendizagem cotidiana, a partir da própria descrição da pesquisadora, com suas funções adaptativas [e criativas sempre, lembremos] não seriam elementos de resultados esperados deste campo pedagógico. E mais especificamente, no caso do *Encontro de Bois*, com seu ritual comunicativo,

pautado na expectativa de formação de aliança não seria exatamente o oposto do argumento apresentado pela autora?

Quanto aos métodos, Gohn atribui à *Educação Informal* a vivência e a reprodução do conhecido, dos códigos apreendidos; já à *Educação Não-Formal*, afirma ser aquela que alcança o campo do simbólico, das representações, das orientações que conferem sentidos e significados às ações humanas. Neste item, acredito que a *Educação Informal* faz muito mais do que apenas reproduzir o vivido, incluindo também o chamado campo simbólico/representativo, conferindo sentido e significado ao vivido. Lembremos que a própria Cultura surge da problematização da vida cotidiana, do “salto” dado em relação à natureza, indo muito além da reprodução do conhecido, dos códigos apreendidos. Neste sentido, a ferramenta mais rudimentar; uma pá, por exemplo, que surge como extensão das mãos e braços humanos, para auxiliá-lo a cavar, na lida com o trabalho, é um exemplo ilustrativo.

No texto “A *Educação Não-Formal* e o papel do Educador Social”, de 2007, a autora denomina esta modalidade de educação pela primeira vez como *corrente educativa*, atribuindo como principais espaços de realização ONGs e programas de inclusão, voltados sobretudo para as artes, educação e cultura, que valoriza elementos culturais locais, mediados pela intervenção de educadores, entendidos como tradutores/mediadores sociais e culturais. Questões étnico-raciais, de gênero e geracionais são os principais focos de trabalho destes grupos. Ou seja: neste texto a autora reafirma seu entendimento de que, basicamente, a *Educação Não-Formal* insere-se no âmbito de processos educativos realizados extra-muros da escola, realizadas em organizações sociais, mediados por educadores que pautam, sobretudo, temas como a desigualdade e a exclusão social.

No mesmo artigo, a autora parece iniciar um movimento de revisão/depuração de seus trabalhos anteriores ao afirmar que a *Educação Não-Formal* deve ser entendida não pela via do que ela não tem, mas por tudo aquilo que ela é, delimitando-a como “um espaço concreto de formação com a aprendizagem de saberes para a vida em coletivos” (p.32) e assim, inicia o tratamento, digamos, mais afirmativo da *Educação Não-Formal*.

A mesma leitura de mundo é desenvolvida no texto “*Educação Não-Formal*, educador(a) social e projetos sociais de inclusão social”, de 2009, de onde destaco um forte ponto de convergência entre a produção intelectual da pesquisadora e esta Tese.

Neste artigo, a partir da “crise da modernidade”, a autora parte do questionamento da racionalidade científica como única fonte de produção de conhecimento - ideia que sustenta, por exemplo, o espaço da *Educação Formal* como única fonte legítima de aprendizagem, para anunciar a emergência de reconhecimento de outros campos de produção de conhecimento/áreas de saber que antes eram invisibilizados dentro do próprio campo da Educação. E afirma que, a partir desta perspectiva, outras práticas pedagógicas e processos educativos passam a vir à tona, também reconhecidos academicamente. Embora seu recorte seja no campo da institucionalidade do associativismo, este marco temporal também reverbera na pesquisa que você agora lê, ao considerar as *festas populares* como um campo de estudos da Educação, no âmbito da *Educação Informal*.

Ainda no presente texto, naquilo que interessa ao desenvolvimento deste relatório, percebe-se que a autora passa a incluir a comunicação midiática no campo da *Educação Não-Formal*, deslocando-a da *Educação Informal*; e também reafirma novamente a carência de estudos no que diz respeito à *Educação Informal*. Corroborando com a leitura da autora, sigo daqui tentando expandir o debate.

No penúltimo texto desta nossa análise, percebe-se que em 2014, no artigo “*Educação Não-Formal, Aprendizagens e Saberes em Processos Participativos*”, a autora reafirma seu compromisso com o estudo sobre a construção de saberes realizada por meio dos sujeitos coletivos organizados da sociedade civil, investindo na reflexão da construção do conhecimento fora dos contextos institucionais de educação - inserindo-se portanto mais ainda no debate epistemológico sobre a produção do conhecimento da contemporaneidade.

Neste texto, Gohn aciona a articulação entre os campos da Educação e da Cultura como processos formativos, de construção e partilha de conhecimento que vão para além das normas institucionais. Defende que a aprendizagem é resultado dos processos interacionistas/de partilha, entre os indivíduos; e que ao mesmo tempo esta resulta da articulação entre as estruturas mentais destes sujeitos que operam uma significação/ressignificação constante entre a cultura que eles já aprenderam, e aquelas que eles irão aprender. Esta reflexão apoia-se nas proposições de Thompson; e ao abordar seus conceitos, a pesquisadora aproxima-se mais do debate do campo da Cultura para reforçar que é no processo de interação, por meio das diferentes experiências, que são construídos valores, percepções de mundo e comportamentos.

Em uma sentença: a construção/reconstrução contínua da cultura [e do ser humano] ocorre por meio de suas diferentes experiências significativas [conforme já havíamos destacado anteriormente].

Ainda neste texto, a autora flexibiliza a intencionalidade da *Educação Informal*, citando diretamente o caso da religião, comentada antes, como um exemplo de decisão orientada para a aprendizagem; contudo, diferentemente do que a pesquisadora fez em escrito anterior, ao deslocar a mídia da modalidade da *Educação Informal* para a *Educação Não-Formal*, ela opta neste texto em manter a religião no campo da *Educação Informal*, ainda que considere agora que esta tenha intencionalidade. Neste item, também como dito previamente, como minha perspectiva de análise inicia do campo da Cultura, sendo esta compreendida como um conjunto de símbolos e significados que são apreendidos e criados ao longo da vida - e que sim, nesta perspectiva têm uma intencionalidade, não concordo com este enquadramento.

Aproveito então agora a oportunidade, quando a autora provoca um deslocamento em sua própria análise a respeito da intencionalidade, para colocar uma “lente de aumento” específica na forma que utiliza este conceito.

Quando a palavra aparece em seus textos, ele é acionada das seguintes maneiras:

Na educação não-formal, os espaços educativos localizam-se em territórios que acompanham as trajetórias de vida dos grupos e indivíduos, fora das escolas, em locais informais, locais onde há processos interativos intencionais (*a questão da intencionalidade é um elemento importante de diferenciação*). [...] Há na educação não-formal uma *intencionalidade na ação, no ato de participar, de aprender e de transmitir ou trocar saberes*. A informal opera em ambientes espontâneos, onde as relações sociais se desenvolvem segundo gostos, preferências, ou pertencimentos herdados (Gohn, 2006) [destaques meus].

A grande diferença da educação não formal para a informal é que na primeira há uma *intencionalidade na ação: os indivíduos tem uma vontade, tomam uma decisão de realizá-la, e buscam os caminhos e procedimentos para tal*. (Idem, 2009; 2014)[destaques meus].

[...] *havia uma intencionalidade, com objetivos, práticas* (Idem, 2016). [destaques meus].

Conforme tudo o que já foi exposto até o momento, já se pode perceber que, ao menos no campo das *Festas Populares*, pelo menos no que diz respeito especificamente ao *Encontro de Bois*, posso afirmar que há intencionalidade na ação em criar e manter o encontro acontecendo - tanto por parte de Dona Dá quanto dos

“bois” participantes; que a questão do aprendizado, transmissão e troca de saberes ocorre por meio de suas brincadeiras e da prática ritualizada da entrega dos troféus; e que esta inclui na experiência festivo-ritual o compartilhamento de alimentos, e a troca de gentilezas de mútuo reconhecimento.

No último texto desta nossa análise, “*Educação Não-Formal* nas instituições sociais”, de 2016, a autora repete a metodologia de categorização das modalidades educativas, a partir daquelas questões que já foram sistematizadas em tabela aqui no texto, avançando basicamente na conceituação da modalidade *Educação Não-Formal*; neste sentido, o conteúdo apresentado não provoca aprofundamento para além dos debates já apresentados neste escrito.

A reflexão realizada até agora, com ênfase nas Modalidades de Educação, dialogando com a produção da principal estudiosa brasileira sobre o tema, Maria da Glória Gohn, buscou perceber os deslocamentos operados pela autora na construção de suas categorias, esmiuçando seu processo de elaboração e aprofundamento ao longo do tempo, a fim de colaborar com o desenvolvimento do debate acerca da *Educação Informal*, sobretudo por meio das *festas populares*.

Como vimos, o campo educacional tende a reconhecer quase que exclusivamente Educação e *Educação Formal* como sinônimos; esta é a representação dominante. Se não fosse a autora, talvez nos dias de hoje, a Educação ainda não se veria, minimamente, na *Educação Não Formal*. Mesmo com toda a “cisma” provocada por suas proposições, reconheço e agradeço ao trabalho de Gohn; pois sem suas reflexões, eu não poderia iniciar este debate, operando com a chave interpretativa da *Educação Informal*.

Então retomando a pergunta apresentada no início deste capítulo: os elementos constitutivos da categorização elaborada por Maria da Glória Gohn, especialmente a respeito da *Educação Informal*, seriam adequados para sistematizar o conhecimento produzido pelas *festas populares*?

Sim e não.

Sim no sentido de abrir o campo de debate sobre o tema na Educação. Perceba que o desafio é imenso ao reunir na mesma tipologia elementos tão díspares como família, religião e mídia [na verdade fico até curioso com os critérios de escolha]. E imagino que tenha sido um esforço ainda maior devido estas práticas se situarem fora do escopo de atenção específica da pesquisadora, que lança seu olhar para a *Educação*

Não-Formal. Me permita aqui uma breve analogia: me parece que esta tipologia que a autora adotou, acaba por refletir também o mesmo processo que passou [e passa] ao longo da história as relações hierárquicas entre Ensino, Pesquisa e Extensão. Enquanto o Ensino, desde a origem da universidade já estava estabelecido, em seu local próprio, somente anos depois é que a Pesquisa entrou oficialmente nas Universidades, e mais adiante a Extensão Universitária. Esta última, inclusive, ainda luta atualmente para comprovar seus processos formativo-pedagógicos sem o caráter espontaneísta que lhe foi atribuído ao longo do tempo. Isso quando ela, a Extensão, não é compreendida como aquilo que “sobra” da Universidade, no sentido de tudo aquilo que não é Ensino, mas também não é Pesquisa, e ninguém sabe lidar direito, é deixado na Extensão Universitária [até os conteúdos entre as três modalidades de formação me parecem similares...].

Acredito que sim, os elementos constitutivos seriam adequados no sentido de iniciar o debate e de apontar a necessidade de estudos mais específicos voltados para a *Educação Informal*, vinculados estritamente a esta reflexão - o que não é o caso agora. Veja que realizei um estudo que percorreu 20 anos de produção bibliográfica da autora sobre o tema, enquanto ela aprofundava seu debate na *Educação Não-Formal*. Não seria em uma tese que daria conta desta demanda, no âmbito da *Educação Informal*. Busquei aqui, apenas, iniciar um debate, a partir de outro lugar, em prol de um esforço coletivo que pode contribuir para sanar esta lacuna do conhecimento; e que aprofunde a discussão sobre os processos educativos, a partir de perspectivas mais equilibradas entre as três modalidades.

E não; a forma pela qual a autora elaborou a categoria não dará conta, especialmente no sentido de que a intencionalidade - a partir do marco teórico que adotei para esta reflexão - é um aspecto central de seu sistema de desenvolvimento. Porém, no contato com a obra da pesquisadora, percebi que devia operar na construção da minha argumentação acerca da *Educação Informal* pela sua via positiva, refletindo sobre suas principais características, em busca de perceber como elas, as *festas populares* e mais especificamente o *Encontro de Bois de Olinda*, objeto dessa investigação, contribuem para os processos formativos das pessoas que desta celebração participam, buscando dar visibilidade aos processos de ensino e aprendizagem para além dos espaços formais de educação, incluindo especialmente estas práticas de sociabilidade. Neste sentido, embora o acesso à este conteúdo tenha

sido fundamental para que eu possa ter construído este entendimento, nossas reflexões caminharão em paralelo, no sentido de não termos tantos pontos de contato em nossa produção, exceto no âmbito da “crise da modernidade”, ao questionarmos, ambos, a racionalidade científica como única fonte de produção de conhecimento; e de atuarmos em prol do reconhecimento, na esfera da Educação, de outros campos de produção de conhecimento, de visibilização de outros marcos civilizatórios; ela na *Educação Não-Formal*, eu, na *Educação Informal*.

Inclusive este nome, *Educação Informal*, me parece que talvez não seja o mais adequado - se deixamos de operar na lógica proposta pela autora em suas modalidades de educação, da formal à informal; pois a própria designação *Educação Informal*, já aciona uma representação de algo com conotação um tanto negativa, não oficial, clandestina, ilegal...

Em síntese, me parece também que, de uma maneira geral, o debate proposto pela autora, trata de processos educativos realizados dentro e fora das escolas, e estas das mais institucionalizadas à menos institucionalizadas. Tendo ainda uma maior ou menor centralidade na autoridade responsável pelo processo educativo, da mais concentrada à mais difusa. Assim, ainda operando com a categorização da pesquisadora, só que agora pensando especificamente nos processos educativos realizados por meio das *práticas de sociabilidade* que convencionamos chamar de *festas*, me parece que a grande diferença está na expansão da autoridade educativa; pois numa *festa*, mesmo que existam funções determinadas; especificadas em algumas pessoas, o que conta - ao final, é aquilo que é realizado *entre* as pessoas, tudo aquilo que circula, ou seja: os elementos [concretos e simbólicos] acionados e partilhados coletivamente, mesmo que de maneira difusa; pois tem coisas que todo mundo sabe: quando tem festa; quando a festa é boa; e que nem todo mundo sabe fazer festa. Sendo assim, ainda que a intencionalidade pedagógica - da forma que usualmente o campo da Educação costuma atribuir sentido, não seja o foco principal destas práticas de sociabilidades; conforme argumentamos no texto, é por meio dos inúmeros processos pedagógicos que tais práticas são criadas, mantidas e recriadas. Só que neste caso, a pessoa educadora são os pares, as pessoas com as quais interagimos em uma celebração, e muitas vezes os artefatos utilizados, como no caso das brincadeiras de “boi”, por exemplo. É por meio destes processos socioculturais, que são construídas/reconstruídas as *instituições*, misturando a vida com a educação, com seus

valores, visões de mundo e comportamentos. Assim, pode-se dizer que a *Educação Informal* é responsável por grande parte de tudo que utilizamos, aprendemos e construímos em nossas vidas.

Sendo assim, não me parece ser exagerado dizer que: 1) é possível viver sem *Educação Formal*; 2) que é possível também passar toda uma vida sem participar de um processo de *Educação Não-Formal*; e 3) mas que é impossível humanizar-se sem passar pelo processo formativo da *Educação Informal*. Na perspectiva aqui adotada, seja qual for o percurso da pessoa em questão, o que é certo é que ninguém escapa da Educação (Brandão, 1982).

Até aqui vimos a forma pela qual tenho abordado a questão da intencionalidade na modalidade de *Educação Informal*, com um olhar específico às *festas populares*, a partir do *Encontro de Bois de Olinda*. A partir de agora apresento alguns relatos coletados, junto às lideranças dos “bois”, para ilustrar o motivo de minha contestação ao entendimento de que não há intencionalidade nas práticas culturais vinculadas à modalidade de *Educação Informal*, e exemplificar de que maneira o propósito de Dona Dá, na construção de laços com os grupos - por meio do *Sistema Dádiva*, que afinal é onde a festa principia - é recebida e retribuída, e assim, é mantido o *mana*; a continuidade da festa toda noite de Quarta de Cinzas.

Vejamos alguns trechos das entrevistas onde se destacam as ideias de acolhimento por parte de Dona Dá, do protagonismo da moradora, e também o quanto que a personificação da folia, no ritual de entrega dos troféus - sendo o presente uma extensão da pessoa dela, são citados pelos entrevistados.

Aí, é onde começa a coisa da Boa Hora porque a gente conseguiu uma casa emprestada na Rua da Boa Hora e era de lá que a gente ia sair. Então, era a primeira vez que o “boi” tava saindo, a gente testando, aprendendo Maracatu, aí eu acho que Duda, que depois fez o “Boizinho Alinhado” também tava por ali vendo e tal... *E aí, uma hora dessas que a gente sai, a gente viu uma senhora chamando assim:*

- *Shiu! Ei! Vem cá! Vem cá todo mundo!*

- Bicho, o quê que essa senhora quer com a gente? Fomos lá.

- *Ó... Trofeuzinho aqui pra vocês, pela participação aqui!*

E a turma falou: Que massa! Mas o quê que a gente fez? [risos].

A gente falou: - *Nossa Dona Dá! Então, no ano que vem a gente vem aqui! Só que como a gente brinca no Maracatu, a gente vem na Quarta. Durante o Carnaval num vai dar pra gente passar aqui não, mas na Quarta-feira a gente passa aqui... Todo ano a gente vai vim aqui, agora!* (informação verbal) [destaques meus].

Helder Vasconcelos³⁴, liderança do Boi Marinho

³⁴ Helder Vasconcelos (“Boi da Gurita” e “Boi Marinho”). Um dos primeiros participantes do *Encontro*, ligado ao Movimento Mangubeat. A entrevista foi realizada no dia 23/12/2015 na casa do entrevistado. Teve duração de cerca de 7 horas.

Dona Dá, ela é essencial! Num posso dizer assim, que é a dona da festa, né? Mas é uma figura essencial, né? Pra que a festa aconteça. Ela é como poderia dizer, assim... Um símbolo, né? Um símbolo da festa, né? (informação verbal) [destaques meus]. Fred, liderança do Boi Cara de Sapo³⁵

Por que ela é de Olinda, é Carnavalesca, gosta das manifestações populares, ela é muito aberta. Desde 82 ela pintava a rua pro Carnaval, estimulando isso, decorando a rua, a participação das pessoas, poderem pertencer ao Carnaval. *Ela pertence ao Carnaval, que pra muitos moradores já foi massacrado e não lhe pertence mais, no caso dela não. - Essa rua é nossa!* Teve uma época que naquela rua queriam fazer um ponto móvel, um bloqueio móvel, para ambulâncias, pra segurança pública, por que já era uma fechada, os próprios moradores disseram: - *Não! Essa rua é nossa!* Por que se fizesse isso os caras iam ‘pegar troco’, colocar uma corrente aí o cara dá um dinheiro e vai entrar. Esses detalhes da própria rua. (informação verbal) [destaques meus]. Pedro Aarão³⁶, componente do “Boi Tira Teima” e morador da Rua 13 de Maio, rua que se situa “no topo” da Rua da Boa Hora.

Caçapa³⁷, liderança do Boi Dendê, acredita que *“já tinha esse movimento indo pra lá e me parece ser uma pessoa muito boa, uma energia boa, e é raro você ver uma pessoa acolher folgazão, bêbado, maluco fazendo zuada na frente da sua casa e achar isso bonito”* (informação verbal)[destaques meus].

Guga³⁸, “zelador” do “Boi da Gurita”, como se definiu, e componente da “Bicharada” e do “Boi Marinho” afirma que:

Tem esse barato também, da gente ser recebido, né? Você passar no lugar e a pessoa receber você com uma fruta, num sei que, num sei que... E isso é muito bacana! Isso é legal! *E só acontece em Dona Dá, né?* (informação verbal) [destaques meus].

Siba³⁹, criador do “Boi da Gurita”, atual “Bicharada”, responde: *“Eu sei muito pouco dela, é uma figura que te recebe com o maior carinho. Como não passar de novo? E não é nem o troféu em si. Mas como não passar numa casa que te recebe tão bem?”* (informação verbal) [destaques meus].

³⁵ Fred Nascimento (“Boi Cara de Sapo”). Líder do primeiro “boi” citado nas entrevistas como base para os outros, que participaram da primeira geração do *Encontro*. A entrevista foi realizada no dia 25/02/2014 em uma praça próxima à Igreja da Várzea. Teve duração de aproximadamente 1h30.

³⁶ Pedro Aarão (“Boi Tira Teima”). Entrevista realizada em 29/06/2014 com duração de cerca de 1h30.

³⁷ Caçapa (“Boi Alinhado” e “Boi Dendê”). Segunda geração da “safra” de “bois” na Boa Hora ligados ao maracatu; também vinculado ao movimento Mangubeat. A entrevista foi realizada no dia 22/04/2014. Teve duração de aproximadamente 3h.

³⁸ Guga (“Boi da Gurita”, “Bicharada” e “Boi Marinho”). Entrevista realizada no dia 23/02/2014, na casa do interlocutor, antes da brincadeira do “Boi da Guritinha” - versão infantil do “Boi da Gurita”. Teve duração de aproximadamente 1h.

³⁹ Siba (“Boi da Gurita” e “Bicharada”). Um dos primeiros participantes do *Encontro*, ligado ao Movimento Mangubeat. A entrevista foi realizada na casa de Siba, em São Paulo, em 12/10/2013. Durou cerca de 2h30.

Abul⁴⁰, componente do “Boi da Mata” conta que já conhecia a moradora e que há um tempo foi a casa dela antes do Carnaval pra dizer que o “Boi da Mata” iria ao *Encontro* e que se sentia lisonjeado de poder participar:

Cheguei lá, batendo papo com ela e ela é uma figura, assim, é uma senhora gente boa, sorridente, simpática, que gosta né, velho? Tanto, que ela faz questão de: - Passe aqui na frente da minha casa que eu dou fruta, dou cachaça e ainda dou um presentinho... Um trofeuzinho! É, véi! Aí é isso, véi... É uma figura que, assim, eu falando só é pouco, tá ligado? Mas o que ela faz, é muito, véi! (informação verbal) [destaques meus].

Hélder acredita que Dona Dá acabou virando madrinha dessa história e da própria rua. Embora relate saber que os troféus são uma iniciativa dos moradores da Boa Hora, considera importante que haja uma pessoa para personificar esta ação.

A personificação e a pessoa que faz a troca, né? Então, eu acho que é super bem... Isso também eu acho que é uma coisa que a história foi fazendo, num é alguém que escreve: - Ah, vamos eleger Dona Dá! Não. É a história dela, é a pessoa realmente que vive Carnaval ali o tempo todo, faz parte de Olinda, faz parte da história. Eu acho que é personificado numa pessoa muito bacana! Aí, você vê: - Ué! Por que Dona Dá? Porque é Dona Dá! [risos] Num tem muito... - Mas, o que ela faz? Ela canta? Não, num é isso. É a pessoa dela, assim. É a pessoa dela! É a característica dela, é a pessoa dela que torna a personificação dessa... Quem mais poderia entregar? O que eu entendo, é que são troféus, você recebe troféu por participar do Carnaval de Olinda. Você merece um troféu! [riso] Então, num tem pessoa mais adequada de fazer isso, do que uma moradora como ela, entendeu? Que respira Carnaval, que mora ali há muito tempo e tal. Ali na Boa Hora, acho muito adequado ser ela (informação verbal) [destaques meus].

Zé da Macuca⁴¹ concorda:

Dona Dá é a figura mais maravilhosa do Carnaval de Olinda! Ela é... A pessoa dela... Ela tem uma grandeza, Dona Dá! A alma dela, a natureza dela, assim, o sorriso dela, o amor que ela tem pelas pessoas, o abraço... Ela é encantadora! Dona Dá é das figuras do Carnaval de Olinda, mais encantadoras, por ela mesma! Num tem um boneco de Dona Dá, não existe a orquestra de frevo da Dona Dá. Ela é Dona Dá... Ela é DONA DÁ! Ela é Dona “DÁ”! Ela é a referência de amor, do Carnaval de Olinda... Que eu num conheço outro. Num conheço! (informação verbal)[destaques meus].

Agora, para concluir estes exemplos, darei apenas mais um destaque a respeito da figura de Dona Dá e seus processos pedagógicos e de mediação.

Certo ano, o “Boi Cote”, do “Coletivo Bagaceira”, protagonizou a seguinte situação: na primeira vez que participaram, o grupo não conhecia Dona Dá, sabia

⁴⁰ Abul (“Boi da Mata”). A entrevista foi realizada também no dia 25/02/2014; dentro da mata com a qual o “Boi da Mata” se relaciona. A entrevista durou aproximadamente 1h20.

⁴¹ Líder do Boi da Macuca, que vinha de Correntes, cerca de 3h35 de deslocamento até Olinda. Dono da Fazenda da Macuca. A entrevista foi realizada em 20/06/2014 e teve duração de cerca de 3h20

apenas que os “bois” passavam pela Boa Hora. Sendo assim, passaram direto, “quebrando o ritual”, causando uma suspensão e ao mesmo tempo risos despojados entre os presentes devido à situação. Na ocasião Dona Dá foi atrás deles para convidá-los a receber seu troféu e as frutas e bebidas. Relatando o momento, Ômega, liderança do grupo, conta⁴²: “Aí Dona Dá foi nos buscar e a gente voltou e fez a homenagem e ficou muito feliz. A gente realmente pensava que como não estava cadastrado não ia ganhar nada” (informação verbal).

Já no segundo ano, em 2014, ano da Copa do Mundo aqui no Brasil, eles vinham com o “boi” pintado com os dizeres “Fora FIFA”. Só que os troféus, que os “bois” recebem sempre homenageiam alguma pessoa ou acontecimento considerado importante para Dona Dá e/ou pelo artista que confecciona a lembrança. E naquele ano, o troféu era um boneco com a imagem do “Tatu Bola”, mascote da Copa. Em 2014, seja por esquecimento devido à movimentação da rua, seja por uma estratégia de mediação da Dona Dá e/ou família a fim de não causar uma situação constrangedora, ou ainda por outro motivo, seja lá qual for, o “Boi Cote” ficou sem troféu. Recebeu-o normalmente em 2015.

Creio que estas falas apresentadas trazem nitidez a tudo aquilo que tenho apresentado até aqui, e que não seja necessário avançar mais no assunto; apenas destacar para reforçar: 1) o quanto que a intenção de Dona Dá em criar laços foi percebida pelas pessoas participantes do *Encontro*; 2) o quanto que os “bois” retornam em retribuição e agradecimento à pessoa dela/troféu, criando uma relação de respeito mútuo e generosidade recíproca; 3) o quanto que ela, ao longo do tempo, além de ser considerada o símbolo do Carnaval de Olinda, também se converteu em madrinha dos “bois”; 4) o quanto que, a partir deste diálogo de ensino-aprendizagem, por meio da *Dádiva*, criou-se uma noite única na Quarta de Cinzas.

Agora chegamos à última parte deste texto onde apresentarei o debate da programática Maussiana, mais direcionada ao âmbito da Educação.

Enquanto no primeiro capítulo demonstrei como considero o *Sistema Dádiva* como um marco teórico adequado para interpretar o *Encontro de Bois de Olinda*; neste texto venho refletindo acerca da construção das representações das *festas* no âmbito da Educação, ao mesmo tempo em que integro as proposições de Marcel Mauss à análise. Para dar ainda mais destaque à esta perspectiva, trago contribuições da obra “Mauss e a

⁴² A entrevista foi realizada no dia 26/04/2014 na casa do interlocutor. Teve duração de aproximadamente 3h30.

Educação”, de Gilmar Rocha (2011), que demonstra, a partir de um amplo estudo da obra de Marcel Mauss, que o criador do *Sistema Dáviva* compreendia que a Educação ocorre em todos os momentos da vida, por meio de ações intencionais de transmissão cultural; e sendo assim, não é possível falar de educação sem falar de cultura.

O autor afirma que, embora Mauss não tenha desenvolvido estudos específicos sobre a Educação em sua produção, suas ideias permitem vários pontos de encontro. Uma das propostas que Rocha (*ibid*) apresenta em seu texto, por exemplo, é a de que, se a programática maussiana passa pelo simbólico, pelo concreto e pelo corpo, podemos pensar no *homo educandus*, como correspondente ao *fato social total*, e compreender que a pessoa humana se constitui por meio da educação. Segundo o autor, para Mauss, **a educação encontra-se em todos os ambientes da vida, em todos os momentos sociais**; ou seja: **a educação está diretamente relacionada às experiências concretas dos seres humanos e ao processo de transmissão da cultura**. “É por meio dos ritos, das representações, dos sentimentos, das técnicas corporais, enfim, da dádiva, que o homem ensina e aprende sua cultura” (*idem, ibid*).

O autor entende a educação como *fenômeno social total*, indicando que fiquemos atentos para o fato de que a pessoa observadora é da mesma natureza do objeto de estudo; que a educação ocorre no cotidiano, e tem todas implicações referentes ao *fato social total*; e que ela é inseparável do Sistema Dáviva.

Defende ainda que **a Educação, entendida como uma Dáviva, envolve não apenas a facilitação da interação social e o processo de socialização, mas também a construção de um sentido histórico e de pertencimento no tempo e no espaço, ao mesmo tempo em que constitui um elo entre as gerações**.

Outro ponto importante do texto de Rocha, e que converge para esta tese, diz respeito à constatação de que **se os ritos são realizados por meio de símbolos, e estes promovem a comunicação e a comunhão, eles são também instrumentos de educação**. “Enquanto sequência complexa de atos simbólicos, os ritos podem ser vistos como ‘dramas educativos’ privilegiados na transmissão da cultura [...] [utilizados] na formação do caráter ou da personalidade dos grupos sociais” (*idem, ibid*) [inserção minha].

“Mauss nos oferece uma concepção de Educação que parece significativamente fecunda e atual. **Sem restringi-la ao espaço da escola**, a educação para Mauss constitui um fenômeno concreto, que deve ser visto à luz das experiências rituais, cotidianas, históricas, corporais, emocionais. **A educação não constitui um fenômeno à parte da vida das pessoas, ao**

contrário, ela acontece nos domínios da vida privada e da vida pública. Educar, lembram alguns intérpretes de Mauss, é dar, receber, e retribuir conhecimentos, emoções, gentileza, etc. **Educar é dádiva porque partilhamos com o outro o sentido da vida, da história e da cultura”** (Rocha, 2011) [destaques meus].

Com a leitura apresentada, pode-se concluir que para Mauss, de acordo com as proposições de Rocha - às quais concordo e venho tentando desenvolver aqui, **a educação é um processo inerente à vida humana, da ordem do *Fato Social Total*; e mais, que se relaciona diretamente com o *Sistema Dádiva* onde, por meio de relações interacionistas e de socialização - por meio das *festas e rituais*, por exemplo, se constroem vínculos, história, identidades e memórias.**

Para concluir este capítulo de reflexão sobre festas e educação a partir do debate ao redor da *Educação Informal*, trago agora as contribuições de Freitas (2005). O autor, na elaboração de sua pesquisa, ao refletir sobre a formação humana em redes associacionistas, parte de sua investigação em espaço de Educação Não Formal [um projeto social no Coque], e o correlaciona ao Paradigma da Dádiva, defendendo em sua tese que a Educação é uma Dádiva.

Segundo Freitas, o pensamento de Mauss pode ser apreendido como um “paradigma perdido” das teorias educativas. Assim como Rocha, o autor defende que, na perspectiva maussiana, **educar é uma prática social, vinculada ao conjunto da vida, à totalidade das experiências vividas pelos sujeitos em suas relações concretas.** Aprender é um ato coletivo; um *fato social total* que envolve a vida em todas as suas dimensões. Desta perspectiva então, a identidade seria desenvolvida por meio do ciclo da dádiva; que ao fim e ao cabo, por tratar-se de um bem simbólico, implica no próprio processo de humanização.

O autor também destaca que a dádiva, por meio de sua trílice operação, implica em uma atividade que é realizada sem garantias de retorno; mas que tem como objetivo criar, manter ou reconstruir o vínculo social, formando hábitos e influenciando condutas, o que acaba por criar **espaços de legitimação de saberes e competências em comunidades concretas de pertencimento.** Como vimos, é desta forma que entendo o *Encontro de Bois*.

Outro ponto que Freitas desenvolve em sua Tese é que nos processos identitários, na medida em que a identidade é constituída por meio de dons e contradons, há uma tendência espontânea para dar, uma “pulsão de dom”, que segundo

o autor, está cada vez mais evidente nas pesquisas psico sociológicas contemporâneas, que vem demonstrando que desde muito cedo, durante os processos de socialização, os seres humanos gostam de transmitir o que recebem. Desta forma, a Dádiva também se identifica com o conceito de comunidade, alimentada sobretudo, por meio das relações que são estabelecidas em grupos com relações de cooperação e associação face a face, por meio do reconhecimento recíproco. Assim, ao mesmo tempo em que se cria uma identidade não individualista, é formada uma identidade social, por meio desses laços comunitários. “No interior desses grupos, o indivíduo adquiriria o sentimento de ‘nós’, formando sua identidade social e se identificando à vida comum e aos interesses coletivos” (*idem, ibid*, p.107). Segundo o autor, por meio destas vivências, a natureza humana é produzida em duplo sentido: como processo de individualização e de socialização. Freitas (*ibid*) nos lembra ainda que a formação da identidade é um processo relacional; e que depende do reconhecimento dos outros - por meio da dinâmica social; neste sentido a intersubjetividade e os símbolos são fundamentais para esta compreensão do pertencimento. No entendimento de Freitas:

A formação precisa ser tomada como prática social, referindo-se ao conjunto da vida, à totalidade das relações humanas. Não existe formação dissociada das relações concretas entre os sujeitos. Mais especificamente, **o processo formativo consiste em um ciclo de trocas [dar-receber-retribuir] educativas que põem em jogo a própria identidade social dos sujeitos envolvidos**” (*idem, ibid*, 348) [Destaque meu].

Desta forma, **a educação concebida pela lógica da Dádiva trata-se de um bem simbólico que atua na própria humanização.** Ao instituir relações de reciprocidade, supera dicotomias entre o individual e o social e gera desdobramentos na identidade dos indivíduos e nas estruturas sociais. Afinal, **aprender não é apenas receber informações; é um ato coletivo da ordem do *fato social total*, integrado à todas as dimensões da vida.** E neste sentido, a educação teria por finalidade desenvolver uma pedagogia que aciona múltiplos elementos [estéticos, morais, econômicos, jurídicos, etc] da experiência humana.

Este capítulo teve como objetivo apresentar o debate sobre a *festa* na Educação, tomando como fio condutor algumas das proposições da socióloga e educadora Maria da Glória Gohn, que, em suas obras, conceitua três modalidades educativas: a *Educação Formal*, a *Educação Não Formal* e a *Educação Informal*.

Compreendendo o *Encontro de Bois de Olinda* como pertencente ao modelo

preconizado no âmbito desta última, propus um debate crítico com a produção da autora, no sentido de uma expansão analítica do conceito de *Educação Informal*, tendo em vista que na proposição apresentada por Gohn, a intencionalidade seria um marco distintivo das Modalidades de Educação.

Por meio dos relatos dos participantes do *Encontro*, que desenvolvem junto à Dona Dá, ações intencionais de reconhecimento e reciprocidade mútua nas noites de Quarta de Cinzas em Olinda; assim como também do diálogo com as proposições de Rocha (2011) e Freitas (2005), que contribuíram para o debate afirmando que a educação acontece em todos os momentos da vida, busquei abrir caminhos para que possa ser reconfigurado o modo de abordar a *Educação Informal*, no âmbito das *festas populares*.

Ao compreender estas *práticas de sociabilidade*, por meio do Sistema Dádiva, pretendi fazer perceber que as *festas e rituais*, para além de sua dimensão cultural, desenvolvem simultaneamente um processo formativo, que é realizado em um ciclo de trocas educativo-pedagógicas de dar-receber-retribuir, que, ao final, constróem a identidade social dos sujeitos envolvidos, gerando vínculos, história, identidades e memórias.

RETRIBUIR A ALIANÇA ESTABELECIDADA: LAÇOS DE CONFRATERNIDADE

A utilização do espaço público é um elemento central e definidor das *festas populares*. Ao ocorrer nesta arena social, elas criam um ambiente de encontro e expressão cultural que a transformam e ressignificam. Desta forma, conforme tenho argumentado, em nosso caso, ladeiras que ordinariamente são comuns na cidade, e mais especialmente a Rua da Boa Hora, na porta da casa de Dona Dá, se transformam, por meio das relações estabelecidas pelo ciclo da Dádiva, em um espaço-tempo educativo-pedagógico que constróem identidades e memórias únicas na noite de Quarta de Cinzas em Olinda.

Neste capítulo a partir do debate proposto por Carrano (1999) Cultura e Educação serão acionadas de maneira conjunta ao trabalhar com o conceito de *Cidade Educadora*. O autor em sua tese, pensa a cidade como espaço social de práticas educativas. E neste sentido, o conceito de Educação em sua pesquisa é ampliado para a dinâmica da vida cultural, incorporando assim os relacionamentos sociais que ocorrem para além das práticas concebidas para gerar aprendizagens. O autor afirma que devem ser criados rituais culturais públicos a fim de favorecer encontros, como forma de ampliação da solidariedade social e fortalecimento da cultura pública democrática. Como se pode perceber, esta proposição vem a somar com tudo que tenho desenvolvido nesta Tese, ao compreender o *Encontro de Bois* por meio da Dádiva.

Aqui, a *feira* pensada como um *espaço-tempo educativo* volta a adquirir centralidade, agora através de um relato mais completo acerca do *espaço ritual lúdico-festivo* engendrado pelo *Encontro de Bois* durante o Carnaval nas ruas da cidade de Olinda. Nesse momento, além da dimensão ritual do *Encontro*, coração desta Tese, apresento as diferentes práticas culturais contidas na brincadeira, de maneira articulada aos seus múltiplos universos de referência. Trata-se de uma descrição de cunho etnográfico-ficcional, na medida em que uma série de fatos ocorridos em anos diferentes é apresentada de forma integrada, simulando sua ocorrência em um único episódio. Além disso, o texto articulado mescla intencionalmente minhas vivências tanto como sujeito-participante quanto o olhar de um participante-pesquisador-observante, combinando narrativa textual e cartografia imagética para expressar uma tentativa de compreensão da dinâmica da festa mesmo

por parte de quem nunca esteve nela. No limite, tento sustentar que o *Encontro de Bois* trata-se de uma espécie de *Zona Autônoma Temporária* (Bey, 2011) operando seu processo formativo a partir de suas características.

Em sua Tese, Carrano (1999) afirma que a lógica da *intencionalidade pedagógica*⁴³, dominante no campo educacional, dificulta a percepção de processos educativos que ocorrem em outros espaços; sobretudo nos contextos de educação informal. E afirma ainda que, compreender a educação não apenas como formação institucional, mas também como processo social de compartilhamento de significados, desafia a visão tradicional. De acordo com a sua leitura, conceber a educação como uma prática cultural, transcendendo o espaço institucional de ensino, implica reconhecer que

O processo formativo ocorre através de inúmeras práticas que se dão entre a continuidade e a descontinuidade, a previsibilidade e aleatoriedade, a homogeneidade e heterogeneidade; ou seja, no próprio movimento da vida e da práxis social. Em conjunto com mecanismos e ritos formalizados e concebidos para gerar aprendizagens, vivemos quotidianamente situações que não foram intencionadas para serem educativas, mas que, efetivamente, geram efeitos educativos (p.32) [destaques meus].

Desta forma, segundo o autor, valorizar o potencial educativo-formativo nos diferentes espaços que constituem as cidades tem ajudado a reduzir a cegueira em relação a processos educativos que permanecem invisíveis à intencionalidade pedagógica tradicional.

Araripe (2007), corrobora com as proposições de Carrano, e ao refletir sobre os caminhos invisíveis do ato de aprender no âmbito das cidades, afirma que, muitas vezes, estes processos pedagógicos acabam por se perder ao se depararem com concepções rígidas do campo educacional. A autora nos convida a observar como os espaços citadinos podem servir para as práticas do campo educacional transpondo espaços formalmente instituídos para o ensino e aprendizagem.

Carrano reforça ainda que “estas práticas sociais incorporam-se ao conceito de educação, uma vez que compreendem em suas dinâmicas culturais próprias de realização a formação de valores, a troca de saberes e, em última instância, a própria subjetividade social” (1999, p.37).

⁴³ Utilizo estas duas palavras juntas pela primeira vez, uma vez que, como vimos no capítulo anterior, Gohn utiliza intencionalidade no sentido mais amplo da palavra e não no sentido de um processo de racionalização que é executada pela pessoa docente entre os conteúdos curriculares e suas turmas.

Quando Carrano (*ibid.*) afirma que os relacionamentos humanos nas cidades instituem práticas educativas - ao promover circunstâncias e ações transformadoras das pessoas; assim como também dos significados culturais, fortalece a minha perspectiva de que participar de uma *feira popular* é também participar de um processo educativo-pedagógico, especialmente no caso do *Encontro de Bois*; em tela nesta investigação.

O autor afirma ainda que a convivência cidadina expressa política e culturalmente o trançado de seus relacionamentos. “Nas cidades se formam e se negociam sentidos na forma de conhecimentos, sensibilidades, desejos e vontades, fazendo com que sejam múltiplas as possibilidades da existência de trocas sociais educativas” (*idem, ibidem*, p. 48). Minha argumentação caminha exatamente neste sentido, pois o *Encontro de Bois* surgiu [e permanece acontecendo] a partir de uma confluência de atores e situações que, ao cruzarem suas trajetórias passam a entrecruzar suas histórias de vida.

As palavras cruzar e entrecruzar não estão aqui sendo utilizadas por acaso. Segundo o Dicionário Michaelis⁴⁴, enquanto cruzar remete à intercepção, ao ponto de encontro que atravessa, podendo nunca mais se encontrar novamente [pensemos em uma encruzilhada, por exemplo], entrecruzar diz respeito a um cruzamento feito de maneira recíproca, com correspondência entre as partes, à influência entre os pares, ação mútua, complementar, partilhada [como uma trança de cabelo, por exemplo]. Neste sentido, a partir dos deslocamentos das práticas culturais, ocasionada pelos seus encontros, os diferentes sujeitos passam a desempenhar funções/papeis sociais que não realizavam anteriormente. Vejamos: Dona Dá morava anteriormente na Rua Henrique Dias, paralela à Boa Hora. Certamente já gostava tanto de Carnaval quanto gosta hoje; porém quando vivia na rua anterior não encontrava uma ambiência festiva. Quando se muda para a Boa Hora, sua trajetória de vida encontra-se com as de outros moradores que também valorizam as *práticas de sociabilidades* carnavalescas. Neste sentido, este encontro permite a confluência que converge na estratégia de atrair os grupos para passarem tocando na Boa Hora [lembramos: entre o Sábado de Zé Pereira e a Terça-feira Gorda]. Do mesmo modo, Siba e Hélder, duas lideranças de “bois”, por exemplo, têm seus rumos de vida alterados quando em sua trajetória entram em contato com práticas culturais que não conheciam anteriormente e que de alguma

⁴⁴ Disponível em <http://michaelis.uol.com.br/> Acesso em 27 de setembro de 2025.

maneira os toca tão profundamente a ponto de ficarem tentando criar espaços em sua vida para que, além da convivência com os produtores de tais práticas, pudessem experienciar estas manifestações, criando inicialmente o “Boi da Gurita” para brincar e praticar entre si nos momentos em que o Maracatu Rural não acontecia no interior. Do entrecruzamento destas trajetórias - da entrega de troféus na Rua da Boa Hora durante o Carnaval, por parte, nesse caso, de Dona Dá - com o desejo de manusear práticas culturais, nesse caso, por parte de Siba e Hélder, foi gerada uma “outra coisa”. Nem mais a entrega do troféu nos dias oficiais do Carnaval, nos moldes que descrevi anteriormente, nem mais uma brincadeira “isolada” de “boi”. Como síntese desta reflexão poderia dizer que, a partir desse encontro inusitado, criou-se uma ambiência festiva, de características peculiares, que possibilitou a convergência dos mais diversos grupos para o que atualmente chamamos de *Encontro de Bois*. E Dona Dá, por sua vez, como tantos interlocutores afirmam, simbolicamente torna-se a madrinha dos “bois” da Boa Hora, um elemento síntese deste processo.

Carrano (*ibid.*) nos chama atenção ainda para o fato de que os atores sociais podem estabelecer diversas ações coletivas, criadoras de identidades e identificações, muitas vezes em um mesmo espaço geográfico e que estes, inclusive, podem coexistir. Trazendo um exemplo concreto para demonstrar esta afirmação; também na Quarta de Cinzas, no período da tarde-noite, ocorre o “Bloco do *Case*” que, segundo a descrição encontrada, foi criado para a diversão dos profissionais da música, *roads*, técnicos de som e iluminadores. O bloco desfila com a “Orquestra *Backstage*” tocando. Embora ambas as práticas culturais sejam promovidas por Profissionais da Cultura, que brincam em seu dia livre, e que ocupem o Sítio Histórico de Olinda praticamente no mesmo horário, suas identidades me parecem bem diferentes. Para além da dimensão estética, o fato de não terem uma pessoa que os recepciona, e que existam espaços demarcados para músicos e foliões [tem uma orquestra que toca e o povo que brinca], este modo de fazer me parece aproximar o “*Case*” do formato dos blocos de Olinda.⁴⁵

Prosseguindo com o debate do processo de configuração da identidade coletiva na noite de Quarta de Cinzas, Carrano (*ibid.*) afirma, que, assim como tenho defendido, os relacionamentos estabelecidos entre os atores sociais são educativos; e que a rede de relações que estes sujeitos estabelecem; sua amplitude, qualidade e

⁴⁵ Convido você a ver o perfil do Bloco, no Instagram: <https://www.instagram.com/p/Cxjf-S9OaYK/> Acesso em 03/02/25.

intensidade dizem respeito ao processo de configuração identitária deste grupo social, configurando um sistema de ação definido pelas interações e partilhas realizadas entre estes atores sociais. “A identidade coletiva se refere, assim, a uma rede de relações ativas entre os atores que interagem, influenciam-se mutuamente e tomam decisões” (*idem, ibidem*, p.138); ou seja: as relações são também educativas no contexto da formação de redes de sociabilidade e de conhecimento. E assim, dentro desta perspectiva, podemos compreender que “as ruas, transformadas em espaços de sociabilidade cidadã podem ser, ao mesmo tempo, educativas e culturalmente públicas” (*idem, ibidem*, p. 431).

Desta maneira, pode-se afirmar que a frente da casa de Dona Dá na Quarta de Cinzas, em sua cotidianidade, é ressignificado; torna-se um *espaço ritual de festa*, ponto ápice da brincadeira bovina, ao ser o ponto de convergência de diferentes práticas culturais que percorrem as ladeiras da cidade e dirigem-se para sua porta. E mais ainda, este espaço parece ser o catalisador do que Vianna chama de *espaço da brincadeira* no Brasil ao conectar uma série de práticas brincantes. “Esse espaço, como o *ciberespaço*, tem a estrutura de uma rede, uma rede de interbrincadeiras. Cada brincadeira é um nó da rede, estando assim interligada a todas as outras brincadeiras” (Vianna, 1999). Afirma ainda que, tal qual exposto por Carvalho, J. (2004), o *Encontro de Bois* pode ser entendido também como um *espaço da brincadeira de livre trânsito simbólico*, que ultrapassa o contexto das brincadeiras tradicionais, e que por suas redes reflete o encontro intraclasses, sem cooptação de uma pela outra. Um encontro realizado por meio de deslocamentos culturais que são também físicos - na medida em que os grupos se movem por Olinda; e também simbólicos, quando, a partir da manutenção da vinculação entre os espaços da tradição e da recriação, estes interlocutores *bricolam* e ressignificam as práticas culturais.

Aproveito esta oportunidade para deixar ainda mais nítido que de maneira alguma considero o *Encontro de Bois*, como um *espaço* de brincadeiras tradicionais. Insisto em reforçar este aspecto mais uma vez, porque todas as vezes em que menciono que pesquiso “bois” são acionadas nas pessoas ouvintes/leitoras representações sobre tradição/folclore. Não é disso que se trata o *Encontro* da Quarta de Cinzas. Como dito anteriormente, desta noite até participam brincadeiras muito antigas, sendo uma delas, inclusive centenária; mas o que está em jogo aqui é um

espaço de diálogo, daquilo que James Clifford (2000) chamaria, entre as “raízes” e as “rotas”⁴⁶ destas práticas culturais.

Levando-se em conta o fato de que, “este novo espaço de sociabilidade” já não ser mais “tão novo” uma vez que, de acordo com a narrativa de Dona Dá, em 2025, o encontro completou um quarto de século, e as pessoas já o chamam de tradicional, destaco também que não considero o *Encontro de Bois* uma *tradição inventada* nos termos definidos por Hobsbawm em seu “A invenção das tradições”.⁴⁷ Por outro lado, gostaria de ressaltar também que, ainda que o *Encontro*, não me pareça se configurar como um espaço tradicional neste momento, compreendo que ele pode ser sim entendido com um espaço de criação⁴⁸ de uma futura tradição, caso estes laços de confraternidade permaneçam se confirmando todas as noites de Quarta de Cinzas.

Mas afinal, o que acontece de tão especial nesta noite, que de acordo com os participantes é tão diferente dos outros dias do Carnaval ou de outros períodos do ano?

Parece-me ser possível dizer que na convergência dos esforços - tanto dos moradores, quanto de quem se dirige para a Rua da Boa Hora, é criado um *espaço da brincadeira* que é pautado pela celebração da dimensão simbólica da amizade que funciona como utopia da confraternização entre estes que se reconhecem mutuamente, e que aqui chamarei de *laços de confraternidade*.

Entendo como *laços de confraternidade* as conexões e vínculos estabelecidos entre indivíduos e grupos que compartilham objetivos, interesses ou experiências comuns, fortalecendo relações interpessoais e criando um senso de comunidade e pertencimento. Da mesma forma, poderia chamar de *sociação*, no sentido estabelecido

⁴⁶ A proposta Cliffordiana passa pela consideração da localização da vida humana tanto em suas pausas, quanto pelos seus deslocamentos. Lugar é o itinerário. Desta maneira, as mudanças, ao invés de perdas culturais, passam a ser encaradas como uma mescla de experiências culturais. A viagem, o deslocamento, é compreendido como um “lugar” onde são constituídos os significados culturais. Assim, o autor propõe “um modo de olhar a cultura (junto com tradição e identidade), em termos de relações de viagem”. (Clifford, 2000, p. 59).

⁴⁷ Pauta que foi um “cisma” durante a defesa da dissertação, e se converteu em um artigo onde aprofundo o debate, “Encontro de Bois de Olinda – uma tradição inventada?” Disponível em https://www.academia.edu/28036909/Encontro_de_Bois_de_Olinda_uma_tradi%C3%A7%C3%A3o_inventada. Acesso 04 fev. 2025.

⁴⁸ Optei por utilizar o termo “criação de uma tradição” e não “invenção de uma tradição” para demarcar que não considero o “Encontro de Bois” uma “Tradição inventada”, no sentido atribuído por Eric Hobsbawm e Terence Ranger visto que o “Encontro de Bois” não se trata de uma prática inculcada [para utilizar expressão dos autores] pelo Estado, no sentido de ser imposta. Em seu livro, “A invenção das tradições”, os autores mostram como no contexto do Estado-Nação, a noção de tradição foi um importante elemento de estabilidade em sociedades que atravessaram um rápido e profundo processo de mudança. O argumento que perpassa todo o livro é de que desde a Revolução Industrial, muitas vezes, foram criadas e desenvolvidas tradições por parte das elites nacionais a fim de justificar sua existência e importância. Neste sentido, as *tradições inventadas* têm objetivos ideológicos e legitimadores de status nas sociedades de classes. Cf.: HOBBSAWN, Eric e RANGER Terence (orgs). *A invenção das tradições*. [Ed. Especial] (Saraiva de Bolso). Nova Fronteira, 20012. 438p.

por Simmel (1983, 2006) quando define que a sociação é a forma na qual os indivíduos, em razão de seus interesses - sensoriais, ideias, momentâneos, duradouros, conscientes, inconscientes, se desenvolvem conjuntamente em direção a uma unidade no seio da qual esses interesses se realizam. Esses interesses formam a base da sociedade. O conceito de sociação nos sugere que olhemos para a forma como os indivíduos buscam interagir com outros indivíduos e em relação a outros indivíduos para a convivência social. E complemento ainda com uma reflexão acerca da sociabilidade, proposta por Vianna, que ao citar o próprio Simmel afirma que

Para este autor, existem diversas formas pelas quais os indivíduos se agrupam em unidades que satisfazem seus interesses. A sociabilidade é a forma idílica [amorosa] de sociação, completamente desinteressada, a pura forma, sem conteúdos (ver Simmel 1971). *Os indivíduos não se agrupam tendo em vista algum resultado, ou objetivo, mas estão reunidos somente pela satisfação de estarem juntos* (VIANNA, 1987, p.39-40) [inserção minha][destaque meu].

Vamos agora à uma descrição do *Encontro de Bois de Olinda*, esta *prática de sociabilidade* que, como tenho defendido, tem em sua centralidade o desenvolvimento deste ritual cultural público de criação e fortalecimento de laços de confraternidade, acionado e lido por meio do Sistema Dádiva.

Recordar.
Do latim *re-cordis* tornar a passar pelo coração.
O livro dos abraços - Eduardo Galeano⁴⁹

Antes de iniciar a descrição do *Encontro*, sublinha-se que ele foi elaborado em meio à Pandemia da Covid-19; logo, neste período, devido às medidas de distanciamento social, a brincadeira não ocorria, e os dados/imagens, que seguem, têm como base a pesquisa de campo realizada na época do mestrado, concluído em 2015.

No Carnaval de 2023, o primeiro realizado pós Pandemia, pela primeira vez, desde 2003, não participei do Encontro. Fui hospitalizado na Terça Gorda e fiquei receoso de ir na Quarta de Cinzas, passar mal, e acabar dando trabalho à Dona Dá e família durante o evento.

⁴⁹ GALEANO, Eduardo. *O livro dos abraços*. Tradução de Eric Nepomuceno. - 9ª edição. Porto Alegre: L&PM, 2002. p.10. 270 p. Disponível em: <https://www.anarquista.net/wp-content/uploads/2013/03/O-Livro-dos-Abra%C3%A7os-Eduardo-Galeano.pdf> Acesso 14 jun. 2021.

Nos carnavais de 2024 e 2025 não houve nenhum tipo de alteração na dinâmica da noite; exceto a chegada de novos grupos, que, como estavam fora do escopo da pesquisa, mesmo tendo coletado os seus contatos - e também devido ao tempo de finalização desta Tese; considerei por bem não os envolver nesta escrita.

Sendo assim, mantive o texto escrito durante a pandemia, para a banca de qualificação, em 2021, também como uma forma de honrar a presença daquelas pessoas que não estão mais fisicamente entre nós.

Segue o texto:

Participo anualmente do *Encontro de Bois de Olinda* desde 2003. Após o primeiro contato, ocorrido na porta da casa de Dona Dá, de maneira não planejada, me tornei componente do *Boi Marinho* e durante sete anos, vivenciei a dinâmica interna de um dos grupos realizadores da festa.

Impressionado com o crescimento da brincadeira na cidade, percebido especialmente pelo maior número de pessoas e vendedores ocupando a rua [e proporcionalmente pelo menor espaço para os grupos brincarem na Rua da Boa Hora], mudei de posição e passei a ficar ao lado de Dona Dá, para poder observar melhor a dinâmica da festa e tentar compreender os acontecimentos. Da inquietação como componente do *Boi Marinho*, acrescida desta mudança de localização, desdobrou-se a pesquisa do mestrado e agora esta investigação do doutorado.

Até o último ano de realização do *Encontro de Bois*, antes da Covid-19 tornar-se uma pandemia, a estrutura do ritual desta brincadeira - elemento central em ambas as pesquisas - permaneceu a mesma, como tem sido consolidada ao longo dos anos. Desta forma, esta descrição faz um apanhado das situações mais recorrentes ocorridas na noite de Quarta de Cinzas. Da defesa da dissertação, para a construção deste texto da qualificação, novos elementos foram incorporados às descrições dos grupos e do *Encontro*, e neste sentido, pode-se dizer que se trata de uma escrita revista e ampliada.

No que diz respeito às imagens, pelos motivos anteriormente citados, serão as mesmas utilizadas na pesquisa do mestrado, de autoria da fotógrafa Ana Lira⁵⁰.

⁵⁰ Ana é artista visual, fotógrafa, curadora, *rádio host*, escritora e editora baseada em Recife (PE - Brasil). É especialista em teoria e crítica de cultura. Observa a (in)visibilidade como forma de poder e dedica atenção a dinâmicas envolvendo sensibilidades cotidianas. Sua prática é baseada em processos coletivos e parcerias, tendo trabalhado com eles por mais de duas décadas. Nestas iniciativas dedica-se a fortalecer práticas colaborativas de criação que observam as entrelinhas das relações de poder que afetam nosso processo de comunicação, as articulações do cotidiano e a forma como produzimos conhecimento no mundo. É integrante da coletiva EhCho.org, da Nacional Trovoa e do Carni - Coletivo de Arte Negra e Indígena.

Ressalto que esta produção visual constitui uma dupla representação, adicionando nova camada sensorial à escrita, na medida em que seu olhar compõe outro ponto de vista do *Encontro*. Entendo que na pesquisa social, ao construir as narrativas/representações, diferentes questões poderiam ser abordadas a depender do sujeito que vê/ouve/escreve; o mesmo pode ser dito do registro imagético, da escrita com luz, produzido por ela, que, ao escolher determinados sujeitos, ângulos, enquadramentos, e mais ainda, ao editar as fotos e me enviar uma seleção, também produz uma narrativa discursiva que, na medida do possível, foi incorporada e retraduzida por mim. Em resumo, esta descrição trata-se então de uma narrativa que busca ilustrar e sintetizar as experiências vividas ao longo do tempo e que não tem como objetivo [pois seria impossível] dar conta do universo de possibilidades de representações da realidade.

Este texto, em especial, é dedicado à Daniela Santos, fundadora do *Boi Mojubá*, e a Zé da Macuca, fundador do *Boi da Macuca*, que por muitos anos participaram do *Encontro de Bois de Olinda*. Falecidos durante o período pandêmico, protagonizaram grandes encontros nesta festa de celebração da dádiva, na porta da casa de Dona Dá. Anualmente, em meio ao ritual, os abraços foram dados, as gentilezas foram trocadas e suas trajetórias permaneceram entrecruzadas ao se renovar o compromisso de retorno no ano seguinte, trançando suas vidas enquanto puderam, neste movimento coletivo.

Por estes motivos, ou seja, pela construção da escrita deste capítulo ser apoiada na pesquisa anterior, e pela lembrança dos momentos partilhados, a epígrafe que abre este texto faz referência à recordação e ao afeto e ela foi extraída do *Livro dos Abraços*, de Eduardo Galeano. Tem como intenção abraçar com muito afeto a memória de ambos; pois, como é dito no livro, a memória viva, nasce a cada dia.

A eles, neste momento, em especial, minha gratidão e reconhecimento.

Outro ponto que gostaria de destacar é que a estrutura deste texto se inspira na forma de construção textual utilizada por Marcel Mauss, no seu *Ensaio sobre a Dádiva*, marco teórico da pesquisa⁵¹. Desta maneira, será realizada uma descrição mais direta, sem quebras de texto para citações e/ou explicações sobre pontos específicos, a

⁵¹ MAUSS, Marcel. *Ensaio sobre a Dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas*. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/1888?show=full> Acesso em 30 set 2015.

fim de não interromper sua sequência lógica, e ao mesmo tempo, também proporcionar um ritmo de leitura mais ágil e fluido como é o do *Encontro de Bois*. Estes conteúdos, as citações e/ou explicações, estarão disponíveis por meio de notas de rodapé, permitindo um aprofundamento em determinados pontos que facilitem o acesso, para o caso da pessoa que lê desejar conhecer mais informações. Em síntese: para a pessoa interessada em uma apreensão mais global desta prática educativo-cultural, a opção de leitura do texto corrido pode ser realizada sem prejuízo da compreensão. Para aquela que tiver alguma dúvida ou interesse específico, as notas de rodapé buscarão suprir este fim por meio das considerações complementares e referências adicionais.

Após estas considerações iniciais, sigamos a partir daqui com uma *descrição densa*⁵² acerca do *Encontro de Bois*.

No fim da tarde, da Quarta de Cinzas de 2014, eu e amigos e amigas começamos a tomar nossos rumos da noite. Uns foram para o *Encontro de Afoxés Ganga Zumba*, outros para seus respectivos “blocos” e “bois” e alguns, como Ana Lira [a amiga fotógrafa], minha esposa, Mônica, e eu, dirigimo-nos para a casa de Dona Dá, no número 207, da Rua da Boa Hora. Chegamos por volta das 17h30 e para nossa surpresa - e de Dona Dá também, o bloco *Batákossô*, desceu a Boa Hora antecipando o início do *Encontro*, que costuma ser por volta das 18h-19h. As frutas ainda estavam sendo preparadas e mesmo Dona Dá ainda não tinha se arrumado; porém, rapidamente montou uma bandeja para oferecer ao grupo.

⁵² Descrição Densa é um conceito que se tornou conhecido com o trabalho do antropólogo Clifford Geertz a partir do seu livro “A interpretação das culturas”, de 1973. No capítulo “Uma descrição densa - por uma teoria interpretativa da cultura” o autor desenvolve os princípios metodológicos para a etnografia. A Descrição Densa busca fixar, por meio da escrita, o que foi dito, visto e escutado, tornando estas ações passíveis de serem pesquisadas. Uma vez que esta escrita é uma representação da realidade, o autor afirma que “os textos antropológicos são eles mesmos interpretações” (p.17) realizadas pela pessoa que escreve o texto; e que são, neste sentido, ficções, por serem construídos, modelados, fabricados, imaginados. Disponível em: <http://arquivos.eadadm.ufsc.br/videos/modulo4/Antropologia/material/A%20Interpretacao%20das%20Culturas.pdf> Acesso em 18 jun 2021.



Batákossô descendo a ladeira.



Após a acolhida do grupo, a própria Dona Dá serviu os visitantes.

Após a despedida do *Batákossô* aproveitamos o “intervalo” (Ana, Mônica e eu) para ir cumprimentar Dona Dá e família, tirar fotos das frutas e dos troféus.



Mesa de frutas.



Troféus de 2014.

Enquanto fazíamos isso, pouco depois das 18h, o *Bloco da Cabra* passou. Este Bloco existe desde 2010 e parece trazer como pauta a discussão em torno da temática da descriminalização da maconha, cantando músicas sobre o assunto. As camisas do bloco e o estandarte trazem várias imagens referentes à planta. Cada lado do estandarte contém uma bandeira. De um lado a do Brasil e do outro uma imagem de Bob Marley. À frente do grupo vem uma pessoa carregando uma cabeça de cabra empalhada. Outra traz uma cabra inteira de brinquedo. Como não dispunha de nenhuma referência sobre o grupo, busquei informações na *internet* e encontrei uma divulgação de uma “prévia carnavalesca”, vídeos tocando os mais diversos ritmos, e um onde cantavam, “*polícia é pra ladrão, pra maconheiro não*”.

Em frente à casa de Dona Dá, ao receberem seu troféu, abaixaram e cantaram: - “*Olha, olha, olha, olha, olha, olha, o Bloco da Cabra, o bloco da Cabra. Bêêêêêê!*”. Sua passagem por Dona Dá foi muito rápida, se comparada aos outros grupos, durando apenas cerca de 3 minutos. Depois seguiram seu curso. Contudo, com a chegada da TV Globo, - que fez uma matéria para o “NE TV – Segunda Edição” - como a rua ainda estava vazia e nenhum “boi” “apontava” lá no alto da ladeira, o grupo voltou, pouco tempo depois, e encenou o recebimento do troféu para as câmeras.



Parte do estandarte, cabeça da cabra empalhada e componente segurando o troféu.



Momento em que o grupo se abaixa e canta o refrão da música.



Encenação para filmagem do recebimento do troféu.

O próximo “boi” a passar, algum tempo depois, chamava-se *Boi Zabumba*, era composto pelo Habib, um amigo do Cairo, no Egito, e que morava - naquele momento, há nove anos em Olinda; por um grupo de percussionistas e por um “boi” que diferia bastante dos moldes pernambucanos tendo suas “costas” vazadas, e, portanto, sendo vestido com alças, como suspensórios, remetendo às “Burrinhas” ou “Cavalos Marinhos” encontrados no estado. Habib veio, como faz anualmente na Quarta de Cinzas, fantasiado de “Fauno” e tocava uma espécie de flauta. Os percussionistas não apresentavam caracterização específica. O grupo parou em frente à casa de Dona Dá, brincou um pouco, recebeu o troféu, as frutas e as bebidas e seguiu. Após terminar sua brincadeira e retornar para a ladeira [como faz todo ano subindo e descendo a ladeira várias vezes à noite], Habib me contou que aquele “boi” havia sido confeccionado na sexta-feira anterior, por um amigo dele do Espírito Santo, que acabara de chegar [o que vestia o “boi”] e que os músicos, eles haviam encontrado pelas ruas mesmo. Me contou também que após brincarem pelas ladeiras, prosseguiram festejando até chegarem à Favela do V-8 onde, após divertirem as crianças, fizeram um ritual e queimaram o “boi”, conforme ouviu ser feito antigamente nos “Cavalos Marinhos”.

Às 19h chega a rádio “CBN” e faz uma entrevista com Habib.



Detalhe do “boi” vazado nas costas.



Habib brincando com o *Boi Zabumba*.

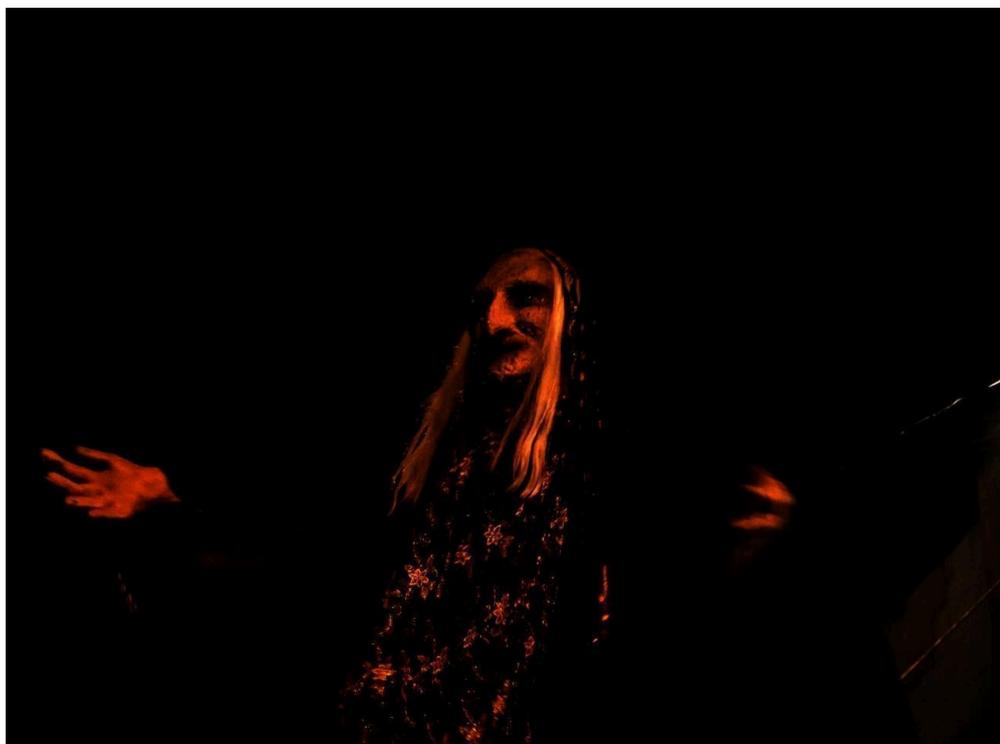


Brincante recebendo as frutas.

Enquanto isso passava um grupo de pessoas com a placa “o boi fugiu!”.



Presente nesse caldeirão estava também a *Bruxa do Carnaval*, fantasia/personagem do Tiago, morador da Henrique Dias, rua paralela à Boa Hora.



A bruxa do Carnaval.

O próximo “boi” a descer a ladeira foi o *Boi Mojubá*, liderado pelo casal Daniela e Renato. Ela, amiga do Rio de Janeiro, casou com Renato e foi morar em Olinda. Este “boi”, criado em 2008, traz à Boa Hora elementos de tradições de São Luiz, com o ritmo inspirado no “sotaque de pandeirão” do Bumba meu Boi do Maranhão⁵³, e também a brincadeira do Cacuriá⁵⁴. Renato conduz a percussão e Daniela cuida da dança e da performance do grupo. Ela utiliza máscara de “cazumba [ou cazumbá]”, um personagem dos “bois” maranhenses, e usa um vestido com estampa de *Ganesha*, um dos muitos Deuses Indianos. Ele, com a camisa do grupo

⁵³ O folguedo do boi maranhense possui inúmeras características peculiares, entre elas está sua ampla variedade de “sotaques”: zabumba, matraca, orquestra, pindaré, costa de mão são alguns deles. A brincadeira é vinculada ao Ciclo Junino. Disponível em: <http://www.cnfcp.gov.br/tesauro/00000315.htm> Acesso em 28 set 2013.

⁵⁴ Manifestação popular dançada predominantemente em círculo. De origem na Festa do Divino Espírito Santo Maranhense é animada pelas caixas do divino, que são pequenos tambores, ao som de versos cantados e respondidos em diálogo entre a pessoa que canta e o grupo. No Maranhão ocorre predominantemente no ciclo junino. Disponível em: <http://www.cnfcp.gov.br/tesauro/00001801.htm> Acesso em 28 set 2013.

toca a alfaia, instrumento encontrado recorrentemente em Pernambuco, bastante utilizado em “Cocos⁵⁵” e Maracatus de Baque Virado⁵⁶. Sua alfaia contém a bandeira do estado também conhecido como “leão do norte” pintada em seu bojo. Quando chegam à frente da casa, pedem licença para realizar sua brincadeira, fazem toadas - as músicas dos “bois maranhenses” e antes de seguir, colocam o “boi” no chão e fazem a roda de “Cacuriá”, convidando as pessoas presentes a brincarem com eles. Deste modo, fazem circular uma manifestação popular não só marcadamente presente em outro estado - com características bem diversas de Pernambuco como também de outro ciclo comemorativo, o Ciclo Junino⁵⁷, pois no Maranhão os “bois”, em geral, são consagrados a São João. Junho é também o período predominante de realização do Cacuriá.



Pandeirões e matracas, instrumentos especialmente presentes em sotaques de alguns “bois” do Maranhão.

⁵⁵ Dança responsorial e de conjunto, recorrente no norte e nordeste do Brasil. É dançada em grupo e por meio de umbigadas - momento em que as pessoas que dançam simulam o contato entre seus umbigos. Existem diversas modalidades de coco nas regiões. Disponível em: <http://www.cnfcp.gov.br/tesauro/00000072.htm> Acesso em 28 set 2013.

⁵⁶ O Maracatu de Baque Virado, ou Nação remete à coroação dos reis negros. É desenvolvido em cortejo com personagens representando uma corte com rei, rainha, toda sua corte, porta estandarte e a dama do paço, que conduz a calunga, referência à ancestralidade dos grupos. Disponível em: <http://www.cnfcp.gov.br/tesauro/00002066.htm> Acesso em 28 set 2013.

⁵⁷ Ciclo de natureza agrária e pagã, que foi incorporado à tradição religiosa cristã. As festas juninas, com destaque para sua culinária, tornaram-se uma das manifestações mais populares do Brasil, mesmo nos grandes centros urbanos. Disponível em: <http://www.recife.pe.gov.br/especiais/brincantes/3.html>. Acesso em 30 de set 2013.



Daniela caracterizada como Cazumba.



Daniela e Renato em frente ao *Boi Mojubá*.



Na foto detalhe das estampas: a roupa dela com a imagem de Ganesha e a alfaia dele com a bandeira de Pernambuco pintada enquanto tocam ritmos maranhenses.

Na sequência quem despontou na ladeira o *Boi Marinho*, uma brincadeira que tem sua origem inspirada em elementos do “Cavalo Marinho”⁵⁸ [auto popular da Zona da Mata Norte de Pernambuco⁵⁹, de ocorrência predominantemente no Ciclo Natalino⁶⁰]. O “Boi” brinca com elementos deste folguedo, lançando mão de recursos musicais e coreográficos próprios desta forma de expressão durante sua realização. Com o passar do tempo outros elementos foram incorporados à brincadeira como sanfonas e instrumentos de sopro. O *Boi Marinho*, o artefato em si, atualmente é feito com fitas e passou a contar com luzes de *led* em seu corpo. No “Cavalo Marinho” existe a figura [personagem] do “boi”. Como a brincadeira de Hélder, fundador do grupo, tem sido base para pesquisa e criação de repertório para seus outros trabalhos, diferentemente da dinâmica adotada pelos outros “bois”, naquele período parte do

⁵⁸ A brincadeira costuma durar cerca de 8 horas e integra representação, música, dança e poesia. Mais informações em: <http://www.recife.pe.gov.br/especiais/brincantes/8c.html>. Acesso 07 set. 2013.

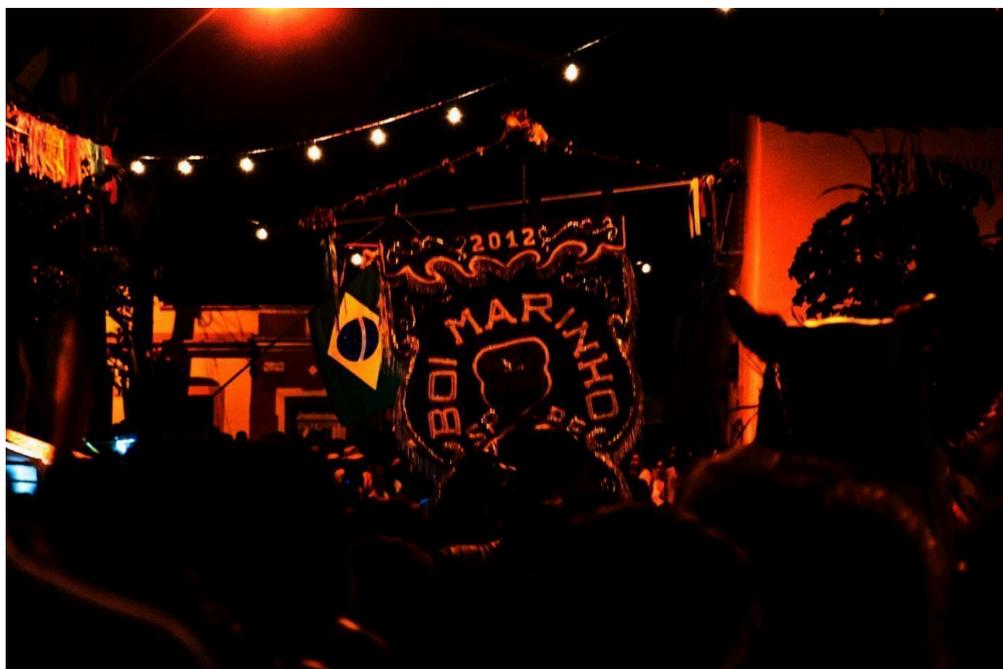
⁵⁹ Região do litoral de Pernambuco constituída por Mata Atlântica. Mais informações disponíveis em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Microrregi%C3%A3o_da_Mata_Setentrional_Pernambucana Acesso em 28 set. 2013.

⁶⁰ O Ciclo Natalino, também conhecido como “As 12 noites”, inicia no dia 24 de dezembro e se estende até o dia 6 de janeiro. É o período em que se apresentam o maior número e mais variados tipos de folguedos em todo o Brasil. Mais informações disponíveis em http://www.ufrpe.br/artigo_ver.php?idConteudo=1246, em <http://www.cnfcp.gov.br/tesauro/00000091.htm> e em: <http://www.fundarpe.pe.gov.br/ciclo-natalino-do-governo-do-estado-valoriza-as-tradicoes-populares>. Acesso em 28 de set de 2013.

grupo permanecia se encontrando e apresentando em outros períodos que não só o carnavalesco⁶¹. Desta forma o *Boi Marinho* se caracteriza também pela sua organização e padronização no que diz respeito, inclusive aos figurinos. O grupo começou em 2000, a partir da oficina realizada por Hélder em São Paulo - traço marcado em seu estandarte pelas siglas SP e REC simbolizando a ponte entre as duas cidades. Durante algum tempo o “boi” era reconhecido como “o boi dos paulistas” até que o grupo inicial deixou de comparecer e foi sendo ocupado por pernambucanos. Eu, carioca, comecei a participar ainda no período da presença dos paulistas, vivenciando o aumento da chegada dos pernambucanos ao grupo.

Quando chega à ladeira, de longe se vê um grande bloco com as roupas brancas com adereços vermelhos que, além do impacto sonoro causado pelo número de pessoas tocando, alcança também uma unidade visual muito particular desse “boi”.

Antes de fundar o *Boi Marinho*, Hélder comandava junto com Siba o *Boi da Gurita*. Os versos que Hélder declama para Dona Dá, geralmente reforçam essa ligação temporal do *Boi Marinho* com a festa, homenageia a dona da casa e pessoas próximas, versam sobre amizade, e relatam a preocupação com o “engessamento” do Carnaval.



O estandarte do *Boi Marinho* com as siglas de São Paulo e Pernambuco.

⁶¹ Além disso, em 2025, o “Boi Marinho” foi premiado pelo Programa Funarte de apoio à ações continuadas realizando atividades o ano inteiro.



Na foto os *leds* do *Boi Marinho*.



Hélder versando.



Mateus, Catirina e Bastião interagindo com Dona Dá enquanto sua neta, Victória, fotografa.

Próximo às 20h, chegamos ao horário de pico do *Encontro*, a esta altura a rua já está “abarrota” de gente e uma longa fila de bois aguarda sua hora de reverenciarem Dona Dá. É muito impactante ver a fileira de estandartes e mesmo que quase impossível, tentar “passear” entre os grupos em fila para sentir a multiplicidade de estímulos sonoros e visuais proporcionados por tamanha mistura. Devido ao crescimento da festa, cada vez mais lideranças dos “bois” tem utilizado ampliações para suas vozes, há quem use megafone, outros microfones de ouvido, o *headset*.



Vista da rua.



Vista da rua.

Interessante observar também que diversas pessoas que estão pela rua vêm cumprimentar ou conhecer Dona Dá. Não é difícil ouvir durante a apresentação de um amigo ou amiga que traz outra pessoa que não a conhece ainda dizer: “*Ela é a madrinha de todos os ‘bois’ da Boa Hora*”, “*Ela é a Madrinha da rua*”, ou ainda vemos pessoas passarem apenas para vir “pedir bença” pra ela. Há também quem chegue perguntando: “*Quem é Dona Dá?*”. A moradora parece ter construído essa imagem pública de festeira, primeiro pela sua relação muito intensa com o Carnaval; e depois como desdobramento desta, quando, há quase 40 anos, começou a distribuir troféus para todos os blocos que passassem pela Boa Hora durante o Carnaval - o que acabou também contribuindo para o desdobramento no *Encontro de Bois*. Desde a década de 80, sempre foi Dona Dá quem entregou os troféus.

Continuando a noite, seguindo o *Boi Marinho*, veio o *Boi da Mata*. Criado em 2010, este “boi” vincula-se às questões ecológicas e movimentos comunitários da UR-7 Várzea, seu local de origem. Vem tocando “Coco⁶²” e traz personagens do “Cavalo Marinho” adaptados para a realidade local da Várzea. Por exemplo: se há uma história que fala da existência de uma mulher que alimentava um urubu, esta mulher transforma-se em personagem e aparecerá na brincadeira. Tal como no grupo anterior, por inspirar-se no “Cavalo Marinho”, trazem também a figura [personagem] do “boi”. O grupo tem relações com o filho do Mestre Antônio Pereira⁶³, líder do renomado *Bumba meu Boi de Afogados*, documentado por Hermilo Borba Filho, teatrólogo pernambucano. Seu refrão diz: “É o Boi da Mata! É o Boi da Mata! Boi da Mata! Mataaaa!”.

⁶² De maneira geral as definições do Coco dizem quem ele era um canto de trabalho. O “puxador” canta um verso que é respondido pelo coro que, em roda, em fila ou livremente executa o sapateado característico e batem palmas marcando o ritmo. Disponível em: <http://www.recife.pe.gov.br/especiais/brincantes/5a.html> Acesso em 18 de julho de 2015.

⁶³ Segundo o site PE de A-Z, da Prefeitura do Recife, o Capitão Pereira foi praticamente o autor do livro “Apresentação do Bumba meu boi”, do escritor Hermilo Borba Filho que teve apenas o trabalho de gravar várias apresentações do “Boi Misterioso de Afogados” e organizar o texto para publicação. Mais informações: http://pe-az.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=541:belem-de-maria&catid=47:municipios&Itemid=107. Acesso em 15 de julho de 2014.



Estandarte do “Boi da Mata”.



Boi da Mata e personagem utilizando máscara característica do “Cavalo Marinho” junto com elementos do bairro onde vive, recriando a figura para a brincadeira de seu “boi”.



Dona Dá saudando o *Boi da Mata* vestida com a camisa que ganhou do grupo.

Após o *Boi da Mata*, chega o *Boi Dendê*, continuação transformada do *Boi Alinhado*, um dos primeiros “bois” a participar do *Encontro*. Ele vem ao ritmo e poesia do Maracatu de Baque Solto⁶⁴ [ou Rural, como também é conhecido]. O *Boi Dendê* chama atenção pela forma que comparece ao *Encontro*, pois diferentemente de todos os outros, trata-se de uma pessoa que veste uma fantasia e uma máscara de “boi”, que é conhecida pelo grupo como “Minotauro”.

⁶⁴ Maracatu característico dos engenhos pernambucanos. Suas músicas são acompanhadas por orquestra de percussão e sopro que mantém o baque em levada contínua, sem viradas musicais, daí o sentido do nome baque-solto. Atualmente a figura do Caboclo de Lança, o caboclo de guiada, destaca-se como ícone do Carnaval de Pernambuco. Disponível em: <http://www.cnfcp.gov.br/tesauro/00002065.htm> Acesso em 28 de setembro de 2013.



Estandarte do *Boi Dendê*.



Dona Dá cumprimentando o “Minotauro”.



Adiel Luna [de colete], Alessandra Leão e Caçapa, componentes do grupo.

O *Boi Tira Teima* deu continuidade ao *Encontro*. O “boi” centenário foi fundado em 1922, no Sítio Queimadinha, Zona Rural de Caruaru⁶⁵ no Agreste pernambucano. Aproximadamente 2h de deslocamento até Olinda. Este “boi” tem origem propriamente dita no que, no estado se costuma denominar como pertencente ao gênero “Boi de Carnaval Pernambucano⁶⁶”, se alinhando às descrições deste tipo de folguedo, incluindo quesito musical, personagens que brincam, período de realização etc. Traz muitos estandartes que ficam, de maneira diversa dos outros, rodando em torno de seu próprio eixo. Nele, a família do falecido mestre Gercino se faz presente. Pessoas de todas as idades: idosos, adultos, jovens, crianças e bebês participam.

⁶⁵ Segundo o site “DISTÂNCIACIDADES.COM” Caruaru situa-se a 127,08 km em linha reta, 142 km de distância de condução e 2h4 de tempo de condução estimado até Olinda. Disponível em: <http://br.distanciaticidades.com/calcular?from=Caruaru+-+Pernambuco%2C+Brasil&to=olinda>. Acesso em 28 de setembro de 2013.

⁶⁶ De acordo com o site da Prefeitura do Recife, as manifestações que têm o “boi” como figura central remontam à antiguidade, às festas de glorificação e exaltação do animal, com origens marcadas por uma forte presença religiosa. No Brasil, sua presença está fortemente ligada à força motriz utilizada na pecuária e nos engenhos de açúcar do Nordeste. Os “Bois de Carnaval” são caracterizados pela simplicidade, improviso e irreverência, e levam para a rua uma grande variedade de personagens, classificadas como figuras humanas, animais e fantásticas. Algumas são indispensáveis, como o Capitão, Mateus, Bastião, Catirina, Doutor, Padre, Arlequim, o Boi, a Ema, a Burrinha, o Babau, o Jaraguá, o Diabo, o Morto-carregando-o-vivo, a Caipora e o Mané Pequenininho. Alguns grupos apresentam alas e cordões (de pastorinhas, de baianas, de caboclos etc.), mas também há agremiações em que os personagens desfilam livremente”. Disponível em: http://www.recife.pe.gov.br/pr/seccultural/fccr/cadastro/2008/07/29/boi_de_carnaval_7.php Acesso em 28 de setembro de 2013.

O *Tira Teima* faz questão de anualmente apresentar e saudar em blocos Dona Dá com cada personagem representado no “Boi”. Um momento marcante é quando o que me parece ser o vaqueiro, se abaixa em frente a ela e toca o chifre de boi, o berrante, convidando o “boi” para saudá-la.



Boi Tira Teima, estandarte e Roberto, liderança do boi.



Componentes do *Boi Tira Teima*.



Roberto e família conversam com Dona Dá na porta da casa dela.

No momento em que eles estavam com Dona Dá uma equipe, com uma aparência, digamos, *rock'n'roll* chega para fazer uma entrevista.



A entrevista.

Na imagem seguinte aparecem: integrante do *Tira Teima*, Dona Dá e, ao fundo, de chapéu, Boró, líder do *Bloco da Cultura Indígena*, do *Grupo Cultural e Artístico Feea-hia*, grupo de indígenas da aldeia Fulni-ô, que participou do *Encontro* por muito tempo, mas que justamente nos anos registrados na pesquisa não esteve. Em minhas fotos antigas, aparece um grupo de jovens indígenas tocando o Samba de Coco⁶⁷. Um momento que guardo em minha memória é quando, após receberem seu troféu, homenagearam Dona Dá, abaixando-se e emitindo um som continuado, enquanto batem com a mão na boca como expressão de alegria. Segundo Boró esta ação de emissão sonora não tem um nome específico. O grupo nunca trouxe representação bovina para o *Encontro*. Na fotografia que segue, conseguida com outro amigo fotógrafo, Sávio Ivo, que acompanha a Quarta de Cinzas na Rua desde a década de 90, temos imagens do grupo em 2011.

⁶⁷ Ritmo indígena religioso de canto responsorial. Os instrumentos utilizados geralmente eram alfaia, zabumba, caixa, maracá, apito, flauta e pandeiro. Mais informações disponíveis em: <http://feea-hia.blogspot.com/> Acesso em: 19 jun 2021.



Dona Dá, Boró e a mãe de Roberto, Dona Lindaura.



Estandarte e componentes do *Bloco da Cultura indígena*.



Dona Dá e Boró.



Músicos do *Bloco da Cultura Indígena*.



Componente do *Bloco da Cultura Indígena*.

Em seguida apareceu um “boi” que eu não conhecia, mas que segundo Dona Dá é antigo. É o *Boi do Monte*. Assim como o “boi” anterior, ele também traz crianças na brincadeira. A liderança do “boi”, Maria do Monte, de quem peguei os contatos, embora eu tenha tentando conversar, não retornou às mensagens. Maria parecia ter intimidade com a Dona Dá, tendo entrado inclusive ao interior da casa dela - que tem acesso bastante restrito nesta noite. Neste caso, duas situações me chamaram muito a atenção: o “boi” ser pintado na cor azul e o momento em que Maria para em frente à porta da casa da Dona Dá e, por meio de emissão vocal do "zaghareet [ou zagrouta]" - o som que as mulheres árabes fazem com a boca para sinalizar alegria/satisfação - parecia canalizar por meio da voz e do movimento do braço, energias positivas para a casa de Dona Dá.



Estandarte do *Boi do Monte*. Dona Dá de costas.



Boi do Monte.



Componente do *Boi do Monte*.

Na sequência quem chega é o *Pife Floyd*, o bloco pífano-rock do *Encontro*. Criado em 2009 e formado predominantemente por homens, o bloco faz um diálogo musical entre a banda “*Pink Floyd*” e o pífano, instrumento presente no nordeste brasileiro. Seu hino, como o chamam, é uma paródia da música “*The Wall*”, que é cantada como “Atirei o pau no gato”; desta forma, o refrão original “*Hey, teacher! Leave them kids alone!*” é parodiado por: “Ei, Chica! Deixa o gato em paz!”. O bloco toca uma série de ritmos nordestinos que costumeiramente vinculam-se ao Ciclo Junino, como Xote, Baião e Xaxado. O grupo não traz nenhum “boi”. Os ritmos que tocam muitas vezes evocam a figura do sertanejo e sua relação com o gado.



Dona Dá junto aos componentes do *Bloco Pife Floyd* posando para foto.



O estandarte saudando Dona Dá e Dona Dá cumprimentando o grupo.



Músicos do *Pife Floyd*



Músicos do *Pife Floyd*.

Por volta das 21h quem passa é o *Boi Cara de Sapo*.⁶⁸ Ele foi criado em 1981, em meio à ditadura militar. Assim como o *Boi do Monte*, que é azul, o *Boi Cara de Sapo* também tem uma cor pouco usual no universo das brincadeiras de “boi”, sendo pintado de vermelho. O “boi”, na verdade, embora tenha um nome de anfíbio, tem cara de “boi” mesmo, e utiliza óculos de mergulho, o que também o destaca entre os outros brinquedos. O grupo toca música instrumental, no estilo “*jam session*”, improvisando sem saber o que vem à frente. O *Cara de Sapo* tem uma trajetória de enfrentamento à ditadura e de maneira divergente dos outros, concentra, mas não necessariamente sai andando pelas ruas de Olinda. É reconhecido como o grande iniciador do movimento de “bois” em Olinda, quando a partir da década de 1990, Siba e Hélder o viram brincando nas ladeiras e em seguida, após se desencontrarem dele, decidem fundar seu próprio “boizinho”, dando origem ao *Boi da Gurita*.

⁶⁸ De acordo com matéria do Diário de Pernambuco, o *Boi Cara de Sapo* foi o grande detonador do movimento de “bois” em Olinda, a partir de 1990. Nesse Carnaval, Siba e Hélder o viram brincando em Olinda. No ano seguinte, como não o encontraram pelas ladeiras, terminaram o ano decididos a fundar seu próprio boizinho. Mais informações em: http://www.old.pernambuco.com/diario/2001/02/22/viver1_1.html. Acesso em dia 28 set 2013.



Estandarte e parte dos músicos do *Boi Cara de Sapo*.



Boi Cara de Sapo, componentes do grupo e Dona Dá servindo as frutas.



Lau, porta-estandarte do grupo, cumprimentando Dona Dá.

Chega então o *Boi Estrela do Brasil*. Ele vem do interior do estado, da Zona da Mata Norte, de Condado, também cerca de 2h de deslocamento até Olinda⁶⁹. Criado em 2011, este “boi” é liderado por Zé Borba, que brinca com a figura [personagem] “Mateus” no “Cavalo Marinho Boi Pintado”, do Mestre Grimário. É um dos “Mateus” mais idosos em atuação. Sua família também participa da brincadeira do “boi”. Tanto o estandarte quanto o ritmo que tocam, sobre o qual Zé Borba produz seus versos, trazem para a Boa Hora as referências do Maracatu de Baque Solto, que não apresenta a figura do “boi” em sua base tradicional. Um momento bem especial ocorreu quando Zé Borba cantou: “na Quarta de Cinzas quem quiser me acompanhar é no ‘*Encontro de Bois*’ na Casa de Dona Dá”.

⁶⁹ DISTÂNCIACIDADES.COM Condado – Olinda. Disponível em: <http://br.distanciaciones.net/calcular?from=condado%20-%20pe&to=olinda> Acesso em 28 set 2013.



Estandarte do Boi Estrela do Brasil.



Boi Estrela do Brasil e estandarte do grupo.



Componentes do *Boi Estrela do Brasil*.



Componentes do *Boi Estrela do Brasil*.



Músicos do Boi Estrela do Brasil.



Zé Borba e Dona Dá.

Lá pelas 22h, chegou o *Grêmio Recreativo Carnavalesco Misto Inseto Animal e Vegetal Bicharada*. Este bloco [que até 2013 era um “boi”, o *da Gurita*] é liderado por Siba e por Guga, que é também quem cuida do artefato do “boi” ao longo do ano. O *Boi da Gurita*, é um dos “bois” mais antigos e populares do *Encontro* - sobretudo por ser conhecido como “o boi do Siba” - muito embora outros e outras artistas sempre cantem também. Quando chega, costuma causar agitação e aglomeração de pessoas em frente à casa de Dona Dá, o que dificulta bastante o entendimento do que está sendo dito. Do que consegui compreender, em determinada passagem, Siba apresenta a mudança para Dona Dá: “*No passado era um “boi” e agora é bicharada!*”. Tanto o ritmo executado e cantado, quanto o estandarte, seguem os princípios estéticos do Maracatu de Baque Solto. Muitas vezes, no que diz respeito à dança, um grupo de mulheres fazem dois cordões [fileiras] e simulam as manobras [movimentações] do Maracatu. Embora sua origem bovina aparentemente tenha sido deixada de lado, a presença animal se multiplica pelo grupo nos vários adereços e máscaras que seus integrantes têm trazido, e também no nome do grupo pelas palavras: inseto, animal e, finalmente, bicharada.



Estandarte e componentes da *Bicharada*.



Siba, liderança do grupo, versando.



Mestre João Paulo versando



Renata Rosa versando.

Na sequência, quem passou por Dona Dá foi o *Boi Praieiro*, de Itapuama, a cerca de uma hora de deslocamento até Olinda.⁷⁰ Foi criado em 2010 por Zé Carlos, que se apresenta como capoeira, surfista, servidor público e apicultor. O brinquedo surgiu com a intenção de ser um “boi” onde “caiba tudo, onde possa tudo, não tenha nada e todo mundo participe”, de acordo com Zé. O “boi” é trazido por ele até as ladeiras em seu carro, quando distribui os instrumentos às pessoas que encontra pelo caminho para curtir a Quarta de Cinzas.

⁷⁰ DISTÂNCIACIDADES.COM *Itapissuma* - *Olinda*. Disponível em: <http://br.distanciaciones.net/calcular?from=itapissuma&to=olinda>. Acesso em 28 set 2013.



Estandarte do *Boi Praieiro*.

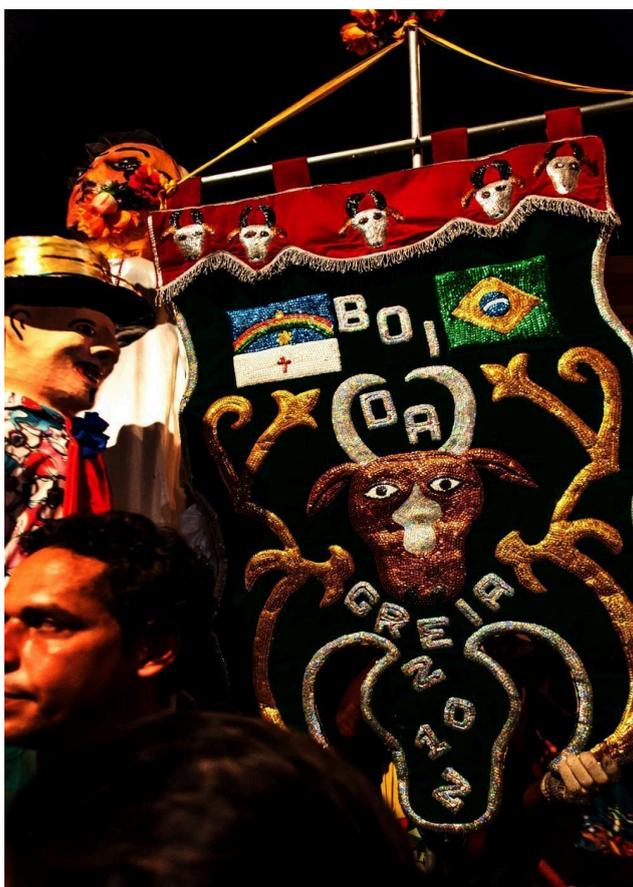


Zé Carlos com a máscara de apicultor e o *Boi Praieiro* em frente à Dona Dá.

O próximo grupo que passou foi o *Boi da Gréia*, um dos “bois” mais recentes. Ele vem de Olinda, mas não do Sítio Histórico. Chega da Cidade Tabajara, onde vive a Família Salustiano. No *Boi da Gréia* brincam, além da família, componentes e amigos de seu Maracatu de Baque Solto, o “Piaba de Ouro”.

Gréia, na gíria popular local, quer dizer gozação, palhaçada, onda, arriação. O “boi” foi criado em 2012, pela família, que é considerada popularmente como uma das principais representantes das tradições pernambucanas. Tanto o ritmo quanto o canto, assim como o estandarte seguem o padrão do Maracatu de Baque Solto. Lembremos - sem “boi”, em sua performance tradicional. O *Boi da Gréia* possui duas características que os distingue dos demais: a presença de bonecos, feitos em *papel mache* e o uso de camisas que remetem às utilizadas nos blocos carnavalescos. Crianças, jovens e adultos se divertem juntos.

Nesta mesma família, antes da existência do *Boi da Gréia*, Maciel Salustiano, tinha o *Boi do Cupim*, que foi também um dos “bois” pioneiros no sentido de se encontrar com outros e versar Maracatu de Baque Solto não só pelas ladeiras de Olinda, como também passando pela casa de Dona Dá. O *Boi do Cupim* foi criado em 1999 e Maciel Salu foi quem compôs a música “Na Casa de Dona Dá”, em homenagem ao evento, que foi utilizada no início da Tese.



Estandarte e boneco do *Boi da Gréia*.



Os bonecos em papel *marche*.



Componente do “Boi da Gréia versando para Dona Dá.

São quase 23h e chegou, ao ritmo do *Nayanbing* - reproduzindo o som das batidas do coração - a *Burrasta*, a “burra rastafári”, que literalmente arrasta um grupo enorme de pessoas ao som de sua rítmica percussiva. Tanto o grupo, quanto o ritmo

que tocam não apresentam a figura do “boi”. Seu estandarte traz as cores do Reggae⁷¹, tem uma “burra” em seu centro, e é encimado por uma estrela de Davi [ou Salomão]. De longe se vê o fogo iluminando o caminho. Este grupo conduz, durante o *Encontro*, uma ritualística quando vão reverenciar e presentear Dona Dá. No primeiro momento há a performance com pirofagia. Na sequência, todos abaixam no chão entoando, como se fosse um mantra seu refrão - “A burra arrasta... Aááááááá... A Burra Rasta... Aááááááá...” enquanto Hemerson, liderança do grupo, que veste uma “burrinha”, leva sempre um buquê de flores para a moradora.



O estandarte com a “burra”, a estrela e o buquê.

⁷¹ Reggae é um gênero musical desenvolvido inicialmente na Jamaica que tem como ícone o cantor e compositor Bob Marley. Mais informações disponíveis em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Reggae> Acesso em 30 de março de 2014.



O fogo abrindo caminho para a *Burrasta*.



O ritual de entrega das flores.

A festa continuou com o *Boi Cote* do “Coletivo Bagaço”, grupo que se apresenta como tendo um caráter eminentemente político e que, segundo sua narrativa, “tem língua afiada e não tem cauda pra não ter rabo preso com ninguém!”. Este grupo, que foi criado em 2013, formado por jovens de orientação comunista, traz todo ano, em seu ciclo de estudos, um tema que será desenvolvido pelo Coletivo em suas ações. O “couro” do “boi”, inclusive, recebe pinturas diferentes; contendo palavras de ordem como por exemplo, “Passe Livre”. Ao chegar à casa de Dona Dá, desenvolvem sua performance - que geralmente tem relação com temas ligados à exploração das classes populares pelo mundo do trabalho. O mesmo se dá quanto ao ritmo que tocam, onde geralmente fazem paródias de músicas, trazendo estas questões à tona.



Boi Cote, personagem e estandartes do grupo.



Componente, estandarte e o *Boi Cote*.



Palavras de ordem escritas no *Boi Cote*.



Performance do grupo em frente à porta de Dona Dá.

Enquanto o *Boi Cote* passava, chegou também o Zé da Macuca, amigo antigo de Dona Dá e que durante muitos anos trouxe seu *Boi da Macuca* para a Quarta de Cinzas. Seu “boi” vinha do interior do estado, de Correntes, cerca de 3h35 de deslocamento até Olinda⁷². O *Boi da Macuca* participava tocando ritmos do Forró⁷³ e apresentava um “boi” que mais lembra um dragão chinês - com duas pessoas dentro dele exercendo a função da chamada “tripa”, “miolo” ou “alma” do “boi”, acompanhado por diferentes personagens, especialmente o Capitão. Para ilustrar, recorro aqui novamente à fotografia do Sávio Ivo, que como vimos, acompanha o *Encontro de Bois* de longa data. Esta foto é de 1997, durante o Carnaval. Infelizmente não consegui nenhuma foto do “boi”.

⁷² DISTÂNCIACIDADES.COM Correntes – Olinda. Disponível em: <http://br.distanciacidades.com/calcular?from=Caruaru+-+Pernambuco%2C+Brasil&to=olinda>. Acesso em 28 set 2013.

⁷³ Estilo musical e baile bastante presente sobretudo no nordeste brasileiro que reúne ritmos como o Xote, Baião, Xaxado, Galope, Quadrilha e Coco. Mais informações em: <http://www.cnfcp.gov.br/tesauro/00001643.htm>. Acesso em 28 de set 2013.



Zé da Macuca de Capitão, e componentes do grupo.

Lá pelas 23h30 chegava um “boi” novo, o *Boi de Pipa*, vindo do Rio Grande do Norte. Em seus versos, o senhor que realizava a função de capitão, explicava que seu “boi” era todo improvisado, tendo seu “couro” feito com uma manta de sofá. Embora tenha pego o contato dele, não tive “fôlego” para buscar maiores informações.



Músicos do *Boi de Pipa*.



Boi de Pipa.



Liderança do *Boi de Pipa* conversando com Dona Dá.

São quase 00h. Após o último “boi” passar, Dona Dá conversa com as pessoas que permanecem na rua a fim de diminuir o barulho.

As pessoas, conforme o tempo vai passando, com o fim da brincadeira, começam a se dispersar, simplesmente, ou se encaminham para o “Segura a Coisa”, outro bloco de Olinda, com saída marcada para meia noite.

Para finalizar este capítulo, trago um último elemento, a fim de evidenciar ainda mais as características peculiares do *Encontro de Bois*. Trata-se da dimensão festiva da Zona Autônoma Temporária [também conhecida como TAZ]⁷⁴, de acordo com as proposições de Hakim Bey (2011).

Em minha interpretação, dado que o autor opta em seu livro por não dar uma definição precisa do conceito⁷⁵, a ideia central das TAZ passa pela adesão voluntária de pessoas/grupos de maneira não hierarquizada a fim de realizarem atividades em comum. O autor em seu escrito, inclusive, chega a citar a realização de festas como uma possível base de organização espacial temporária:

Zonas libertas, ou pelo menos TAZs em potencial. Seja ela apenas para poucos amigos, como é o caso de um jantar, ou para milhares de pessoas, como um carnaval de rua, a festa é sempre “aberta” porque não é “ordenada”. Ela pode até ser planejada, mas se ela não acontece é um fracasso. A espontaneidade é crucial. A essência da festa: cara a cara, um grupo de seres humanos coloca seus esforços em sinergia para realizar desejos mútuos, seja por boa comida e alegria, por dança, conversa ou pelas artes da vida. Talvez até mesmo por prazer erótico ou para alcançar uma obra de arte comunal, ou para alcançar um arroubamento de êxtase. Em suma, uma “união de únicos” (BEY, 2011, p.10) [destaques meus].

Santos (2016), em busca de sistematizar o conceito proposto por Bey, enumera alguns dos elementos-base fundamentais para a realização das TAZ. Em sua leitura, o autor propõe que inicialmente, o encontro entre os participantes deve ser **pautado pela espontaneidade**.

A esse respeito, como vimos, por meio da tríplice operação, dar-receber-retribuir, o encontro dos grupos com Dona Dá é renovado anualmente toda noite de Quarta de Cinzas. Na medida em que não há confirmação prévia, não se sabe ao certo quais grupos comparecerão, nem se permanecerão com a mesma organização [ao longo do tempo alguns “bois” se multiplicaram em brincadeiras diferentes, outros deixaram de existir, brincadeiras novas continuam chegando]; mas de uma forma geral, estão sempre sendo realizados improvisos e experimentações, seja nas brincadeiras, seja no momento do encontro com Dona Dá. Da mesma forma, como os “bois” antes de chegarem à casa da moradora, realizam seu trajeto pelas ladeiras de

⁷⁴ Abreviação de Temporary Autonomous Zone [tradução livre].

⁷⁵ O qual Bey afirma que não criou, que apenas batizou algo que já acontecia: a inevitável tendência dos indivíduos de se juntarem em grupos para buscarem a liberdade. Para apresentar a TAZ, o autor opta por circundar o assunto, elaborando o que ele mesmo denomina como um mosaico de vislumbres. Através de práticas realizadas em diferentes períodos da história, demonstra diferentes TAZ realizadas. Com esta tática, busca também não elaborar dogmas sobre como ela deve ser criada. “O nosso argumento é que ela foi criada, será criada e está sendo criada” (BEY, p.18). O autor acredita que, no final das contas, ao final dos vislumbres, a TAZ seria quase autoexplicativa.

Olinda, às vezes alterando seu percurso de deslocamento, são também promovidos encontros únicos e ocasionais entre eles. Vejamos também o testemunho de algumas pessoas interlocutoras da pesquisa:

Roberta Jansen⁷⁶ que vai brincar no *Encontro de Bois* sem estar vinculada a nenhum grupo afirma: “Espontâneo. *Se eu e você quisermos fazer um ‘boizinho’ a gente pode fazer isso. [Escolhe] roupa, penteado, camisa, ritmo*” [inserção minha] [destaques meus].

Tiago⁷⁷, “a bruxa do Carnaval”, também morador de Olinda, da Rua Henrique Dias, paralela à Boa Hora, que brinca todas as noites com sua bruxa, também destaca a espontaneidade da brincadeira: “Em Olinda, depois das 18h, na Quarta de Cinzas, ‘do nada’ começam a aparecer os ‘bois’. Eu acho meio esquisito até, sabe? Porque pô, do nada, num sei quê e: - *Lá vem o ‘boi’! Entra no ‘boi’ e vai-te embora brincar!*”. Tiago (informação oral) [destaques meus].

Guga⁷⁸, zelador do “Boi da Gurita” destaca alguns elementos de como essa noite foi formada espontaneamente, criando um novo *espaço da brincadeira*:

Invenção total! Primeiro, que não é só “boi” que passa em Dona Dá [...] *Foi dois, três “bois” que resolveram passar por aquele lugar. Aí, as pessoas começaram a chamar de Encontro de Bois, entendeu? Foi isso. Engraçado é que os “Bois de Carnaval” não passam em Dona Dá. Eu acho que criou-se na verdade, assim: tem os “Bois do Carnaval tradicional” [...] E com o “Cara de Sapo” e a “Gurita”, surgia uma outra categoria de “boi”, entendeu? Diferente desse outro. E essa proposta se multiplicou um pouco. Então, o “boi” que vai pra lá, é essa a outra proposta...* (informação verbal) [destaques meus].

Clarice Andrade⁷⁹, Secretária Executiva de Cultura da Secretaria de Patrimônio e Cultura de Olinda/SEPAC, descreve características do “Encontro”:

Eu gosto; o que acho mais legal é a *liberdade de cada grupo. Eu gosto mais disso, da coisa espontânea, [...] são todas inovações que pra mim fazem parte da dinâmica deles, ninguém chegou lá e disse, interferiu dizendo: Olha eu quero um desfile assim!* Tem que ter isso, têm que ter aquilo, tanto músicos etc. Isso é o que eu acho mais legal! Outra coisa incrível é a figura da própria Dona Dá. Uma figura! Ô coisinha! Todo mundo só entra aqui no período prévio para reclamar, só *Dona Dá que chega aqui e diz: “minha filha, tá tão animado! E não sei o que... Eu gosto tanto!”* Ela é uma foliã. Isso tá ficando raro (informação verbal) [destaques meus].

⁷⁶ Conheci Roberta quando fui à FUNDARPE em busca do Projeto “Troféu da Boa Hora”.

⁷⁷ A entrevista foi realizada no dia 21/12/2013, na casa do próprio e durou cerca de uma hora.

⁷⁸ A entrevista foi realizada no dia 23/02/2014, na casa do próprio, antes da brincadeira do “Boi da Guritinha” - versão infantil do “Boi da Gurita”. Teve duração de aproximadamente uma hora.

⁷⁹ A entrevista foi realizada no dia 29/04/2014, na SEPAC de Olinda e durou cerca de 2h.

Clarice destaca na sua fala a importância do espaço criativo de cada grupo, em um cenário onde cada vez mais, existem tentativas de controle, tanto do Carnaval como um todo, assim como também das práticas culturais vinculadas à ele. Ao sinalizar o perfil festivo de Dona Dá, e destacar sua escassez atualmente, parece nos rememorar do espírito festivo-libertário que habita o Carnaval.

Habib⁸⁰, o “fauno” brincante *free lancer*, como ele próprio se denominou, compartilha sua leitura:

Cada um com seu estilo, com seu caráter... Muito diferente a “Burra Rasta”, pro “Boi Marinho”, o “Boi da Mata”, o “Boi de Siba”: cada um tem mais organização ou não, ritmos diferentes, isso também é muito legal por que tu vai dançar muitos ritmos no meio da noite. Tem grupos que são mais abertos e outros mais fechados. *A Quarta é muito espontânea, orgânica e imprevisível: a essência do Carnaval.* Tú nunca sabe a ordem e qual ‘boi’ vai aparecer. Mesmo os “bois” antigos sempre têm novas ideias (informação verbal) [destaques meus].

Gabriel,⁸¹ do Pife Floyd, complementa: “*como não tem essa coisa de inscrição, quem quiser chegar vai, nós fomos nos intrometendo porque o espaço é permissivo; vamos e nem temos “boi”, isso pessoalmente me incomoda, já pensamos em fazer uma vaca*” (informação verbal) [destaques meus].

Nylber,⁸² outra liderança do Pife Floyd, acrescenta:

Na modalidade de “boi” que sai lá, sai “boi” com “Coco”, com Maracatu, com referência do Maranhão, de “Cavalo Marinho”, com sanfoneiros. E a gente viu que não tinha referência ao pife e foi assim. Nem pensamos se tinha “boi” ou não. “*Bora sair na Quarta de Cinzas? Bora.*” Mas não foi determinante ter o “boi” ou não, mas o espaço de celebração da cultura. *É um lugar que a gente sentiu que podia tocar, e que iríamos agregar ao Encontro* (informação verbal) [destaques meus].

Daniela, do “Núcleo de Pesquisa em Cultura Popular Mojubá”⁸³, que participava do *Encontro* trazendo em seu “Boi Mojubá” referências maranhenses, conta: “Quando a gente veio com essa história veio muito contaminado com as *nossas vivências* nos espaços que a gente circulava, *então a gente não estava preocupado se era um boi daqui, se era um boi de lá, e acabou que esse era o nosso boi* (informação verbal) [destaques meus].

⁸⁰ A entrevista foi realizada no dia 19 de fevereiro de 2014 em uma sorveteria, na Praça do Carmo, em Olinda. Teve duração de aproximadamente 40 minutos.

⁸¹ A entrevista foi realizada dia 19/06/2014 na casa do Nylber. Teve duração de aproximadamente 3h.

⁸² A entrevista com o grupo foi realizada dia 19/06/2014 em sua casa. Teve duração de aproximadamente 3h.

⁸³ (*In memoriam*) A entrevista foi realizada dia 30/06/2014 na casa dela e de Renato, lideranças do grupo. Teve duração de aproximadamente 4h.

João Gabriel, do “Bloco da Cabra”⁸⁴ afirma “quando começamos a desfilar na Quarta de Cinzas nem sabíamos da existência dos “bois”, [teve] um ano [que] a Globo fez uma matéria nos chamando de “boi”, mas até então nem arrumamos um “boi”, só temos o estandarte mesmo” (informação verbal) [inserções minhas].

Abul⁸⁵, liderança do “Boi da Mata” chama atenção para o espaço libertário da festa, por meio de sua brincadeira:

Então, primeiro eu digo: _ Rapaz, tu vai achar um negócio do outro mundo, véio! Eu num sei nem que palavra te dizer, é tão massa que vai no imaginário, assim né? Vai pra fora da realidade, né? Porque eu acho que realmente com palavras eu não vou saber dizer. Mas, quem tem... Que se for uma pessoa que tem contato comigo: _ Vamo nessa, ver “Boi da Mata”, se tu tocar, tu vai tocar, se tu quiser ou gostar de fantasia, bote qualquer fantasia ou então vai lá, que a gente vai arranjar uma fantasia pra você! Pra brincar, pra descer ladeira, cantar e tal, se for tomar uma, vai tomar uma, só num pode exagerar, porque também, né?! Eu vou na propaganda de que meu irmão, é um negócio de outro mundo, véio! Tu só vai saber quando for mermo lá, e é bom ir, porque tu vai ver que parecido num há, né? E nunca vai deixar de ir, se for a primeira vez”. Abul (informação oral) [destaques meus].

No que diz respeito tanto à organização da rua, quanto à participação do ritual, Hemerson⁸⁶, liderança da Burrasta, quando questionado sobre o porquê de ser um *Encontro de Bois* e ainda assim ter uma “burra rastafári” afirma:

No começo, eu lembro que quando a “burra” saiu, véio, pelas primeiras vezes, nos dois ou três anos a gente conseguiu o prodígio de chegar até lá e passar direto sem nem cumprimentar Dona Dá, sem nem receber a lembrança, sem nem deixar uma lembrança pra ela. E a minha preocupação era muito do respeito porque tipo, a gente vem... Era um “encontro de boi”, exclusivamente - não sei por quê. E quando a gente foi com a “burra” né, em uma irreverência, mas também de uma forma de encantamento e de respeito pela brincadeira - porque o “boi” brincava, falava, falava, fazia... Tinham os mestres, que começavam o duelo, e tal, e não sei o quê e tal, e pum! Ia embora... Ai depois o outro brinquedo vinha - o outro “boi”. E a gente nunca fez isso. A gente chegava lá, tirava o chapéu pra ela, baixava, fazia um som, um adarrum entregava as flores, recebia e passava. E hoje essa coisa vai se aprimorando mais... O abraço, a gente já fala coisas, a gente diz muito obrigada, já recebe as frutas, já... Sabe? Tira o chapéu, sabe? Agradece a todo mundo (informação verbal) [destaques meus].

Boró⁸⁷, liderança do “Bloco da Cultura Indígena” comenta a forma de organização do *Encontro*:

⁸⁴ Em questionário respondido por e-mail em 7/04/2015.

⁸⁵ A entrevista foi realizada no dia 25/02/2014 dentro da mata com o qual o Boi da Mata se relaciona. Teve duração de aproximadamente 1h20.

⁸⁶ A entrevista foi realizada no dia 02/05/2014 na casa do interlocutor. Teve duração de aproximadamente 2h.

⁸⁷ A entrevista foi realizada no dia 28/04/2014 na Praça do Carmo, em Olinda. Teve duração de aproximadamente 1h30.

A festa se organiza por conta própria, não tem essa história de ser financiada pelo Carnaval, [...] a festa se mantém pelas pessoas mesmo ali, por aquele grupo que se reúne em torno de Dona Dá. [...] É uma desorganização organizada por que é organizada pelos “bois”, conforme vão chegando. Não tem inscrição, não tem nada, vão fazendo fila e pronto. E os moradores da Rua realmente admiram a Dona Dá. (informação verbal). [destaques meus]

E avançando na reflexão sobre a espontaneidade, inclusive na criação do papel de da anfitriã na brincadeira, Maciel Salustiano⁸⁸, autor da música “Na Casa de Dona Dá” conta que:

Dona Dá virou uma história, um personagem da Quarta de Cinzas e o Encontro de Bois vai te dar oportunidade de conhecer uma diversidade de ritmos, músicos, ritmos, instrumentos, poesias. Um pouco da história de nosso Brasil. O cara tá se divertindo, brincando, mas vai aprender muita coisa ali, percebendo que tudo isso faz parte da história do nosso Brasil, de todas as classes que estão ali reunidas. Tem cortador de cana, tem advogado, qualquer religião, todas as cores, as culturas africanas e indígenas. Pra fechar o Carnaval com chave de ouro é na Quarta de Cinzas, na casa de Dona Dá. A música surgiu disso. É uma homenagem à Dona Dá e aos “bois”. Ela é uma figura! Gosto demais dela! A gente chama ela de madrinha dos ‘bois’”. Maciel Salustiano (informação oral) [destaques meus]

Esta fala de Maciel mostra como este espaço de *sociabilidade ritual lúdico-festivo* que ocorre em frente a casa de Dona Dá converte sua porta em um grande terreiro; um espaço de múltiplas relações de ensino-aprendizagem. Da mesma forma, sinaliza que o *Encontro* é este espaço de mútuo reconhecimento entre a festeira e os “bois”. Destaca ainda o quanto as classes sociais parecem estar mais misturadas no mesmo espaço naquela noite; nos conduzindo ao segundo aspecto que Santos (2016) considera fundamental, ao refletir sobre a TAZ: **a horizontalidade do encontro**.

Compreendo que a organização da noite é realizada por meio da ação direta e libertária. Cada indivíduo ou grupo cuida da sua brincadeira, em busca de atingir seus próprios desejos. Esta brincadeira, em sua realização, passa a compor a grande brincadeira que passou a ser chamada de *Encontro de Bois*. Embora Dona Dá seja essa figura que recepciona os grupos na porta da sua casa, não se pode dizer que ela é a “Dona” da brincadeira. E nem ela nem outro grupo, qualquer que seja, que participa da noite, do mais antigo ao mais recente, está autorizado a comandar o processo de experimentação estética de um outro brinquedo participante ou mesmo da festa como um todo.

⁸⁸ A entrevista foi realizada também no dia 28 de abril de 2014 na Praça do Carmo, em Olinda. A entrevista teve duração de aproximadamente 2h.

Para além desta característica, e de acordo com a perspectiva adotada nesta pesquisa, acredito também que a horizontalidade do *Encontro* é primordial para o estabelecimento da troca de saberes entre as pessoas participantes desta noite. Vejamos alguns relatos:

Ômega⁸⁹, do “Boi Cote” indica o potencial criativo e significativo da noite, com protagonismo das pessoas participantes em atuar na construção desta história:

Sentimos que ali é um momento onde nossa voz é escutada e assimilada. Eu notei que se a gente tivesse que chegar lá a partir de uma formalidade esse círculo não se completaria, nós vimos que tínhamos espaço para somar e dialogar, o povo chegava e entrava pra brincar e dialogava conosco, fizemos umas intervenções. Por experiência nossa, é um espaço que vale a pena pra, não só ir, mas se construir, pela possibilidade de ser pensante e atuante e não ser só expectador. Tem que fazer sentido pra vida da gente. Ômega (informação oral) [destaques meus].

Caçapa⁹⁰, liderança do “Boi Dendê”, antigo “Boi Alinhado”, destaca também a dimensão do protagonismo no Carnaval: “*A gente faz o Carnaval da gente e a gente sai na rua tocando Maracatu Rural, cantando e tomando cana e revendo os amigos. É massa! Vamo lá?*” (informação oral) [destaques meus].

Fred⁹¹, liderança do “Boi Cara de Sapo”, destaca a coresponsabilidade das pessoas envolvidas no *Encontro*, para sua continuidade:

Que cada núcleo brincante vá pra lá e brinque. O fundamental são as presenças das pessoas que conseguem motivar outras a participarem. [...] A participarem da sua brincadeira, que [o Encontro de Bois] é a sua brincadeira somada às outras brincadeiras, fazendo uma grande brincadeira... Essas pessoas são essenciais, né? Hélder, quando começa a fazer ensaio do “Boi Marinho”, num sei quantos meses antes: “Pode chegar, que é bem vindo!”, e as pessoas vão chegando, vão chegando... É essencial, né? Quando Siba afastou-se do “Boi da Gurita”, que teve um rapaz, que... Eu num conheço a pessoa. Mas sei, que o “Boi da Gurita” passou a morar aqui na Várzea e levava... Ele ter feito isso, num ter deixado o “Gurita” desaparecer, é essencial! Então, as pessoas que conseguem de alguma maneira, fazer com que outras pessoas se cheguem, agreguem, pra levar a brincadeira pra lá, esses são essenciais. Dona Dá, ela é essencial! Num posso dizer assim, que é a dona da festa, né? Mas é uma figura essencial, né? Pra que a festa aconteça. Ela é como poderia dizer, assim... Um símbolo, né? Um símbolo da festa, né? Fred (informação verbal) [inserção minha].

De uma maneira geral, parece-me que as falas de Ômega, que me define o *Encontro de Bois* como um “espaço onde cada um leva sua vivência particular pra dentro do brinquedo”, e de Maciel, que afirma que “nesse encontro que a Dona Dá proporciona pra gente, a gente tem a possibilidade de mostrar o que a gente gosta de

⁸⁹ A entrevista foi realizada no dia 26/04/14 na casa do interlocutor. Teve duração de aproximadamente 3h30.

⁹⁰ A entrevista foi realizada no dia 22/04/2014. Teve duração de aproximadamente 3h.

⁹¹ A entrevista foi realizada no dia 25 de fevereiro de 2014 em praça próxima à Igreja da Várzea. Durou 1h30.

fazer” representariam, no meio de tanta diversidade, as percepções das pessoas que se dirigem na noite da Quarta de Cinzas para a Rua da Boa Hora.

Zé Carlos, do Boi Praieiro⁹², conta:

É o ‘Encontro de Bois’ onde se vê de tudo um pouquinho. É movimento cultural. O ‘boi’ de num sei o quê, o ‘boi’ de num sei o quê, o ‘boi’ de num sei o quê, e cada um mais estilizado do que outro, aí é essa: - O ‘boi não pode ter rabo não! - Pois o meu tem. - Como é que tu fez teu ‘boi’? Eu peguei um barril velho, um bocado de pano, peguei a vassoura da menina que trabalhava aqui, arranquei todos os pelos da vassoura, comprei dois olhos... Porque dessa vida ninguém leva nada não. Você tem que viver intensamente cada segundo da sua vida. E se tiver uma dorzinha, procure tomar um Tylenol. Zé Carlos (informação oral) [destaques meus]

A fala de Zé Carlos, além de reforçar as exposições anteriores, exemplifica muito bem o espírito de compartilhamento das relações de ensino-aprendizagem entre os múltiplos atores do *Encontro*, dando destaque à diversidade cultural que constitui a brincadeira.

Já Roberto⁹³, líder do centenário “Boi Tira Teima”, vem de Caruaru após ter sido encerrada a competição local dos “bois” e declara que “o *Encontro de Bois*, pro nosso grupo é a apoteose de tudo, é uma coisa que atrai, que tem acolhimento, já desde a casa do Luiz [amigo do grupo que o recebe em Olinda] até a Dona Dá é mágico, é fantástico. *E o conhecimento que a gente tem com outras pessoas e o que a gente leva de diferente. É uma troca de terreiros*”. Roberto Gercino (informação oral) [destaques meus]. Desta forma, escolhe em sua fala por definir o *Encontro* pela via do acolhimento, como um espaço propício para a troca e aprendizagens entre os grupos. Sua última observação da noite de Quarta de Cinzas, ser o clímax, para sua brincadeira nos leva à outra característica da Zona Autônoma Temporária; a **experiência limite ou “de pico”**.

Acredito que o *Encontro de Bois* pode ser considerado uma experiência de epifânia, tanto em nível pessoal, quanto coletivo; seja pelos relatos dos interlocutores, ou ainda mesmo por tratar-se do fim do *Ciclo Carnavalesco*, visto que nos dias seguintes esta experiência extraordinária passa a se diluir na ordinariedade cotidiana de trabalhos e rotinas.

Mestre Zé Borba⁹⁴, do “Boi Estrela”, no seu relato, parece nos apresentar a própria definição de festas: “*Na Quarta de Cinzas tem o Encontro de Bois, tem*

⁹² A entrevista foi realizada dia 10/07/2014 na casa do próprio. Teve duração de aproximadamente 1h30.

⁹³ A entrevista foi realizada dia 25/06/2014 na sala da FUNDARPE, em Caruaru. Teve duração de 3h.

⁹⁴ A entrevista foi realizada no dia 06/07/2014, na casa do próprio e teve duração de 2h.

comida, bebida, amigos, muita gente; encontro de tudo! E todo mundo gosta porque tem muitas coisas". Mestre Zé Borba (informação oral) [destaques meus]. Da mesma maneira, por outro caminho, Luiz Lourenço,⁹⁵ amigo do "Boi Tira Teima", que mora em Olinda, destaca a questão da efervescência cultural, no uso do espaço público:

É o encontro de várias tribos, vou dentro da minha tribo e só vivenciando pra sentir o sentimento de pertencimento a uma tribo, especialmente quando ele passa por lá, porque eu não tenho outros momentos para compartilhar com eles; e que é diferente do que eles fazem aqui em casa. *Lá tem o contexto público de muita gente curtindo aquilo. Aqui é mais particular, são basicamente as pessoas do "boi", meus amigos e a comunidade em volta. Lá tem essa questão extásica que é de muita gente junta que curte a mesma coisa*". Luís Lourenço (informação oral) [destaques meus].

Siba⁹⁶, cocriador do "Boi da Gurita" e atualmente liderança d'"A Bicharada", também ressaltava a dimensão festivo-extásica da brincadeira: "É uma farra. Vá na Quarta-Feira. *É a melhor coisa do Carnaval. É uma farra que a gente faz batendo uns negócios e fazendo rima. Falo assim mesmo. Toca uma percussão e faz umas rimas. Vai lá que é massa!*" Siba (informação oral) [destaques meus].

Hélder⁹⁷, cocriador do "Boi da Gurita" e atualmente liderança do "Boi Marinho" destaca o quanto que a brincadeira reflete práticas de sociabilidade contemporaneamente:

Velho, cê quer ver *um negócio do momento, do presente, de uma geração mesmo? É na Quarta feira. Fica pra Quarta, porque eu já vi muitos relatos das pessoas dizerem que é o melhor dia. É outra coisa, a muvuca foi embora também. Fica lá, só quase o "bagaço" da cidade. Mas é muito legal. Fica pra ver! Muita gente já me falou isso. "Carai! É o melhor dia!" E num exagera, né? Hélder. (informação oral) [destaques meus].*

Fred⁹⁸, liderança do "Boi Cara de Sapo" destaca a ambiência criada por esta *feita popular* dentro da comemoração maior, o Carnaval:

Eu digo que é *A MELHOR FESTA de Olinda! Até pra quem não brinca Carnaval, se for, vai gostar da festa, né? Pelo astral que a festa tem, pela energia que a festa tem. É isso... É a melhor festa de Olinda! Num tem outra coisa pra dizer. Eu digo: _ Vá que você vai ver. É a melhor festa do Carnaval! Porque o Carnaval é uma grande festa e dentro dessa grande festa, acontece... Né? Diversas festas! E o Encontro de Bois, pelo menos no meu ponto de vista, é a melhor festa! É ir pra festa, que ela vai pra A MELHOR festa! Acabou-se*". Fred (informação oral) [destaques meus].

⁹⁵ Entrevista realizada em 29/06/2014 com duração de cerca de 1h30.

⁹⁶ A entrevista foi realizada na casa de Siba, em São Paulo, em 12/10/2013. Durou cerca de 2h30.

⁹⁷ A entrevista foi realizada no dia 23/12/2015 na casa do entrevistado. Teve duração de cerca de 7 horas.

⁹⁸ Informação coletada na data da entrevista apresentada anteriormente.

Depois de Fred afirmar que o *Encontro de Bois* é a melhor festa da Quarta de Cinzas, o testemunho a seguir, de Hemerson⁹⁹, da Burrasta, nos convoca a perceber, conforme venho argumentando desde o início da Tese, o quanto o *mana* é ativado, por meio da trílice operação dar-receber-retribuir, principal mecanismo de construção dos laços de reconhecimento e reciprocidade: “*É um encontro de artistas, que sai e corteja em agradecimento, sei lá, por um ano inteiro, pra entregar um presente invisível que ao mesmo tempo é sentido, e recebe outro.* Eu acho que é isso...” Hemerson (informação oral) [destaques meus]. A Burrasta além de obviamente receber seu troféu anualmente, é um dos grupos que sempre leva um buquê de flores para Dona Dá; contudo, perceba que sua fala dá destaque justamente para aquilo que é intangível; uma gratidão por uma troca de um presente que é invisível e que se fica esperando o ano inteiro para ser trocado novamente.

O último ponto que Santos (2016) destaca para a realização das TAZ é o da **atuação em rede**. Destaco que embora Bey tenha abordado prioritariamente a internet como um campo de transferência de dados; sinaliza também que o boca-a-boca, assim como outras formas de comunicação são suficientes para construir uma rede de informação, insistindo que, para que ela realmente aconteça, são necessárias abertura e horizontalidade em sua estrutura, tal qual vimos anteriormente aqui nesta reflexão. Neste sentido, recordo-me, por exemplo, que certa vez houve um ato de violência, em uma tarde de Quarta de Cinzas, e rapidamente a rede foi acionada para reorganizar a ação¹⁰⁰. Além disso, as falas de alguns interlocutores podem ainda demonstrar outras formas de atuação em rede:

Seu Zé Bento¹⁰¹, da venda localizada praticamente em frente à casa de Dona Dá destaca que além do público, que traz sua família para participar: “Vá lá na Quarta feira pra tu ver os ‘boinhos’ lá! É muita gente! Tu não vai conseguir andar! *Trago todo mundo da família, lá do interior, pra ver!*”. “Seu Zé” (informação oral) [destaques meus].

Zé da Macuca¹⁰², liderança do “Boi da Macuca”, que vinha de Correntes, ressalta a dimensão do vínculo artístico entre as pessoas participantes:

⁹⁹ Informação coletada na data da entrevista apresentada anteriormente.

¹⁰⁰ Encontro de Bois em Olinda muda de local por conta da violência. Disponível em: <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/vidaurbana/2017/03/encontro-de-bois-em-olinda-cancelado-por-conta-da-violencia.html>. Acesso 03 abr. 2021.

¹⁰¹ A entrevista foi realizada no dia 23/12/2015 na calçada do seu bar. Teve duração de cerca de 1 hora.

¹⁰² (*in memorian*) A entrevista foi realizada em 20/06/2014 e teve duração de cerca de 3h20

Ó... Vamo ali pra uma festa muito massa, onde a gente vai encontrar *muitos amigos que tem uma relação estreita com a arte*. E lá você vai encontrar pessoas que tão muito fortes dentro do que se propõe, nessa brincadeira”. Zé da Macuca. (informação oral) [destaques meus].

Percepção que também é apontada por Guga¹⁰³: “Ó, é uma brincadeira de Carnaval, que tem um ‘boi’ no meio, ponto. *Eu acho que é um encontro de muita coisa!* Acho que num é um encontro de ‘bois’ não, é *um ponto de encontro*”. (informação oral) [destaques meus].

Lula Marcondes, liderança do “Boi Dendê”, antigo “Boi Alinhado”, também destaca a dimensão de ser um ponto de encontro:

Ó sai um ‘boi’ lá de casa... Vai encontrar com um bocado de ‘boi’. É um encontro com ‘bois’ de diversos tipos, ‘boi’ de todo tipo. Pessoal, vai lá, porque é massa! Vai lá pra casa, *que a gente sai com um ‘boi’ da gente, pra gente encontrar os outros ‘bois’ da cidade... Que é um ‘Encontro de bois’, é uma noite de encontro...*” Lula Marcondes (informação oral) [destaques meus].

Manoelzinho Salustiano¹⁰⁴, liderança do “Boi da Gréia”, dá o mesmo destaque e mais; em sua eloquência, apresenta diversos elementos importantes do *Encontro*: a mistura de classes, a cooperação entre as brincadeiras, e que as principais ideias do *Encontro* são a reunião de amigos da Cultura, em um *espaço* acolhedor e criativo, para visitar Dona Dá:

Um lugar simples, que lá não tem artista famoso, mas que *todos os artistas são importantes*. - *Oh, velho! Você quer encontrar pessoas importantes, você vai pro Encontro de Bois na Quarta-feira de Cinzas. Então, é um lugar, que todo mundo ali é igual... Eu num vejo ali, um tratamento diferente com ninguém*. E você encontra pessoas famosas, né? Da mídia nacional... Um mestre lá do interior, cara que ninguém nunca ouviu falar o nome dele, mas ele tá ali e todo mundo ri pra ele e fala com ele! Então, é assim que se tem que convidar as pessoas, para *uma confraternização de amigos da cultura... Mesmo se a gente nunca foi apresentado*. E tanto você como artista, como que você como admirador. É assim que eu chamo as pessoas e é assim que eu falo, quando encontro alguém. É da mesma forma que eu convido pro “Boi da Gréia”, eu convido pro encontro de Dona Dá. *Que se num fosse o Encontro de Bois da casa de Dona Dá, num tinha o “Boi da Gréia”! E também ali ninguém disputa nada. Ali é uma coisa que é muito interessante! Ninguém tá preocupado que o outro “boi” veio bonito ou feio, todo mundo tá preocupado em chegar na casa de Dona Dá e cantar!* [risos] Manoelzinho Salustiano (informação oral) [destaques meus].

¹⁰³ Informação coletada na data da entrevista apresentada anteriormente.

¹⁰⁴ A entrevista foi realizada no dia 22/02/2014, no quintal da casa do próprio e teve duração de 50 minutos.

Dona Dá,¹⁰⁵ nossa festeira, também destaca a ideia de ponto de encontro: na noite de Quarta de Cinzas “Tem gente *que nem brinca Carnaval por aqui, mas na Quarta Feira vem. Muita gente brinca no Carnaval separado, mas se encontra aqui na Quarta Feira.*” (informação oral) [destaques meus].

Carlos Eugênio, o vizinho-amigo que escreveu o projeto inicial da homenagem às personalidades, e que acabou se desdobrando no *Encontro*, reforça a festa como ponto de encontro e referência à moradora:

Eu primeiro falaria do que é o Carnaval de Olinda, daria uma esplanada geral e quando falar de cada um, eu iria citar: _ Ó, o “*Encontro de Bois*” é um ‘boizinho’ com alguns cantantes [...] alguns se encontram lá na Boa Hora, pra não só eles próprios se encontrarem entre si, mas prestam sempre homenagem à Dona Dá, que é uma moradora de Olinda, há muito tempo e incentiva esse *Encontro dos Boizinhos*. Carlos Eugênio. (informação oral) [destaques meus].

Habib¹⁰⁶ destaca que o *Encontro* “é uma coisa muito de família no sentido mais aberto da palavra, mais íntima, mais calorosa, comunitária” (informação verbal). [destaques meus]. No Dicionário Michaelis¹⁰⁷, a palavra família diz respeito *ao grupo de pessoas unidas por convicções, interesses ou origens comuns, que apresenta características em comum*. Neste sentido, pensando sobre o conjunto das entrevistas, e em minha própria experiência, posso dizer que *participamos do Encontro de Bois porque nele nos reconhecemos*. Na convergência dos esforços tanto dos moradores, quanto de quem se dirige para a Rua da Boa Hora, criamos laços que se desdobram em um *espaço da brincadeira* que é pautado pela celebração da dimensão simbólica da amizade; e que funciona como uma utopia da confraternização entre estes, que se reconhecem mutuamente.

Eu sou artista. Eu tenho a necessidade de expressar isso e com o brinquedo, [...] Isso, velho é uma coisa que é... É incompreensível, não dá pra dizer: “ah, isso me move por causa disso ou por causa disso” não sei, é um desejo ardente, é latente o ano inteiro pra chegar nesse dia e encontrar essas pessoas, participar dessa brincadeira e ir pra esse encontro. É reencontrar todo mundo, é fazer isso junto... [...] A gente chega na rua, véio, a gente tá agradecendo a rua inteira, véio! É muito doido! Às vezes [...] eu fico dizendo ‘caralho, eu vim aqui’ A mestra é dona Dá, mas daqui a pouco eu vejo outro baluarte, que é um artista, eu tiro o chapéu, daqui a pouco eu digo ‘caralho essa rua é a rua que a gente... aahhh!’ Reverência total pra

¹⁰⁵ A entrevista foi realizada na casa da própria no dia 25/05/2013 e durou cerca de 3h.

¹⁰⁶ Informação coletada na data da entrevista apresentada anteriormente.

¹⁰⁷ Disponível em:

<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=fam%EDlia>
Acesso em 28 de setembro de 2015.

todo mundo! Eu vejo assim. Eu digo os mestres e contramestres. Os artistas que fazem... É... *Coisas que transformam* Hemerson, (informação verbal) [destaques meus].

Esta fala de Hemerson pode ser considerada uma fala síntese das várias respostas que recebi ao perguntar o motivo pelo qual cada interlocutor participa do *Encontro de Bois*. Como vimos, para grande parte dos grupos, a história do *Encontro* é também a forma pela qual a história de cada um deles foi sendo construída¹⁰⁸. E quando a importância da noite de Quarta de Cinzas não se relaciona diretamente com a fundação de seu brinquedo, ela passa a ter relevância significativa em sua trajetória, por meio da tríplice operação da dádiva. Com essa rede formada, através da confraternização entre os presentes, parece que se celebra um encontro de pessoas que gostam de cultura, de pessoas que querem se divertir por meio do manuseio das práticas culturais, e não só do seu consumo; um encontro de amigos onde quase todo mundo se conhece. Nas palavras de Manoelzinho Salustiano¹⁰⁹: “*aquilo ali, é um motivo pra que a gente pelo menos uma vez no ano se encontre. Aquilo ali é uma coisa única, uma coisa do povo, aquilo ali é um encontro de amigos*” (informação verbal). [destaques meus].

Parecendo querer nos dar uma fala síntese da forma de operar da TAZ, retomando as ideias de espontaneidade, horizontalidade/protagonismo na construção da *festa*, experiência limite/de pico e de atuação em rede, Siba declara:

A apropriação mais importante que aconteceu e que se dá na lógica daquele negócio ali é a *lógica do não espetáculo, da festa de rua*, do Maracatu e outras coisas; *aquela coisa que acontece e você está dentro dela*, mesmo que você não participe, mas você está ali. Mesmo que você não esteja dançando, *você é parte daquilo*. Essa Quarta Feira de Cinzas, que já virou uma tradição, tem um monte de “boi” e um monte de gente, e *segue sendo uma festa que não está dependente, nem vinculada a essa coisa do patrocínio*. É o *espírito da festa de rua e muito o espírito do Carnaval de Olinda*. E segue com o mesmo *espírito de amigos que se encontram na Quarta Feira pra festejar* (informação verbal) [destaques meus].

Este capítulo buscou, por meio da *descrição densa* do *Encontro de Bois*, *exemplificar* de que maneira se pode pensar a cidade como espaço social de práticas educativas - através de um ritual cultural público - que tem sua centralidade na tríplice operação dar-receber-retribuir. Por meio do movimento virtuoso da Dádiva, esta *prática de sociabilidade* favorece encontros educativo-pedagógicos, que ampliam a solidariedade social e fortalecem a cultura pública democrática, como nos propõe

¹⁰⁸ Agradeço a Hélder por ter me chamado atenção para este fato.

¹⁰⁹ Informação coletada na data da entrevista apresentada anteriormente.

Carrano (1999); pois é desta forma, por meio da *festa popular*, que as ladeiras que ordinariamente são comuns na cidade, e mais especialmente a Rua da Boa Hora, na porta da casa de Dona Dá, se transformam em um espaço-tempo educativo-pedagógico que contróem identidades e memórias únicas na noite de Quarta de Cinzas em Olinda.

Por fim, acionando as falas das pessoas interlocutoras da pesquisa, entrelaçadas com o marco teórico das TAZ, tentei sustentar que o *Encontro de Bois* em sua forma de realização, pode também ser compreendido como uma espécie de *Zona Autônoma Temporária*.

Nesta parte do texto, que tratou da terceira operação da Dádiva, a retribuição, por meio do qual devolvo à comunidade realizadora do *Encontro de Bois*, pela via acadêmica, o que fui capaz de aprender com eles, a respeito da *Pedagogia da Festa*, busquei articular uma reflexão que buscou destacar a intencionalidade destas pessoas que realizam uma experiência comunitária criativa, espontânea e descentralizada, que ao fim e ao cabo, acabam alcançando nada mais, nada menos, do que sua própria vontade de ir para as ruas celebrar a liberdade ao se reconhecerem mutuamente. Uma narrativa que conta que o que parece ocorrer na noite de Quarta de Cinzas é resultado do desejo de brincar com amigos, fazendo o que se gosta, da maneira que se quer, na noite que podemos nos encontrar. Uma noite especial para revitalizar, conectar, compartilhar experiências, expressar nossa visão de mundo. Uma noite onde cada brincadeira somada às outras brincadeiras, dá vida a outra grande brincadeira. Uma noite para reencontrar todo mundo e fazer isso junto. Uma noite para se reencantar, a partir dos brinquedos de “boi”, acionada pela tríplice operação do *Sistema Dádiva*: dar-receber-retribuir.

CONCLUSÃO: A PEDAGOGIA DA FESTA

Uma das preocupações centrais desta Tese foi elaborar um conceito de *Pedagogia da Festa*, com a finalidade de contribuir para a construção de um novo objeto de estudo, que incluía outras formas de percepção do processo educativo, neste campo do conhecimento, que não somente aquele efetivado pela via institucional.

Desta forma, embora tenha tangenciado a questão ao longo de todo o texto, utilizarei o espaço desta conclusão para, além de arrematar a pesquisa, propor uma definição e uma metodologia de abordagem para o estudo das *festas populares*, no âmbito da *Educação Informal*, sob a perspectiva do Sistema Dáviva, com destaque para aquelas *práticas sociais* onde, em sua realização, alguém recebe pessoas e grupos, por meio de visitas.

Na introdução destaquei o quanto as *festas populares*, e tudo que elas colocam em movimento, me educam no sentido mais pleno da palavra. Iniciei a apresentação da pesquisa relatando o quanto que as experiências pedagógicas, realizadas por meio da *Educação Informal*, com ênfase no aprender-fazendo foram e são muito importantes em minha formação. Posto isto, afirmo que as festas são um dos espaços-tempos privilegiados na difusão dos saberes oriundos das *Culturas Populares*.

No desenvolvimento da pesquisa anterior sobre o *Encontro de Bois de Olinda* sinalizei que a tríplice operação do Sistema Dáviva [dar-receber-retribuir] era um elemento central em sua realização; e portanto, ao desenhar esta pesquisa agora relatada, passei a defender que a experiência estruturante do gesto da dádiva se constitui também como uma perspectiva vital para delimitar a dimensão formativo-pedagógica expressa na brincadeira, argumentando que ela, a dádiva, é também responsável por ativar a circulação de uma série de valores e visões de mundo, com suas inúmeras práticas e saberes, na noite de Quarta de Cinzas em Olinda. Em outras palavras, a partir da compreensão da dádiva como o elemento político-existencial fundante da festa, defendi em todo o texto que há uma dimensão propriamente educativa nas *festas populares*.

Sendo assim, a premissa desta reflexão foi de que as *festas populares* são espaços educativo-pedagógicos que reverberam nos processos de formação humana, ou seja, participar de uma *festa popular* é também participar de uma experiência

educativa. Para sustentar analiticamente esse posicionamento, a pesquisa problematizou como o *Encontro de Bois de Olinda*, dentro da perspectiva da *Educação Informal*, reflete uma *Pedagogia da Festa* a partir do *Sistema Dádiva*.

Foi pressuposto que as *festas populares*, sobretudo aquelas onde alguém recebe pessoas e grupos, por meio de visitas, têm sua centralidade na tríade *dar-receber-retribuir*, emergindo por meio de práticas confluentes de reconhecimento recíproco que, por sua vez, geram efeitos tanto na construção das identidades como na ativação de memórias carregadas de experiências afetivas. Neste sentido, afirmo que há uma *Pedagogia da Festa* nas comemorações populares, que articulam de maneira indissociável processos educativos e culturais em sua realização.

O capítulo **(DÁ)R UMA FESTA: INICIAR O CICLO DA DÁDIVA**, teve como objetivo apresentar o *Encontro de Bois de Olinda*, entendido como uma *festa popular*, a partir de Dona Dá - a festeira, correlacionando a festa ao Sistema Dádiva, tal qual proposto por Marcel Mauss, em seu *Ensaio sobre a Dádiva*, de 1924.

Por meio da análise, com enfoque no *ritual*, e entendendo este como um ato de comunicação simbólica - de construção e reafirmação de laços, mostrei como sua realização parte de uma intencionalidade, baseada na construção da aliança, que é efetivada através das tríplice obrigação *dar-receber-retribuir*.

A partir da aposta realizada por Dona Dá, na geração de vínculos, ao acreditar que os “bois” voltariam no ano seguinte, ao receber seus troféus, reconhecendo também seus esforços; não somente o *Encontro de Bois* começou a ser cultivado - pois aqueles grupos que já existiam anteriormente à entrega dos troféus, poderiam continuar realizando sua brincadeira de maneira apartada; mas também a sua identidade de madrinha dos “bois” começou a ser desenhada. Em uma sentença, acredito que foi o círculo virtuoso da Dádiva o elemento responsável por ativar esta *prática de sociabilidade*. Desde então, anualmente, na noite de Quarta de Cinzas, tanto a moradora-símbolo do Carnaval de Olinda reafirma-se também como madrinha dos “bois”, quanto estes brinquedos, criados a partir de práticas de manuseio de múltiplos elementos culturais, reconhecem-se entre si neste local, estreitando laços, e mantendo a vitalidade do *Encontro de Bois*.

E assim, por meio de trocas e prestações obrigatórias e voluntárias, interessadas e desinteressadas, são acumuladas e distribuídas riquezas de outra ordem [que não na econômica] e que trazem satisfação e prestígio para ambos. Os dois lados,

em sua forma de participação total, expressam a alegria de doar em público: Dona Dá realiza a acolhida, com generosidade, por meio de sua hospitalidade; e os grupos vivenciam o prazer do dispêndio artístico generoso. Desta maneira, ambos compõem a festa, na medida em que dispõem voluntariamente se seus recursos financeiros, estéticos, espirituais etc para a realização do *Encontro*.

Em **CRIAR UM “BOI” E RECEBER UM TROFÉU: EDUCANDO PELA RECIPROCIDADE**, apresentei o debate sobre a festa na Educação, tomando como fio condutor as proposições de Maria da Glória Gohn, que conceitua três modalidades educativas: a *Educação Formal*, a *Educação Não Formal* e a *Educação Informal*. Compreendendo o *Encontro de Bois de Olinda* como pertencente ao modelo preconizado no âmbito desta última, propus um debate crítico com a produção da autora, no sentido de uma expansão analítica do conceito de *Educação Informal*, tendo em vista que na proposição apresentada por Gohn, a intencionalidade seria um marco distintivo das Modalidades de Educação, sendo designado à *Educação Informal* o entendimento de que ela não teria intencionalidade. Por meio dos relatos dos participantes do *Encontro* que desenvolvem junto à Dona Dá ações intencionais de reconhecimento e reciprocidade mútua nas noites de Quarta de Cinzas em Olinda; assim como também do diálogo com as proposições de Rocha (2011) e Freitas (2005), que contribuíram para o debate afirmando que a educação acontece em todos os momentos da vida, busquei abrir caminhos para que possa ser reconfigurado o modo de abordar a *Educação Informal*, no âmbito das *festas populares*, onde possamos perceber que elas têm uma intencionalidade, sendo espaço-tempos onde se expressam/criam/recriam/ensinam/aprendem diferentes concepções de leitura do mundo; e mais ainda, que por meio de suas relações interacionistas e de socialização - por meio dos *rituais*, por exemplo, se constroem vínculos, história, identidades e memórias.

Já em **RETRIBUIR A ALIANÇA ESTABELECEIA: LAÇOS DE CONFRATERNIDADE**, refleti sobre a cidade como um espaço educativo à maneira proposta por Carrano (1999); e desta forma, Cultura e Educação foram acionadas de maneira conjunta ao trabalhar com o conceito de *Cidade Educadora*. Ao pensar a cidade como espaço social de práticas educativas, e portanto, ampliar o conceito de Educação para a dinâmica da vida cultural, incorporando relacionamentos sociais como elementos formativos [para além das práticas concebidas para gerar

aprendizagens], a festa como um espaço-tempo educativo voltou a adquirir centralidade. Por meio da *descrição densa* do *Encontro de Bois*, busquei demonstrar de que maneira se pode pensar a cidade como espaço social de práticas educativas, através de um ritual cultural público, que, conforme afirmado, tem centralidade na tríplice operação dar-receber-retribuir. Expliquei de que maneira, por meio do movimento virtuoso da Dádiva, esta *prática de sociabilidade* favorece encontros educativo-pedagógicos, que ampliam a solidariedade social e fortalecem a cultura pública democrática.

Para refletir sobre a dimensão identitária do *Encontro de Bois*, responsável por construir memórias únicas nas noites de Quarta de Cinzas em Olinda, busquei demonstrar a rede de relações que as pessoas participantes do *Encontro* estabelecem entre si na cidade, buscando sua amplitude, qualidade e intensidade; elementos que desdobram um sistema de ação que é definido pelas interações e partilhas realizadas entre estes atores sociais. Ao acionar as falas das pessoas interlocutoras da pesquisa, entrelaçadas com o marco teórico das TAZ, tentei sustentar que o *Encontro de Bois* pode também ser compreendido como uma espécie de *Zona Autônoma Temporária*. Um modo de fazer a festa que possui uma dinâmica cultural própria, de fortalecimento de valores e troca de saberes entre as pessoas participantes que, ao fim e ao cabo, configuram a subjetividade social.

É por meio desta *festa popular*, que tem origem e centralidade na geração/manutenção de vínculos a partir da dádiva, com um modo de fazer, que nos remete à TAZ, que as ladeiras que ordinariamente são comuns na cidade, e mais especialmente a Rua da Boa Hora, na porta da casa de Dona Dá, se transformam em um espaço-tempo educativo-pedagógico que contróem identidades e memórias únicas na noite de Quarta de Cinzas em Olinda.

Desta forma, acredito que as *festas populares*, ao serem lidas sob o *Sistema Dádiva*, em sua dimensão de intencionalidade comunicativa, revelam-se como importantes espaços de educação, na medida em que estes festejos, ao ocuparem as ruas, servem como espaços privilegiados para o intercâmbio cultural, aprendizado social e fortalecimento de laços comunitários. Afinal, as pessoas, ao aprenderem umas com as outras, em um ambiente que valoriza a reciprocidade e a partilha, fazem com que a força motriz do *Espírito da Dádiva* permaneça em movimento.

Ao compreender estas *práticas de sociabilidade*, por meio do Sistema Dádiva,

pretendi fazer perceber que as *festas e rituais*, para além de sua dimensão cultural, desenvolvem simultaneamente um processo formativo, que é realizado em um ciclo de trocas educativo-pedagógicas de dar-receber-retribuir, que, ao final, constróem a identidade social dos sujeitos envolvidos, gerando vínculos, história, identidades e memórias.

Concluo, então, com a proposição seminal desta Tese: a corporificação de uma *Pedagogia da Festa*, operante como uma *plataforma educativa* que promove um adensamento social e consoma seu processo formativo predominantemente por meio de *espaço-tempos rituais lúdico-festivos*, que nos impactam em todos os nossos sentidos e dimensões.

De onde consigo perceber neste momento da escrita, entre as limitações/possíveis pontos de desenvolvimento desta pesquisa seriam: 1) Um estudo mais amplo do Paradigma da Dádiva; 2) Um aprofundamento mais específico no debate estabelecido por Duvignaud - como vimos, autor maussiano que produziu reflexões específicas sobre o campo das festa; 3) Concluídos os dois primeiro itens, refletir sobre a aplicação desta perspectiva em festividades populares onde a tríplice operação da dádiva não é um elemento central em sua realização; 4) Realizar novas entrevistas com as pessoas interlocutoras da pesquisa focando especificamente o aspecto educativo da *festa* - mesmo tendo consciência de que este olhar está sendo proposto por mim e que, pode ser que, talvez, algumas delas nunca tenham pensado sobre isso; e 5) buscar outras *festas populares* com o mesmo perfil: recém criadas e que dialogam com as tradições.

Concluída a pesquisa, a fim de facilitar a operacionalização desta abordagem no futuro, busco agora delinear o conceito de *Pedagogia da Festa*, dando mais nitidez à sua delimitação.

Como vimos, o ponto de partida, ao trazer o campo da Educação para dialogar com a Cultura foi: se toda prática social é uma prática simbólica, na medida em que os signos não têm significados pré-existentes, e dependem do contexto vivido, isso significa dizer que a Cultura é apreendida e que, portanto, é mediada por um processo de ensino-aprendizagem. Desta forma, por extensão, pode-se dizer que as *festas* além de serem uma prática cultural, são também espaços educativo-pedagógicos que constituem a formação humana.

A primeira premissa para desenvolver este conceito parte do entendimento que a Educação está presente em todos os momentos de nossa vida. Ela ocorre na relação entre pessoas e instituições ao longo de toda a nossa trajetória, quer estes momentos tenham sido pensados para serem educativos ou não. Desta forma, Educação e Cultura caminham lado a lado por meio das conexões dos sentidos e significados que são estabelecidos na interação humana, por meio da sua ação comum [Comunicação].

Uma segunda premissa, em um nível mais específico, parte da compreensão de que a *Festa Popular* é, ela mesma, educativa, propiciadora de relações de ensino-aprendizagem durante seu próprio espaço-tempo de realização. Neste sentido, atividades desenvolvidas em instituições educativas, sejam elas de natureza formal ou não-formal, ou mesmo mediações realizadas por agentes externos à festa, como uma ação de Educação Patrimonial, por exemplo [que obviamente têm sua importância e seu lugar estabelecido] estão fora do escopo do conceito proposto, pois aqui me refiro às *festas populares* em seu devido espaço-tempo de realização, tendo, se quisermos assim chamar, a centralidade educativa depositada nas pessoas festeiras e/ou que participam da celebração.

A terceira premissa seria compreender que as festas populares são um cenário ideal para observar o *Sistema Dáviva* em ação, ao evidenciarem a reciprocidade social, por meio das trocas simbólicas, que são continuamente realizadas, através da tríplice operação dar-receber-retribuir; desta maneira, as *festas populares* promovem a coesão social e fortalecem a identidade comunitária com suas práticas de troca e partilha coletiva.

Compreendo as *festas populares* como um *fato social total*; um fenômeno com características próprias, pautado em vivências que envolvem e constituem integralmente o corpo, em todas as suas dimensões: biológicas, psicológicas, sociais e espirituais. Um fenômeno experiencial da ordem do aprender-fazendo, onde Educação e Cultura se articulam de tal maneira que às vezes seus contornos deixam de existir [sem é que eles existem na concretude da vida real].

Os elementos constitutivos de uma festa, de uma maneira geral, compreendem visitas, trocas de gentilezas, música, dança e partilha de alimentos.

Quando ocorre uma festa, tudo adquire mais intensidade, cores, texturas e sabores. Quando se trata de uma festa popular, ocorre um crescimento progressivo da expectativa de seu início, que vai progressivamente agitando o grupo social, até que

no momento de sua realização, ocorre uma efervescência coletiva. Parece que quando há uma festa ocorre um dispêndio/concentração de energia que é ao mesmo tempo criado e partilhado entre as pessoas participantes da celebração, catalisando nossa própria energia vital.

Pensando especificamente em festas que expressam mais nitidamente as reações da *Dádiva*, por meio da sua tríplice operação dar-receber-retribuir, poderia dizer que existem comemorações que se articulam a partir da lembrança/rememoração/vivência de algo do passado, como as Folias de Reis, por exemplo; onde as pessoas foliãs ao visitarem as casas das pessoas devotas e se visitarem mutuamente, repetem simbolicamente a jornada que os Santos Reis fizeram em busca do Menino Jesus. Há festas que projetam o futuro, como as Festividades do Divino Espírito Santo onde, no tempo de Pentecostes, coroa-se uma ou mais crianças [a depender do local de realização] e distribuem-se alimentos, celebrando-se a esperança de que há de chegar o tempo onde a pureza reinará e haverá fartura para todas as pessoas. E há ainda festividades que celebram o aqui-agora, e que foram criadas recentemente - portanto não se encontram no campo da tradição, nem possuem um vínculo religioso como as demais comemorações citadas; mas inserem-se no tempo cíclico das festas populares, e também apostam na criação de laços, por meio da expressividade artístico-cultural do improvisado, das criações realizadas no momento presente, tal qual nosso *Encontro de Bois de Olinda*. Todas elas, tenham uma dimensão mais pública ou privada, em algum momento circulam pelo espaço público, promovendo um ambiente de respeito e valorização mútua, com seus rituais dadivosos, através do uso de elementos simultaneamente concretos e simbólicos, onde quem carrega ou doa oferece um pouco de si a quem recebe - e confia-se, retribuirá a Dádiva; seja por meio da doação/visitação da bandeira da Folia de Reis; no recolhimento de “joias” para a Coroa do Divino; ou ainda no troféu da Boa Hora.

Gostaria de pensar a *Pedagogia da Festa* como uma forma de compreensão das celebrações populares que defende que elas têm uma programática própria. Como um conceito, e ao mesmo tempo como uma metodologia de visibilização e produção de conhecimento de um objeto de estudo que se configura como uma **plataforma educativa, que cria um contexto ambiental onde são desenvolvidas as mais diversas relações de ensino-aprendizagem, realizando seu processo formativo**

predominantemente por meio de espaço-tempos rituais lúdico-festivos que acessam a uma só vez todos os nossos sentidos; por isso, me parece, são tão impactantes e causam, simultaneamente, no âmbito do indivíduo, uma excitação, um frenesi incomum [diferente de todas as outras formas/modalidades de aprendizagem], ao passo que na sociedade provoca uma *efervescência* coletiva.

Um *sistema de ação* que se realiza por meio deste espaço-tempo adensado de relações e intercâmbios culturais-sociais de troca e reciprocidade. **Um espaço que se abre como um portal, que reúne simultaneamente passado-presente-futuro, e que cria, por meio das brincadeiras/celebrações um momento ímpar de relações de ensino-aprendizagens/trocas de saberes por meio do lúdico.**

Em síntese, poderia dizer que a *Pedagogia da Festa* que proponho aqui, refere-se à toda sorte de experiências/relações de ensino-aprendizagem ocorrida no âmbito das *Festas Populares*, por meio da troca, reciprocidade e celebração comunitária.

Acredito poder generalizar que as *festas populares* possuem:

a) algum tipo de ritual/cerimônia - que, de acordo com a leitura proposta nesta tese, são pontos-ápice para serem observados o conteúdo/forma daquela prática cultural, entendidos como rituais pedagógicos, que atuam na transmissão dos saberes;

b) a manifestação das chamadas linguagens artísticas de maneira integrada - como um espaço privilegiado para perceber as configurações dos padrões tradicional-estético-criativo daquele grupo social;

c) sua realização com o apoio da comunidade que dispõe de seus recursos [em todos os sentidos da palavra] para realizá-la - como um espaço para vislumbrar a ativação da rede de sociabilidade, enfatizando as relações de identidade, protagonismo e pertencimento, por meio da construção coletiva de práticas e saberes.

Neste sentido, a construção do conhecimento, por meio da *Pedagogia da Festa*, passaria por:

1) Reconhecer as *Festas Populares* como um espaço educativo, que expressa em seus processos formativos as visões que aquele agrupamento de pessoas têm da sociedade;

2) Valorizar o processo formativo presente nos saberes ancestrais/tradicionais/populares em diálogo - não em submissão ou apagamento - ao saber científico;

3) Integrar, na construção da leitura deste espaço festivo Cultura, Educação e Território, em sua historicidade, em um processo de construção e reelaboração constante, na medida em que trata-se de um fenômeno vivo e em movimento.

Como metodologia de leitura do fenômeno indicaria: encarar o espaço ritual como um processo formativo; localizar os pontos de maior destaque na troca/transmissão/criação de conhecimentos; enfatizar a corporeidade e a experiência dos sujeitos como metodologia de compreensão da aprendizagem; buscar o protagonismo comunitário na construção do saber; e realizar a aprendizagem do objeto da pesquisa de maneira situada e contextualizada.

Afinal, aprender pela festa é acessar o lúdico, a comunhão, a alegria e o encanto. É aprender de corpo inteiro.

É viver-reviver-criar-relembrar aquilo que não pode ser esquecido.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. 64 p. Disponível em: https://www.mpba.mp.br/sites/default/files/biblioteca/direitos-humanos/enfrentamento-ao-racismo/obras_digitalizadas/chimamanda_ngozi_adichie_-_2019_-_o_perigo_de_uma_historia_unica.pdf. Acesso em: 08 jan. 2025.

ARARIPE, Fátima Maria Alencar. *Jacarecanga: patrimônio e memória da cidade de Fortaleza*. Tese de Doutorado – Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, 2007. 230p. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/8647>. Acesso em 21 jan. 2021.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 14724: informação e documentação: trabalhos acadêmicos: apresentação. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: http://site.ufvjm.edu.br/revistamultidisciplinar/files/2011/09/NBR_14724_atualizada_a_br_2011.pdf. Acesso em: 08 jan. 2025.

ATTIA, Lúcio Enrico Vieira. *Encontro de Bois de Olinda “a festa na Quarta de Cinzas é na casa de Dona Dá!” Ponto de convergência para múltiplas “culturas viajantes”*. Dissertação de Mestrado em Cultura e Territorialidades, UFF. Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: https://www.academia.edu/42913913/ENCONTRO_DE_BOIS_DE_OLINDA_A_FESTA_A_DA_QUARTA_DE_CINZAS_%C3%89_NA_CASA_DA_DONA_D%C3%81_Ponto_de_converg%C3%Aancia_para_m%C3%BAltiplas_culturas_viajantes. Acesso em 19 jun. 2021.

BEY, Hakim. *Zona Autônoma Temporária*. São Paulo: Conrad, 2011a. Tradução de Renato Resende. Disponível em: http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/arq_interface/4a_aula/Hakim_Bey_TAZ.pdf. Acesso em 30 set 2015

BOI TIRA TEIMA. Disponível em: <http://boitirateima.blogspot.com.br/>. Acesso em: 8 jun. 2013.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da história oral**. (8ª edição) Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006 [1986], p. 183-191. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4888128/mod_resource/content/3/Histo%CC%81ria%20de%20vida_Bourdieu_ilusa%CC%83o%20biogra%CC%81fica.pdf. Acesso em: 20 jul. 2021.

_____. *O capital social – notas provisórias*. In: CATANI, A. & NOGUEIRA, M. A. (Orgs.) *Escritos de Educação*. Petrópolis: Vozes, 1998.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é educação?* São Paulo. Brasiliense, 1981. Disponível

em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1992579/mod_resource/content/1/O%20que%20educa%C3%A7%C3%A3o.pdf Acesso em 17 mar. 2022.

CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues. *Angra de tantos reis: práticas educativas e jovens tra(n)çados da cidade*. Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Fluminense, Rio de Janeiro, 1999. Disponível em: https://www.academia.edu/127570401/Angra_De_Tantos_Reis_Pr%C3%A1ticas_Educativas_E_Jovens_Tra_N_%C3%A7ados_Da_Cidade Acesso em 21 jan. 2021.

CARVALHO, José Jorge. *Metamorfose das tradições performáticas Afro-brasileiras: de Patrimônio Cultural a indústria de entretenimento*. 2004. 21p. Disponível em: <http://dan2.unb.br/images/doc/Serie354empdf.pdf> . Acesso em 05 set 2013.

CARVALHO, Luciana. A matança do santo: riso ritual e *performance* no bumba meu boi. In: CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro e: *As festas e os dias: ritos e sociabilidades festivas*. Rio de Janeiro: Contracapa. 2009, 115-142, p.116

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro e. Tempo e narrativa nos folguedos de boi. In: CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro e (org): *As festas e os dias: ritos e sociabilidades festivas*. Rio de Janeiro: Contracapa. 2009, 28p. Disponível em: <http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/rpcsoc/article/view/810> . Acesso 28 ago. 2013.

CENTRO NACIONAL DE FOLCLORE E CULTURA POPULAR. *Tesouro Brincante*. Disponível em: <http://www.cnfcp.gov.br/tesouro/00000190.htm> Acesso em 28 set 2013.

_____. *Tesouro Bumba meu Boi*. Disponível em: <http://www.cnfcp.gov.br/tesouro/00000315.htm> Acesso em 28 set 2013.

_____. *Tesouro Cacuriá*. Disponível em: <http://www.cnfcp.gov.br/tesouro/00001801.htm> Acesso em 28 set 2013.

_____. *Tesouro Ciclo Carnavalesco*. Disponível em: <http://www.cnfcp.gov.br/tesouro/00001975.htm> Acesso em 28 set 2013.

_____. *Tesouro Ciclo Natalino*. Disponível em: <http://www.cnfcp.gov.br/tesouro/00000091.htm> Acesso em 28 set 2013.

_____. *Tesouro Coco* Disponível em: <http://www.cnfcp.gov.br/tesouro/00000072.htm> Acesso em 28 set 2013.

_____. *Tesouro Forró*. Disponível em: <http://www.cnfcp.gov.br/tesouro/00001643.htm> Acesso em 28 set 2013.

_____. *Tesouro Maracatu de Baque Solto*. Disponível em: <http://www.cnfcp.gov.br/tesouro/00002065.htm> Acesso em 28 set 2013.

_____. *Tesouro Maracatu de Baque Virado* Disponível em: <http://www.cnfcp.gov.br/tesouro/00002066.htm> Acesso em 28 set 2013.

_____. *Tesouro_Quaresma.* Disponível em: <http://www.cnfcp.gov.br/tesouro/00001975.htm>, Acesso em 28 set 2013.

CLIFFORD, James. *Culturas viajantes In: ARANTES, Antonio A. (org.) O espaço da diferença.* São Paulo: Papirus Editora, 2000. 302 p. p. 50 a 79. Disponível em: http://www2.fct.unesp.br/docentes/geo/necio_turra/PPGG%20-%20PESQUISA%20QUALI%20PARA%20GEOGRAFIA/O%20ESPACO%20DA%20DIFERENCA%20-%20Arantes.pdf Acesso em: 15 abr. 2022.

CERTEAU. Michel de. *A invenção do cotidiano.* Petrópolis: Vozes. 2000. p. 352.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO. *Encontro de Bois em Olinda muda de local por conta da violência.* Disponível em: <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/vidaurbana/2017/03/encontro-de-bois-em-olinda-cancelado-por-conta-da-violencia.html> Acesso em 03 de abril de 2021.

_____. *CARNAVAL movimentou R\$773,6 milhões em Pernambuco, diz Empetur.* Diário de Pernambuco, 8 de março de 2012. Disponível em: <HTTP://www.diariodepernambuco.com.br/ultimas/SEO/Economia/nota.asp?materia=20120308173347>. Acesso em 29 abril de 2012.

DICIONÁRIO MICHAELIS Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=fam%EDlia> Acesso em 28 set. 2015.

DISTÂNCIACIDADES.COM *Caruaru – Olinda.* Disponível em: <http://br.distanciacidades.com/calcular?from=Caruaru+-Pernambuco%2C+Brasil&to=olinda>. Acesso em 28 set 2013.

_____. *Condado – Olinda.* Disponível em: <http://br.distanciacidades.net/calcular?from=condado%20-%20pe&to=olinda> Acesso em 28 set 2013.

_____. *Correntes – Olinda.* Disponível em: <http://br.distanciacidades.com/calcular?from=Caruaru+-+Pernambuco%2C+Brasil&to=olinda> Acesso em 28 set 2013.

_____. *Itapissuma - Olinda.* Disponível em: <http://br.distanciacidades.net/calcular?from=itapissuma&to=olinda>. Acesso em 28 set 2013.

_____. *Recife – Olinda.* Disponível em: <http://br.distanciacidades.net/calcular?from=recife&to=olinda> Acesso em 28 set 2013.

DONA DA CARNAVALESCA (@donadacarnavalesca). Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/donadacarnavalesca/>. Acesso em: 18 jan. 2025.

DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa.* São Paulo: Martins Fontes, 2000. Disponível em: [/https://ayanrafael.com/wp-content/uploads/2011/08/durkheim-c3a9-as-formas-elemen](https://ayanrafael.com/wp-content/uploads/2011/08/durkheim-c3a9-as-formas-elemen)

[tares-da-vida-religiosa-o-sistema-totc3aamico-na-austrc3allia.pdf](#) Acesso em 14 jun. 2021.

ECO, Umberto. *Como se faz uma tese em ciências humanas*. Trad. Gilson Cesar Cardoso de Souza. São Paulo. Perspectiva, 2008. 224 p. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/Instituicao/Docentes/RosangelaCaldas/como-se-faz.pdf> Acesso em 14 abril 2022.

FISCHER, André. Manual Prático de Linguagem Inclusiva. Disponível em: https://irp-cdn.multiscreensite.com/87bdaac3/files/uploaded/manualplinguageminclusiva_neo.pdf. Acesso em: 08 jan. 2025.

FUNDARPE. *Ciclo Natalino valoriza as tradições populares do Estado*. Disponível em: <http://www.fundarpe.pe.gov.br/ciclo-natalino-do-governo-do-estado-valoriza-as-tradicoes-populares>. Acesso em 28 set 2013.

G1 GLOBO.COM *Dona dá espanta marasmo em rua de Olinda entregando troféu à blocos*. Disponível em: <http://g1.globo.com/pe/olinda/carnaval/2013/noticia/2013/01/dona-da-espanta-marasmo-em-rua-de-olinda-entregando-trofeus-blocos.html> Acesso: 31 mai. 2013.

GALEANO, Eduardo. *O livro dos abraços*. Tradução de Eric Nepomuceno. - 9ª edição. Porto Alegre: L&PM, 2002. p.10. 270 p. Disponível em: <https://www.anarquista.net/wp-content/uploads/2013/03/O-Livro-dos-Abra%C3%A7os-Eduardo-Galeano.pdf> Acesso 14 jun. 2021.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Tradução de Fanny Wrobel. Rio de Janeiro, Zahar. 2008. 1ª edição. 13ª reimpressão. 323p. Disponível em: https://monoskop.org/images/3/39/Geertz_Clifford_A_interpretacao_das_culturas.pdf Acesso em 18 jun. 2021.

GOHN, Maria da Glória. *A Educação Não-formal e a relação escola-comunidade*. EccoS – Revista Científica, 6 (2). 2004. 39-66. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/eccos/article/view/380> Acesso em 22 março 2022.

_____. *Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas*. Revista Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação. V.14 Nº 50 p. 27-38 jan-mar 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ensaio/a/s5xg9Zy7sWHxV5H54GYydfQ/?lang=pt> Acesso em 22 março 2022.

_____. *Não-fronteiras: universos da educação não-formal*. Coleção Rumos Educação Cultura e Arte, 2. São Paulo: Itaú Cultural, 2007. 96 p. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000221139> .Acesso em 22 março 2022.

_____. *Educação Não-Formal e o Papel do Educador (a) Social*. Revista Meta: Avaliação, [S.l.], v. 1, n. 1, p. 28-43, junho 2009. ISSN 2175-2753. Disponível em: <https://revistas.cesgranrio.org.br/index.php/metaavaliacao/article/view/1>. Acesso em: 09 sep. 2022.

_____. *Educação Não Formal, Aprendizagens e Saberes em Processos Participativos*. Investigar em Educação - II^a Série, Número 1, 2014. 35-51. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/mod/url/view.php?id=2346870>. Acesso em 22 março 2022.

_____. *Educação Não-formal nas instituições sociais*. Revista Pedagógica, Chapecó, v. 18, n. 39, p. 59-75, set./dez. 2016. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/mod/url/view.php?id=2346870>. Acesso em 22 março 2022.

GOVERNO DO ESTADO DE PERNAMBUCO. *Pode acabar tudo, menos o cavalo marinho, um brincante*. Especiais/Brincantes. Disponível em: <http://www.recife.pe.gov.br/especiais/brincantes/8c.html>. Acesso em: 07 set 2013.

GOVERNO DO ESTADO DE PERNAMBUCO. *Nossos ritmos, nosso imaginário coletivo*. Especiais/Brincantes. Disponível em: <http://www.recife.pe.gov.br/especiais/brincantes/5.html>. Acesso em: 07 set 2013.

Hobsbawm, Eric J. e Ranger, Terence. *A invenção das tradições*. [Ed. Especial] (Saraiva de Bolso). Nova Fronteira, 20012. 438p.

IANNI, Octávio. *A construção da categoria*. p. 397-416 In: Revista HISTEDBR. v. 11, n.41. 2012. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8639917>. Acesso em: 14 abr. 2022.

MÃE, Valter Hugo. *As mais belas coisas do mundo* [recurso eletrônico]. [Ilustração de Nino Cais]. 1. ed. Rio de Janeiro: Biblioteca Azul, 2018.

MALINOWSKI, Bronisław C. *Argonautas do Pacífico Ocidental* Tradução Anton P. Carr. São Paulo: Abril Cultural, 1976. Disponível em: https://www.ppga.propesp.ufpa.br/ARQUIVOS/sele%C3%A7%C3%A3o%202016/Do_cfo.com-MALINOWSKI_Argonautas-Do-Pacifico-Occidental-0s-Pensadores.pdf.pdf Acesso em: 08 jun. 2024.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações - Comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003. p 136. Disponível em: <https://notamanuscrita.files.wordpress.com/2014/08/jesus-martin-barbero-dos-meios-a-s-mediacao3a7c3b5es.pdf> Acesso em 14 fev. 2014.

MAUSS, Marcel. *Ensaio sobre a Dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas*. 1924. 131 p. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/1888?show=full> Acesso em 30 set. 2015.

MILLS, C. Wright. *Do artesanato intelectual*. In: MILLS, C. Wright. Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios. Rio de Janeiro: Zahar. 2009, p. 211-244. Disponível em: <https://cliqueapostilas.com/Content/apostilas/7ae65ac3eb4e04a61083b26832641c37.pdf> Acesso em 15 nov. 2018.

ORQUESTRA BACKSTAGE (@orquestraabackstage). Instagram: <https://www.instagram.com/p/Cxjf-S9OaYK/> Acesso em 03/02/25.

PE-AZ *Seu portal em Pernambuco*. Disponível em: http://pe-az.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=541:belem-de-maria&catid=47:municipios&Itemid=107. Acesso 15 de jul. 2014.

PEIRANO, Mariza. *Rituais ontem e hoje*. Mariza Peirano. Coleção Passo a passo. Jorge Zahar Editor Ltda. 2003. Disponível em: <https://doceru.com/doc/n1e0sec> Acesso 30 set. 2015.

PESSOA, Jadir de Moraes. *Saberes em festa: gestos de ensinar e aprender na cultura popular*. Goiânia: Ed. da UCG; Kelps, 2005.

PREFEITURA DO RECIFE. *Cadastro de Cultura Popular*. Disponível em: http://www.recife.pe.gov.br/pr/seccultura/fccr/cadastro/2008/07/29/boi_de_carnaval_7.php Acesso em 28 set. 2013.

RESENDE, Cláudia Barcellos. *Os limites da sociabilidade: “cariocas” e “nordestinos” na feira de São Cristóvão*. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewFile/2145/1284>. Acesso em 25 set 2013.

ROCHA, Gilmar. *Mauss & a Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.(Coleção Pensadores & Educação). 128 p.

SALÚ, Maciel. *Na Casa de Dona Dá. Maciel Salú e o Terno do Terreiro*. 2004. Link do vídeo *Encontro de Bois* disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yKDU21-vZfA>. Acesso em 17 de jan. de 2025.

SANDRONI, Carlos. “... Do frevo e do maracatu”: música e festa no Carnaval pernambucano *In: Revista Observatório Itaú Cultural : OIC. – N. 14 (mai. 2013)*. São Paulo: Itaú Cultural, 2013. Disponível em: https://issuu.com/itaucultural/docs/revista_observatorio_14 Acesso 20 mai. 2018.

SIMÃO DE FREITAS, Alexandre. *Fundamentos para uma sociologia crítica da formação humana: um estudo sobre o papel das redes associacionistas*. 2005. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/9763> Acesso em 22 jan. 2021.

TENDERINI, Helena Maria. *Na Pisada do Galope: Cavalos Marinho na fronteira traçada entre Brincadeira e Realidade*. 98 f Dissertação (Pós-Graduação em Antropologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Pernambuco. 2003. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/692> Acesso em 10 fev. 2013.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO UFRPE. *O Ciclo Natalino*. Disponível em: http://www.ufrpe.br/artigo_ver.php?idConteudo=1246. Acesso 28 set. 2013.

VELHO, G. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora. 2003 (3a ed.). 137 p. Disponível em: <http://nucleodememoria.vrac.puc-rio.br/system/files/acervo-livre/cg0181/textocg0181017.pdf> Acesso em 15 jun. 2020.

VIANNA JÚNIOR, Hermano Paes. *O Baile Funk Carioca: Festas e Estilos de Vida Metropolitanos*. Rio de Janeiro – RJ, 1987. Dissertação de Mestrado - Universidade Federal Do Rio De Janeiro. Museu Nacional Programa De Pós-Graduação em Antropologia Social. Disponível em: https://www.academia.edu/31952607/HERMANO_VIANNA_O_BAILE_FUNK_CARIOCA_PDF Acesso em 10 jul. 2021.

WIKIPÉDIA *Centro Histórico de Olinda*. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Centro_Hist%C3%B3rico_de_Olinda. Acesso em: 28 set 2013.

_____. *Microrregião da Mata Setentrional Pernambucana*. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Microrregi%C3%A3o_da_Mata_Setentrional_Pernambucana Acesso em 28 set 2013.

_____. *Olinda*. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Olinda> Acesso em: 28 set 2013.

_____. *Pernambuco*. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Pernambuco>. Acesso em 16 jun 2021.

_____. *Reggae*. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Reggae> Acesso em: 30 mar 2014.

YOUTUBE *Moradora muda itinerário dos blocos em Olinda - Repórter Brasil (manhã)* Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PPsu4l-utM0> Acesso: 31 mai. 2013.

YOUTUBE *Carnaval TV Jornal Base Dona Dá* Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=f0ThC8RIWCI>. Acesso: 31 mai. 2013.

APÊNDICE A - LISTAGEM DE PESSOAS ENTREVISTADAS.

Dona Dá (FESTEIRA) Jodecilda Airola de Lima, popularmente conhecida como Dona Dá, atualmente com 77 anos, foi homenageada do Carnaval de Olinda em 2004. Foi a primeira mulher a receber esta deferência. A escolha se deu mediante voto popular. Dona Dá atingiu a marca de 3.643 votos com o slogan “Carnaval sem Dona Dá não dá”. Em 2011 foi homenageada pelo boneco gigante mais famoso do Carnaval de Olinda, o “Homem da Meia Noite”. A entrevista foi realizada na casa da própria no dia 25/05/2013 e durou cerca de 3h.

Tiago a “Bruxa do Carnaval” (MORADOR DE OLINDA, PARTICIPANTE DO ENCONTRO NÃO VINCULADO E NENHUM BOI OU BLOCO). A “Bruxa do Carnaval” é a fantasia/personagem do morador da Henrique Dias, rua paralela à Boa Hora. A entrevista foi realizada no dia 21/12/2013, na casa do próprio e durou cerca de uma hora.

Habib (BRINCANTE *FREE LANCER* e BOI ZABUMBA). Do Cairo, morador e Olinda há nove anos, já montou um boi e brinca espontaneamente em vários durante a Quarta de Cinzas sem ter vínculo específico com nenhum. A entrevista foi realizada no dia 19/02/2014 em uma sorveteria, na Praça do Carmo, em Olinda. Teve duração de aproximadamente 40 minutos.

Carlos Eugênio (MORADOR DA RUA DA BOA HORA). Sobrinho do antigo festeiro, Carlos Popó, um dos idealizadores da entrega de troféus na Rua da Boa Hora - já falecido. Carlos foi quem ajudou Dona Dá a escrever o projeto e a prestar contas junto à FUNDARPE – órgão do Governo do Estado de Pernambuco. É também presidente do Bloco “Mulher na Vara” do qual Dona Dá é a madrinha. A entrevista foi realizada na casa do próprio e 23/12/2013 e teve duração de aproximadamente 50 minutos.

Hélder (BOI DA GURITA E BOI MARINHO). Um dos primeiros participantes do Encontro, ligado ao movimento *Manguebeat*. A entrevista foi realizada no dia 23/12/2015 na casa do entrevistado. Teve duração de cerca de 7 horas.

Siba (BOI DA GURITA E BICHARADA). Um dos primeiros participantes do Encontro, ligado ao movimento *Manguebeat*. A entrevista foi realizada na casa de Siba, em São Paulo em 12/10/2013. Durou cerca de 2h30, aproximadamente.

Petrônio Cunha (MORADOR DA RUA DA BOA HORA/OBSERVADOR DO ENCONTRO). Mora em frente à Dona Dá, foi um dos homenageados no evento onde elegeram 10 personalidades de Olinda, no âmbito do projeto enviado à FUNDARPE. A entrevista foi realizada no dia 19/02/2014 na casa do próprio. Teve duração de aproximadamente 1h20.

Caçapa (BOI ALINHADO e BOI DENDÊ). Segunda geração desta “safra” de bois na Boa Hora ligados ao maracatu; também vinculado ao movimento *Manguebeat*. A entrevista foi realizada no dia 22/04/2014. Teve duração de aproximadamente 3h.

Manoelzinho Salustiano (BOI DA GRÉIA). Um dos bois mais recentes. A entrevista foi realizada no dia 22/02/2014, no quintal da casa do próprio e teve duração de aproximadamente 50 minutos.

Guga (BOI DA GURITA, BICHARADA E BOI MARINHO) divide com Siba os cuidados do Boi da Gurita, que em 2014 tornou-se A Bicharada, participa também do Boi Marinho. Ligado ao movimento *Manguebeat*. A entrevista foi realizada no dia 23/02/2014, na casa do próprio, antes da brincadeira do “Boi da Guritinha” - versão infantil do “Boi da Gurita”. Teve duração de aproximadamente 1h.

Abul (BOI DA MATA). Boi vinculado às questões ecológicas e movimentos comunitários. Tem relações com uma ONG, e com o filho do Capitão Antônio Pereira, líder do renomado e documentado, por Hermilo Borba Filho, Bumba meu Boi, Boi Misterioso de Afogados. A entrevista foi realizada no dia 25/02/2014 dentro da mata com o qual o Boi da Mata se relaciona. Teve duração de aproximadamente 1h20.

Fred (BOI CARA DE SAPO). Líder do primeiro boi citado nas entrevistas como base para os outros bois que participaram da primeira geração do Encontro.

Artur Moraes (MORADOR DA RUA DA BOA HORA e ANTIGO COMPONENTE DO BOI DA BOA HORA). A entrevista foi realizada na casa do próprio em 06/03/2014 e teve duração de aproximadamente 1h.

Lula Marcondes (BOI ALINHADO, BOI DENDÊ, MORADOR DE OLINDA) A entrevista foi realizada no dia 27/04/2014 na casa do interlocutor. Teve duração de aproximadamente 4h.

Alexandre Xaxá (Associação de Moradores de Olinda – Sociedade Olindense de Defesa da Cidade Alta/SODECA). A entrevista foi realizada dia 01/07/2014 na casa do próprio. Teve duração de aproximadamente 50 minutos.

Maciel (BOI DO CUPIM). Primeiro boi da Família Salustiano, é também artista vinculado ao Movimento *Manguebeat*. A entrevista foi realizada no dia 28/04/2014 na cafeteria da Praça do Carmo, em Olinda. A entrevista teve duração de aproximadamente 2h.

Paulo Francisco (MORADOR DA RUA DA BOA HORA E COLABORADOR NA CONFECÇÃO DOS TROFÉUS). A entrevista foi realizada no dia 24/04/2014 na casa do interlocutor que mora ao lado de Dona Dá e teve duração de aproximadamente 2h.

Zé Freitas (OBSERVADOR DO ENCONTRO). Dono do bar da esquina que muitas pessoas frequentam durante o Encontro. Seu bar é também utilizado como ponto de encontro dos moradores da Rua da Boa Hora durante o fim de semana e, especialmente quando ocorre o “Festival Gastronômico da Boa Hora”. Em 2014 teve início a “Noite do Vinil”.

Zé Carlos (BOI PRAIEIRO). Boi de Itapuama, à cerca de uma hora de deslocamento até Olinda. A entrevista foi realizada dia 10/07/2014 na casa do próprio. Teve duração de aproximadamente 1h30.

Ômega (BOI COTE). Do Coletivo “A Bagaceira”. O boi mais recente, que vem de Igarassu, distante de Olinda a cerca de 40 minutos de deslocamento. A entrevista foi realizada no dia 26/04/14 na casa do interlocutor. Teve duração de aproximadamente 3h30.

Hemerson (BURRASTA). Líder da Burra Rastafári. A entrevista foi realizada no dia 02/05/2014 na casa do interlocutor. Teve duração de aproximadamente 2h.

Boró (BLOCO DA CULTURA INDÍGENA). Líder do Bloco Indígena que participa do encontro. A entrevista foi realizada no dia 28/04/2014 na cafeteria da Praça do Carmo, em Olinda. Teve duração de aproximadamente 1h30.

Zé da Macuca (BOI DA MACUCA). Líder do boi que vinha de Correntes, cerca de 3h35 de deslocamento até Olinda. Dono da Fazenda da Macuca. A entrevista foi realizada em 20/06/2014 e teve duração de cerca de 3h20

Zé Borba (BOI ESTRELA) Mestre de outro boi do interior, de Condado cerca de 2h de deslocamento até Olinda. É também atualmente um dos mais idosos “Palhaços Mateus” em atuação no folguedo Cavalo Marinho. A entrevista foi realizada no dia 06/07/2014, na casa do próprio e teve duração de 2h.

Roberto (BOI TIRA TEIMA) Outro boi do interior, de Caruaru. 2h4 de tempo de condução estimado até Olinda. Aparentemente o único boi do “Encontro” com tradição familiar em Boi de Carnaval. A entrevista foi realizada dia 25/06/2014 na sala da FUNDARPE, em Caruaru. Teve duração de aproximadamente 3h.

Antônio Nóbrega (BOI DA BOA HORA e HOMENAGEADO ESPECIAL NO EVENTO TROFÉU DA BOA HORA). Um dos fundadores do Boi da Boa Hora. A entrevista foi realizada dia 02/12/2014 na casa do próprio, em São Paulo. Teve duração de aproximadamente 2h40.

Clarice Andrade – (REPRESENTANTE DA PREFEITURA DE OLINDA). A entrevista foi realizada no dia 29/04/2014, na SEPAC de Olinda e durou cerca de duas horas.

Paulo Otávio Carvalho – (REPRESENTANTE DO GOVERNO DO ESTADO DE PERNAMBUCO). A entrevista foi realizada na FUNDARPE em 29/04/2014 e teve duração de aproximadamente 2h.

Antônio Cruz – (REPRESENTANTE DA FUNDARPE), entrevistado em 02/04/2014 em seu local de trabalho durante 40 minutos.

Aelson da Hora – (PRESIDENTE DO BOI FACEIRO E DA “FEDERAÇÃO CULTURAL DOS BOIS E SIMILARES DO ESTADO DE PERNAMBUCO/FECBOIS-PE”). A entrevista foi realizada no dia 18/06/2014 na Casa da Cultura que fica próxima à Sede do Boi Faceiro. Teve duração de aproximadamente 3h.

Gabriel, Muia e Nylber (PIFE FLOYD). Os compadres que lideram o bloco pífano-rock no encontro. Os três moravam em Olinda, porém somente Gabriel no Sítio Histórico. A entrevista foi realizada dia 19/06/2014 na casa do Nylber. Teve duração de aproximadamente 3h.

Dani e Renato (BOI MOJUBÁ). Dani é a liderança carioca que mora em Olinda e foi responsável pela inserção de elementos do Boi do Maranhão no Boi Mojubá. A entrevista foi realizada dia 30/06/2014 na casa dos próprios. Teve duração de aproximadamente 4h.

Benedito – (FILHO DO CAPITÃO PEREIRA). Entrevista realizada em 22/06/2014, por 1h

Sônia – (MORADORA DA RUA DA BOA HORA) A entrevista foi realizada dia 12/07/2014 na casa da própria. Teve duração de aproximadamente 5 minutos.

Geane - (MORADORA DA RUA DA BOA HORA) Responsável pelo grupo “As Noivas”. A entrevista foi realizada dia 12/07/2014 na casa da própria. Teve duração de aproximadamente 20 minutos.

Barão - (MORADOR DA RUA DA BOA HORA). Realiza a “Festa de São Pedro” na Boa Hora e é também responsável pelo “Bloco do Barão”. A entrevista foi realizada dia 12 de julho de 2014 na casa do próprio. Teve duração de aproximadamente 20 minutos.

José Batista Neto – (ANTIGO COMPONENTE DO BOI DA BOA HORA). A entrevista foi realizada dia 20/06/2014 na UFPE. A entrevista teve duração de aproximadamente 1h30.

Antônio Paulo Resende – (UM DOS FUNDADORES DO BOI DA BOA HORA). A entrevista foi realizada no dia 30/04/2014 na UFPE. Teve duração de aproximadamente 2h.

Antônio Prego - vinculado ao Boi Tira Teima. A entrevista foi realizada dia 25/06/2014 na sala da FUNDARPE em Caruaru. Teve duração de aproximadamente 35 minutos.

Luiz Lourenço e Pedro Aarão - também vinculados o Boi Tira Teima. Entrevista realizada em 29/06/2014 com duração de cerca de 1h30.

Roberta Jansen - me viu perdido na FUNDARPE e se solidarizou comigo. Produtora Cultural. Participa durante muitos anos do Encontro. Entrevista foi realizada dia 02/07/2014 no Plaza Shopping. Com duração de aproximadamente 2h.

Gabriela Apolônio - amiga de longa data. Lembra-se do evento “Troféu da Boa Hora”, que segundo uma das narrativas teria dado "origem" ao Encontro de Bois. A entrevista foi realizada dia 5/07/2014 na casa da própria. Teve duração de aproximadamente 1h.

Antônio Montenegro – (UM DOS FUNDADORES DO BOI DA BOA HORA). A entrevista foi realizada dia 29/01/2015 na UFPE. Teve duração de aproximadamente 40’.

João Gabriel - (BLOCO DA CABRA). Em questionário respondido por e-mail em 7/04/2015.

APÊNDICE B – ROTEIROS DE ENTREVISTAS.

Roteiro de entrevista com lideranças dos bois

** Falar de parar quando quiser e da possibilidade de agendar, caso queira, em outra ocasião para continuarmos.*

** Pedir para gravar e iniciar falando o dia, hora e local da entrevista.*

História de vida

Introdução

- Para começar, gostaria que dissesse seu nome completo, data e local de nascimento.
- Poderia por gentileza confirmar seus contatos?
- E o seu endereço?

Infância/adolescência

- Qual a origem da sua família?
- Poderia me contar um pouco da sua infância?
- Tem irmãos?
- Quantos? Onde se situa pela ordem de nascimento?
- Como era o ambiente familiar?
- Foi criado pelos seus pais?
- O que seus pais faziam profissionalmente? Viviam de quê?
- Poderia descrever fatos marcantes da sua infância?
- E da escola, gostava?
- Estudou até que série? Tinha outras atividades além de estudar?
- Como foi seu desempenho na escola?
- Tinha muitos amigos ou ficava mais só?
- E a adolescência, como foi?
- Fazia outra atividade nesse período?
- Queria fazer o que quando fosse adult@?

Vida adulta

- Estudou até que série?
- O que fez após a escola?
- Trabalhou? Com que idade começou?
- Qual foi o primeiro emprego?
- Quais profissões já exerceu?
- Gostava dos trabalhos?
- Casou?
- Como é/foi o casamento?
- Teve filhos?
- Como é a relação com eles?
- E a relação com amigos?
- O que a faz no dia a dia, como é sua rotina?
- Como vive?

História relação com as tradições

- Qual sua relação com as manifestações populares?
- Sempre brincou?

- O que?
- O que faz durante o Carnaval?
- Quais foram os primeiros contatos com os bois?

História do Encontro de Bois

- Como você chama o que acontece em Dona Dá na Quarta de Cinzas?
- Como você acha que começou?
- Sabe se acontecia algo neste dia e local antes?
- Como acontece o Encontro?
- Quem são as presenças principais na realização do evento? Quem sempre está?
- Há alguém que não possa faltar?
- Qual a sua participação no Encontro?
- Ajuda de alguma outra forma?
- Nesses anos que participa, mudou alguma coisa?
- Como gostaria que fosse, por exemplo, daqui a cinco anos?
- Sabe se há ou houve alguma ajuda do Poder Público ou da iniciativa privada para realização do evento?
- O que acha disto?
- O que é necessário para fazer o Encontro acontecer?
- Por que participa do Encontro?
- Por que Encontro de Bois?
- Por que Olinda?
- Por que Dona Dá?
- Por que na Boa Hora?
- Por que na Quarta de Cinzas?

Sobre o seu Boi:

- Qual o nome oficial?
- Como começou?
- Como acontece?
- Há algum financiamento ou remuneração?
- Quem pode participar?
- O que tem que ter para o boi sair?
- Qual o ponto de esquentar?
- Qual o itinerário?
- Qual o ritmo/ou tradição que tocam?
- Quais são as principais funções na brincadeira?
- Seu grupo brinca em outros períodos do ano?

Finalização:

- Se fosse contar pra alguém que nunca viu o que é o Encontro de Bois, o que diria?
- *Solicitar contatos de outras lideranças/grupos.*

Roteiro de entrevista com observadores do encontro

** Falar de parar quando quiser e da possibilidade de agendar, caso queira, em outra ocasião para continuarmos.*

** Pedir para gravar e iniciar falando o dia, hora e local da entrevista.*

Introdução

- Para começar, gostaria que dissesse seu nome completo, data e local de nascimento.
- Poderia por gentileza confirmar seus contatos?
- E o seu endereço?
- Qual a sua profissão/ocupação?
- Há quanto tempo tem/trabalha?
- Como é o movimento comumente?
- Percebe diferença no Carnaval Recife e Olinda?
- O que você mais gosta do Carnaval em Olinda?
- E na Quarta Feira de Cinzas, você vai?
- Vai fazer o que?

Encontro de Bois

- O que sabe sobre o que acontece na Quarta de Cinzas, em frente à casa de Dona Dá?
- O que acha disto?
- Percebe alguma diferença entre o que acontece durante o Carnaval?
- Sabe dizer se acontecia algo neste dia e local antes?
- Como acontece o Encontro em sua opinião?
- Por que Dona Dá?
- Nesses anos que participa, percebeu alguma mudança?

Finalização:

- Se fosse contar pra alguém que nunca viu o que é o Encontro de Bois, o que diria?
- Tem contato de alguém que participa do Encontro?